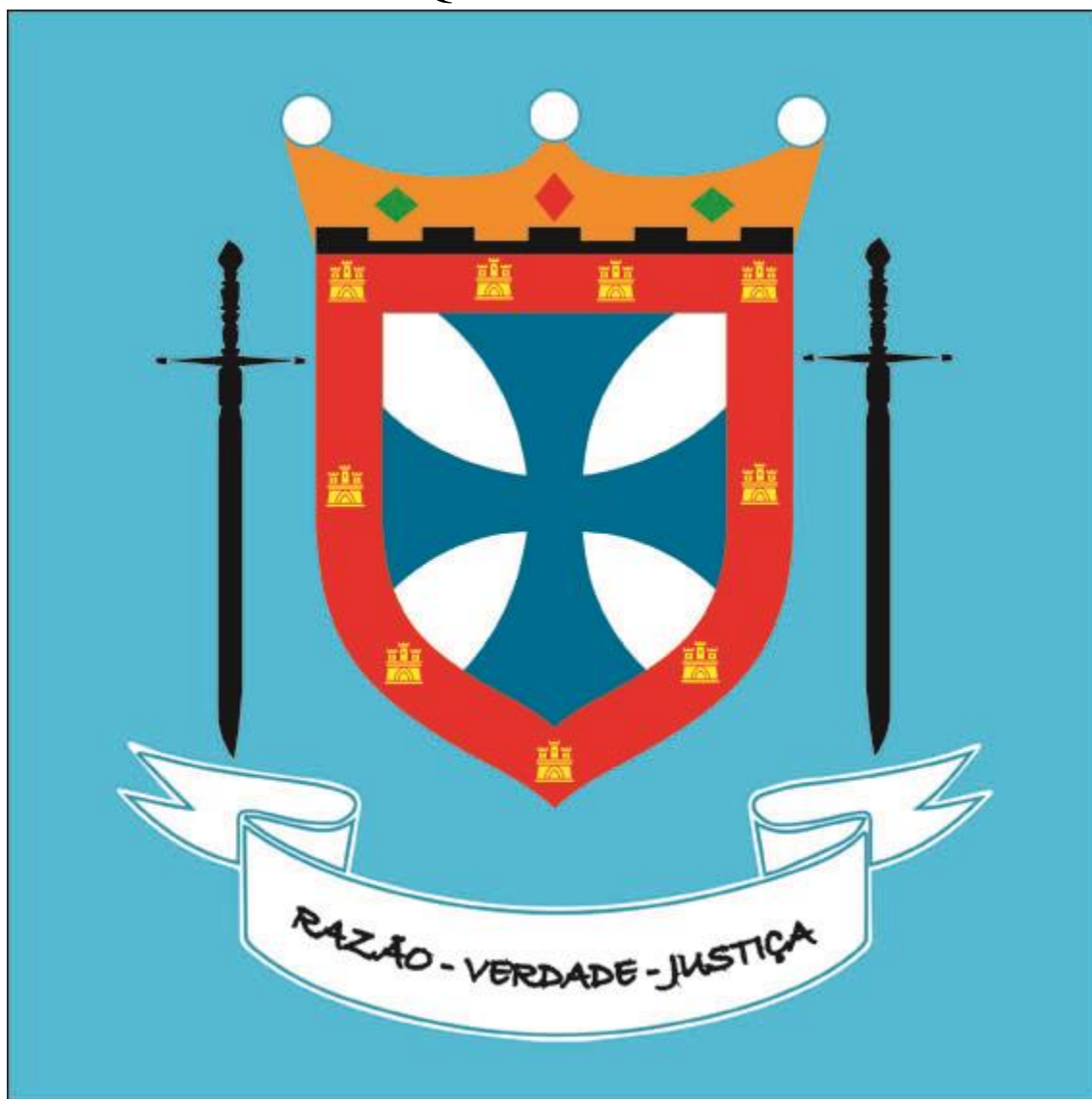


CASA IMPERIAL PORTUGUESA
COLECÇÃO
LEGISLAÇÃO COMPLEMENTAR
AO REAL CÓDIGO DO PROCESSO PENAL
MONÁRQUICO PORTUGUÊS



DIPLOMA DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO

TÍTULO PRIMEIRO – SOLANÁCEAS E TABACO.

CAPÍTULO PRIMEIRO – DISPOSIÇÕES GERAIS.

ARTIGO PRIMEIRO – OBJECTO E DEFINIÇÕES.

1 – O presente diploma tem por objectivo estabelecer a definição do regime jurídico aplicável:

a) Ao controlo do mercado lícito das actividades das solanáceas e do tabaco e dos produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, com excepção do ensino das solanáceas e do tabaco constante do DIPLOMA DA EDUCAÇÃO, para fins de consumo pessoal, medicinais, didácticos, de investigação científica e outros, bem como dos percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em todo o processo;

b) Ao tráfico, produção, fabrico, comercialização, uso, utilização e consumo ilícito de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como dos percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em todo o processo; e

c) Ao consumo de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades e à protecção sanitária e social dos cidadãos que consomem os mesmos produtos.

2 – Para efeitos do disposto no presente diploma, entende-se por:

a) SOLANÁCEAS – Planta herbácea da família das dicotiledóneas a que pertencem ervas ou arbustos, menos vezes árvores ou lianas, com folhas simples, inteiras ou diversamente recortadas, alternas e sem estípulas, flores actinomórficas, de corola rodada a campanulada, afunilada ou tubulosa, pentâmeras, vistosas e de várias cores, ovário súpero e fruto em baga ou cápsula;

b) TABACO – Cigarro, cigarrilha, charuto, cachimbo, rapé, onça, essência ou poção obtida mediante processo natural ou de preparação e tratamento das folhas parcialmente fermentadas das solanáceas, cujo seu uso e utilização para fumar, cheirar ou mascar, produzem por via do seu consumo efeitos secundários no modo de ser, estar e existir humano, físico, psicológico e emocional;

c) PRODUTO PROVENIENTE OU ORIUNDO DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – Toda a solanácea ou tabaco, ou matéria da solanácea ou do tabaco nomeadamente os acessórios como os cigarros electrónicos e utensílios em uso, utilização e consumo nas actividades das solanáceas e do tabaco, das famílias e dos sectores de actividade económicos destes dependentes;

d) **SERVIÇO PRESTADO PROVENIENTE OU ORIUNDO DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO** – Toda a acção de preparação, secagem, conservação, embalagem e outras acções de transformação que não alterem as características próprias dos produtos das solanáceas e do tabaco em exercício nas actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades;

e) **PRODUTO** – Actividades das solanáceas e do tabaco, bem como os produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades obtidos nas actividades das solanáceas e do tabaco;

f) **PRODUÇÃO** – A obtenção por métodos técnicos artesanais de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma, a partir de organismos naturais;

g) **FABRICO** – A obtenção por quaisquer métodos técnicos industriais de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma, a partir de organismos naturais;

h) **MANIPULAÇÃO** – O processo físico ou químico mediante o qual se caracteriza a qualidade, a especificidade e as características próprias das solanáceas e do tabaco em uso e utilização nas actividades das solanáceas e do tabaco e dos produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como das matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma;

i) **IMPORTAÇÃO** – A introdução no espaço territorial português de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma, provenientes de estados soberanos exteriores ao império português;

j) **EXPORTAÇÃO** – A saída do espaço territorial português para estados soberanos exteriores ao império português de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma;

l) **TRÂNSITO** – A passagem pelo espaço territorial português ou o transbordo de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma;

m) **INTRODUÇÃO** – A entrada física no espaço territorial português de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma, provenientes de outro estado soberano constituinte do império português;

n) **EXPEDIÇÃO** – A saída física do espaço territorial português de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma, para outro estado soberano constituinte do império português;

o) **INSTALAÇÕES do OPERADOR** – Todo o campo, terreno ou espaço de cultivo ou infra-estrutura ocupada por um operador num determinado local, envolto das actividades constantes do presente diploma;

p) **COLOCAÇÃO no MERCADO** – Toda a acção de fornecimento da comunidade, a título oneroso ou gratuito de actividades das solanáceas e do tabaco, de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades e de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias inventariados, susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma, bem como a armazenagem, o fabrico, a produção, a manipulação, o comércio, a distribuição ou a corretagem dessas matérias para efeitos de fornecimento da comunidade;

q) **OPERADOR** – Toda a pessoa singular ou colectiva que exerce a sua actividade profissional com actividades das solanáceas e do tabaco e produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como com percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma.

ARTIGO SEGUNDO – TABELAS.

1 – Classificação das actividades das solanáceas:

- a) Biológica;
- b) Tradicional;
- c) Extensiva;
- d) Intensiva;
- e) Moderna.

2 – Classificação das actividades do tabaco:

- a) Tabaco louro – Havana, Virgínia, Maryland;
- b) Tabaco Alsácia;

- c) Tabaco Cuba;
- d) Tabacos de cheiro – Esturrinho, Rapé;
- e) Essências de tabaco;
- f) Poções de tabaco;

3 – Classificação dos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco:

- a) Solanáceas:
- b) Tabaco:
- c) Acessórios das solanáceas e do tabaco:
- d) Utensílios das solanáceas e do tabaco:
- e) Outros produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco:

4 – Classificação dos serviços prestados provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco:

- a) Actividades de preparação:
- b) Actividades de secagem:
- c) Actividades de conservação:
- d) Actividades de embalamento:
- e) Outras actividades de transformação:

5 – Classificação das actividades das solanáceas e do tabaco e dos produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades proibidos, de produção, fabrico, comercialização e consumo:

- a) Actividades das solanáceas:
- b) Actividades do tabaco:
- c) Produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas:
- d) Produtos provenientes ou oriundos das actividades do tabaco:
- e) Serviços prestados provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas:

- f) Serviços prestados provenientes ou oriundos das actividades do tabaco:

6 – Classificação dos percursos das actividades das solanáceas e do tabaco:

7 – Classificação das matérias-primas das actividades das solanáceas e do tabaco:

8 – Classificação das matérias subsidiárias das actividades das solanáceas e do tabaco:

9 – As tabelas serão obrigatoriamente actualizadas de acordo com as alterações no padrão de uso, utilização e consumo do mercado português e com as alterações aprovadas pelo órgão próprio das nações unidas, segundo as leis previstas nas convenções ratificadas pelo estado português.

ARTIGO TERCEIRO – ÂMBITO DA APLICAÇÃO E DO CONTROLO.

1 – A produção, fabrico, emprego, comércio, distribuição, importação, exportação, introdução, expedição, trânsito, transbordo, a detenção a qualquer título, a colocação no mercado, as actividades intermédias e o uso, utilização e consumo de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias em uso e utilização nas actividades constantes do presente diploma, ficam sujeitos e obrigados aos condicionamentos, autorizações e fiscalização constantes do presente diploma.

2 – Ficam obrigados a controlo todas as actividades das solanáceas e do tabaco e produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias referidas nas convenções relativas às solanáceas e ao tabaco em exercício, uso e utilização nas actividades constantes do presente diploma ratificadas por Portugal e respectivas alterações, bem como outras essências e poções incluídas nas tabelas anexas ao presente diploma.

ARTIGO QUARTO – LEIS E CONCEITOS TÉCNICOS.

1 – As leis e os conceitos técnicos contidos no presente diploma são compreendidos em harmonia com as convenções relativas a solanáceas e ao tabaco em uso e utilização nas actividades constantes do presente diploma ratificadas pelo estado português.

2 – O presente diploma explicitará as leis exigidas à integridade de todo o processo e à sua plena execução, mencionando a referencia às quotas de produção e de fabrico, aos cidadãos e entidades autorizados ou autorizadas a adquirir actividades das solanáceas e do tabaco e produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades em exercício, uso e utilização nas actividades constantes do presente diploma, às condições de entrega, aos registos a elaborar, às comunicações e informações a prestar, aos relatórios a fornecer, às características das embalagens, rótulos, folhetos informativos, aos benefícios e às restrições das liberdades sociais, bem como às taxas do exercício das actividades e às sentenças inerentes ao desrespeito e violação pela regulamentação do presente diploma.

ARTIGO QUINTO – DEVER GERAL DE INFORMAÇÃO.

1 – Todos os cidadãos ou entidades autorizados ou autorizadas a praticar actividades das solanáceas e do tabaco e com uso e utilização de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como com percursos,

matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma, são obrigados a prestar no imediato momento em que legitimamente lhes for exigida e requerida, todas as informações e elementos solicitados pelas entidades com poder de fiscalização e controlo.

ARTIGO SEXTO – LIBERALIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO E DOS PRODUTOS E SERVIÇOS PRESTADOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS MESMAS ACTIVIDADES.

1 – A liberalização do exercício das actividades das solanáceas e do tabaco e dos produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades compreendidos no artigo 2º, do presente capítulo, faz-se mediante a responsabilização dos actos de cada um profissional e de cada um cidadão consumidor, tendo presente os benefícios e as restrições das liberdades sociais inerentes ao seu consumo, durante o período de tempo compreendido pelo seu efeito directo no organismo de cada um cidadão, devidamente mencionado na embalagem de cada um produto, comprometendo-se o próprio consumidor à exigência do máximo rigor, integridade e responsabilidade dos actos perpetrados.

ARTIGO SÉTIMO – MINISTROS DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – São ministros das solanáceas e do tabaco:

- a) O ministro da agricultura das solanáceas;
- b) O ministro do tabaco.

CAPÍTULO SEGUNDO – AUTORIZAÇÃO, LICENCIAMENTO E FISCALIZAÇÃO.

ARTIGO PRIMEIRO – LICENCIAMENTOS, CONDICIONAMENTOS E AUTORIZAÇÕES.

1 – O real instituto do tabaco português é a entidade competente a nível nacional para estabelecer condicionamentos e conceder, revogar ou suspender as autorizações para as actividades relacionadas com solanáceas e tabaco e com produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, dentro dos limites estritos das necessidades do reino de Portugal e do cumprir os acordos comerciais estabelecidos com os países constituintes do império português e com o mundo, dando prevalência aos interesses de ordem médica, didáctica, de investigação científica e de consumo pessoal, bem como certificar a qualidade do produto obtido em todo o processo de produção e fabrico.

2 – Ao sector ministerial das solanáceas compete com base nos dados fornecidos pelo real instituto do tabaco português emitir a declaração de importação ou introdução, bem como a autorização de exportação ou expedição de actividades das solanáceas e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades.

3 – Ao sector ministerial da indústria respectivo compete com base nos dados fornecidos pelo real instituto do tabaco português emitir a declaração de importação ou introdução, bem como a autorização de exportação ou expedição de actividades do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos e matérias subsidiárias em uso e utilização nas actividades do tabaco, de produção e fabrico e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades.

4 – Ao sector ministerial da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da agricultura e dos vegetais ou da extracção e dos minerais respectivo compete com base nos dados fornecidos pelo real instituto do tabaco português emitir a declaração de importação ou introdução, bem como a autorização de exportação ou expedição de matérias-primas envolvidas do uso e utilização nas actividades das solanáceas e do tabaco, de produção e fabrico e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades.

5 – A área presidencial da agricultura e dos vegetais é a autoridade nacional com competências para licenciar os campos, terrenos e espaços agrícolas e urbanos onde se realizará a produção e o fabrico de actividades das solanáceas em uso e utilização no consumo das famílias e dos sectores de actividade económicos destas dependentes.

6 – A área presidencial da indústria é a autoridade nacional competente para licenciar os estabelecimentos artesanais e industriais onde se realizará a produção e o fabrico de actividades do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como dos percursos e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, e todo o processo de laboração das mesmas.

7 – A área presidencial da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da agricultura e dos vegetais ou da extracção e dos minerais é a autoridade nacional competente para licenciar as matérias-primas em uso e utilização na produção e fabrico de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, bem como todo o processo de laboração das mesmas.

8 – A área presidencial do comércio é a autoridade nacional com competências para licenciar os estabelecimentos de venda ao público de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma.

9 – A guarda real portuguesa é a autoridade nacional com competência para licenciar as condições de segurança dos campos agrícolas e das infra-estruturas envolvidas do armazenamento, embalamento, da produção e do fabrico de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, bem como dos estabelecimentos de venda ao público.

10 – Os reais sapadores portugueses são a autoridade nacional com competências para licenciar as condições de habitabilidade e protecção das infra-estruturas envolvidas do

armazenamento, embalagem, da produção, do fabrico e da comercialização de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma.

11 – Compete a cada uma ordem profissional envolta do exercício das actividades requeridas certificar a qualificação dos respectivos profissionais envolvidos do exercício de actividades constantes da autorização.

12 – Compete aos órgãos de soberania fiscais, comprovar a idoneidade e integridade de cada um dos contribuintes mencionados ao exercício das actividades constantes da autorização.

13 – Compete aos órgãos de soberania jurídicos, comprovar a idoneidade e integridade por via do registo criminal de cada um dos cidadãos mencionados ao exercício das actividades constantes da autorização, adoptando uma atitude idónea, integra e valorosa face ao registo criminal por crimes praticados no presente diploma.

14 – O despacho de autorização, revogação ou suspensão das actividades constantes do presente diploma concedido pelo real instituto do tabaco português, é publicado, divulgado e difundido pelos meios de comunicação da CASA IMPERIAL PORTUGUESA e estabelece as condições a observar pelo requerente.

15 – Cada autorização genérica concedida não ultrapassará o período de cinco anos, sendo prorrogada por igual período de tempo por comunicação do real instituto do tabaco português em cada ciclo enquanto se afirmarem válidas e fundamentadas as necessidades, exigências e os fins a que se destinam.

ARTIGO SEGUNDO – PROCESSAMENTO DE AUTORIZAÇÃO.

1 – Compete ao real instituto do tabaco português analisar a viabilidade e exequibilidade de cada um pedido de autorização para o exercício das actividades constantes do presente diploma, para cada um ano de exercício, nos termos dos deveres, responsabilidades e compromissos que afirma face às necessidades e exigências internas e aos acordos e compromissos comerciais imperiais portugueses e internacionais.

2 – Aprovada a avaliação da viabilidade e exequibilidade do projecto compete ao real instituto do tabaco português emitir a declaração de projecto às autoridades competentes envolvidas de cada uma licença exigidas ao exercício da actividade, para que procedam de forma a uma certificação idónea, integra e rigorosa e que de forma célere emitam a respectiva licença face às responsabilidades da acção a desenvolver.

3 – Compete a cada uma entidade responsável pela certificação avaliar, qualificar e certificar as características próprias inerentes ao exercício da respectiva actividade e a sua fidedignidade na competência das funções a cumprir e a realizar, pelo que não correspondendo à integridade do processo sublinhará os factores negativos da não concessão da licença respectiva.

4 – Compete ao real instituto do tabaco português com todas as licenças das entidades competentes respectivas envolvidas de todo o processo, emitir a autorização ao exercício da respectiva actividade ou indeferir a autorização da actividade proposta,

comunicando a todas as entidades envolvidas da autorização a deliberação imposta e no caso de não concessão remetendo a cópia do parecer negativo da entidade ou entidades que o indeferiram.

5 – Às entidades certificadoras de licença para o exercício das actividades constantes do presente diploma compete em todo o espaço de tempo que se processar a respectiva autorização, a verificação da integridade e fidedignidade de todo o processo de licenciamento respectivo.

ARTIGO TERCEIRO – FISCALIZAÇÃO.

1 – Compete ao real instituto do tabaco português e à guarda real portuguesa e ao órgão de soberania jurídico da área de circunscrição respectiva das actividades constantes do presente diploma, fiscalizar as actividades autorizadas de produção, fabrico, emprego, comércio, distribuição, importação, exportação, introdução, expedição, transito, aquisição, venda, entrega, detenção, uso e utilização de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma.

2 – Na fiscalização das actividades autorizadas referidas no número anterior pode a qualquer momento ser feita inspecção aos locais de produção, fabrico, comércio, às instalações e meios de transporte e ser solicitada a apresentação e exibição de licenças, certificados, autorização, documentos, registos e produtos da actividade respectivos.

3 – Antes do início da fiscalização, o responsável pela referida inspecção identifica-se devidamente através de cartão próprio ou mediante credencial onde se mencione o seu poder de fiscalização.

4 – Se o cidadão ou entidade inspeccionado ou inspeccionada se negar e recusar a exhibir os dados ou elementos solicitados, é comunicado no imediato momento ao órgão de soberania jurídico da área de circunscrição geográfica respectiva e é pedida a intervenção das autoridades policiais para que se concretize a diligência, devendo o facto constar do relatório de inspecção, permanecendo a autoridade policial até à concretização da acção a realizar.

5 – As infracções detectadas são comunicadas no imediato momento às autoridades jurídicas que accionaram as autoridades judiciais com vista à investigação criminal e ao apuramento da veracidade da integridade de todo o processo.

6 - A toda a entidade interveniente no processo de fiscalização dos cidadãos ou entidades detentores ou detentoras de autorização para o exercício das actividades constantes do presente diploma, compete elaborar em cada uma acção de fiscalização o respectivo relatório de inspecção da operação realizada, permanecendo a entidade fiscalizadora com o original e o cidadão ou entidade visado ou visada pela inspecção com uma cópia do mesmo relatório, devidamente datado e assinado por ambas as partes que arquivaram para que conste como prova do acto realizado, ou em caso da constatação de irregularidades verificadas será incorporado no processo-crime respectivo.

7 – Mediante portaria conjunta das áreas presidenciais da agricultura e dos vegetais, da saúde, da indústria, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais, humana, natural, universal, da ordem e da justiça será proibida a produção ou o fabrico de actividade das solanáceas e do tabaco específica da qual se possa por via da manipulação, produção, fabrico ou preparação obter actividade das solanáceas ou do tabaco, ou produto proveniente ou oriundo das mesmas actividades proibido, bem como percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, de modo e forma a salvaguardar, defender e proteger a moralidade ou a saúde pública e impedir o tráfico e a comercialização ilícita de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma.

ARTIGO QUARTO – NATUREZA DAS AUTORIZAÇÕES.

1 – As autorizações concedidas pelo real instituto do tabaco português são intransmissíveis, não podendo ser cedidas ou utilizadas por outrem a qualquer título.

2 – Sempre que se trate de cidadãos ou entidades com filiais ou depósitos é necessário a respectiva autorização para cada um espaço.

3 – Os pedidos de autorização ou manutenção da autorização das actividades constantes do presente diploma, são dirigidos ao presidente do real instituto do tabaco português, em suporte de papel ou por via electrónica, devendo ser acompanhados por:

a) Cópia do bilhete de identificação de cada um elemento envolvido no processo de autorização e das demais obrigações legais;

b) Cópia do cartão de contribuinte se o mesmo for requerido por cidadão em nome individual ou do cartão de contribuinte da empresa nos casos em que o mesmo se verifique;

c) Bilhete de identidade de todos os cidadãos intervenientes no exercício da actividade e declaração de competências, cargos e funções exercidas por cada um no exercício da actividade respectiva;

d) Certificado passado pela ordem bastonária respectiva de cada um dos cidadãos intervenientes no exercício da actividade;

e) Indicação das matérias-primas em uso e utilização no exercício da actividade, bem como dos percursos e das matérias subsidiárias exigidas;

f) Indicação da capacidade e qualidade do produto final a realizar;

g) Modos, métodos e técnicas em uso no exercício da actividade;

h) Planta da área de cultivo ou da implementação das instalações para a realização das actividades previstas, incluindo armazéns ou depósitos em uso e utilização.

4 – A decisão sobre o pedido de autorização é determinado pela celeridade dos procedimentos a adoptar por cada uma entidade envolta do processo de licenciamento.

5 – O pedido de autorização é indeferido sempre que as condições exigidas por cada uma entidade interveniente no processo de licenciamento não observarem cumpridos os requisitos legais para o exercício da respectiva actividade ou existirem fundadas razões para suspeitar que a actividade se destine para fins ilícitos.

6 – Sempre que no decurso da actividade se verifiquem alterações às informações constantes, o titular da autorização deve proceder no prazo de cinco dias à comunicação ao real instituto do tabaco português que accionará a entidade ou entidades da licença respectiva à observação da legalidade das alterações efectuadas.

ARTIGO QUINTO – REQUISITOS SUBJECTIVOS.

1 – Só podem ser concedidas autorizações a cidadãos ou entidades, cujos titulares, representantes legais e equipa técnica ofereçam garantias da idoneidade e integridade moral e profissional, devendo ser considerados para a avaliação do facto, parecer das várias ordens profissionais, dos órgãos de soberania jurídicos, fiscais, sociais e notariais, das entidades de saúde e financeiras respectivas, de todos os elementos envolvidos da acção a realizar, com a discriminação do cadastro respectivo.

ARTIGO SEXTO – MANUTENÇÃO E CADUCIDADE DA AUTORIZAÇÃO.

1 – No caso de falecimento, substituição dos intervenientes no processo ou de modos, métodos e técnicas em uso e utilização, ou mudança de firma, o requerimento de manutenção da autorização deve ser presente ao real instituto do tabaco português no prazo máximo de cinco dias, que se obrigará à verificação dos requisitos da idoneidade e integridade moral e profissional constante do artigo anterior dos novos factores intervenientes no processo, sempre que o mesmo se verificar.

2 – A autorização caduca sempre que se verificar a cessação da actividade, se declarado pelas entidades competentes a destruição do mesmo produto e se no caso do número anterior não for requerida a sua manutenção no prazo estabelecido nos termos da lei.

ARTIGO SÉTIMO – REVOGAÇÃO OU SUSPENSÃO DA AUTORIZAÇÃO.

1 – O real instituto do tabaco português deve revogar a autorização concedida, sempre que deixar de se verificar os requisitos exigidos para a sua concessão.

2 – Pode ter lugar a revogação da autorização ou ser ordenada a suspensão, por período de tempo determinado ou em definitivo, sempre que ocorra acidente técnico, subtracção ou deterioração de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes

do presente diploma ou outra qualquer irregularidade passível de determinar risco significativo para a saúde pública ou para o abastecimento ilícito do mercado, bem como no caso de incumprimento das obrigações que impendem sobre o beneficiário da autorização.

3 – Os despachos de revogação ou suspensão são publicados, divulgados e difundidos nos meios de comunicação da CASA IMPERIAL PORTUGUESA.

ARTIGO OITAVO – EFEITOS DA REVOGAÇÃO DA AUTORIZAÇÃO.

1 – No caso de revogação ou suspensão da autorização, o real instituto do tabaco português, solicitará no imediato momento ao cidadão ou entidade envolto ou envolta do processo a devolução das existências devidamente inventariadas de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, dos percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização nas actividades constantes do presente diploma que possua, bem como pode exigir a sua devolução a quem as tenha fornecido ou ceder a outros cidadãos ou entidades autorizados ou autorizadas no seu uso e utilização.

2 – A devolução ou cedência deve ser requerida no imediato momento da revogação ou da sentença judicial condenatória, devidamente quantificadas e qualificadas em todo o processo de inventariação e transferidos por ordem do real instituto do tabaco português para a reserva real do real instituto do tabaco português competente, para que se proceda à sua venda ou destruição, sempre que exista risco de deterioração ou de entrada ilícita no mercado.

3 – O produto da venda das existências em processo de revogação ou suspensão, reverte para o seu proprietário sempre que a revogação ou suspensão da autorização não se processe por via de sentença jurídica condenatória, sendo deduzidas as respectivas despesas do estado em todo o processo ou reverterem na sua plenitude para o estado sempre que a mesma se revista por via de acção jurídica.

ARTIGO NONO – REGISTO DE ACTIVIDADE.

1 – O Real instituto do tabaco português organiza o registo de pessoas singulares e colectivas autorizadas nos termos da lei a exercer actividades constantes do presente diploma, tendo presente o respectivo cadastro no qual são averbadas todas as infracções e remete o mesmo registo aos órgãos de soberania jurídico e policial da respectiva área de circunscrição geográfica, de modo e forma à adopção das medidas de segurança, fiscalização e controlo do exercício da respectiva actividade.

ARTIGO DÉCIMO – IMPORTAÇÃO, INTRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO E EXPEDIÇÃO.

1 – As operações de importação, introdução e de colocação no mercado interno de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, são comunicadas pelo real instituto do tabaco português ao correspondente sector ministerial da agricultura e dos vegetais, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais ou da indústria respectivo, de acordo com as necessidades e exigências prementes da vida do reino de Portugal, competindo ao respectivo ministro em colaboração com os técnicos do real instituto do tabaco português a averiguação no mercado imperial português ou internacional dos produtos a acordar, tendo em conta a qualidade do produto ou serviço e o seu estado de conservação ou eficiência.

2 – Compete ao real instituto do tabaco português avaliar para cada ano de exercício os excedentes de produção de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades da vida do reino de Portugal, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma e comunicar ao correspondente ministério da agricultura e dos vegetais, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais ou da indústria respectivo, que observará a nível do império português e internacional às instâncias competentes de cada estado soberano da existência de excedentes produtivos, de modo a acordar a sua transferência comercial.

3 – Sempre que existam indícios que a operação de importação, introdução, exportação ou expedição de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, se destinam à produção, fabrico ou transacções com fins ilícitos, as entidades responsáveis pela vigilância, transporte ou licenciamento informam no imediato momento as autoridades jurídicas, para que accionem as autoridades judiciais com vista à sua investigação.

4 – Compete ao correspondente ministério da agricultura e dos vegetais, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais ou da indústria respectivo comunicar ao real supremo tribunal de justiça português por via da cópia das declarações, todas as importações, introduções, exportações ou expedições de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, mencionando as respectivas entidades envolvidas do processo e respectivos estados soberanos.

5 – O real instituto do tabaco português no âmbito da sua competência para a concessão de autorizações de produção, fabrico e comercialização de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, adoptará em cada momento as medidas que entender necessárias e exigidas ao rigoroso e integro controlo das referidas operações.

6 – Aos produtores, fabricantes, importadores, introdutores, exportadores, expedidores, grossistas ou retalhistas licenciados e autorizados a produzir, fabricar ou comercializar actividades das solanáceas e do tabacos e produtos e serviços prestados

provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como percursores, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, que detiverem conhecimento de encomendas ou operações suspeitas e que não denunciarem às entidades fiscalizadoras nacionais, pode tendo presente a gravidade do facto ser-lhe retirado a licença ou revogada a autorização, sem prejuízo da aplicação do respectivo processo criminal.

7 - Mediante portaria conjunta das áreas presidenciais da agricultura e dos vegetais, da saúde, da indústria, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais, humana, natural, universal, da ordem e da justiça pode ser proibida a produção, fabrico, emprego, comércio, distribuição, importação, introdução, exportação, expedição, trânsito, transporte, a detenção por qualquer título, o uso e utilização de produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, bem como de percursores, matérias-primas e matérias subsidiárias constante do presente diploma específicos, sempre que essa medida se revele a mais apropriada para salvaguardar, defender e proteger a saúde pública e impedir o tráfico e a comercialização ilícita de produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, bem como de percursores, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma.

8 - A fiscalização, o controlo e a regulamentação prevista no presente artigo, não prejudicam a ponderação em todo o momento de medidas mais estritas, de modo e forma ao pleno, íntegro e rigoroso modo de processamento das actividades e acções constantes do presente diploma.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – COMPETÊNCIA FISCALIZADORA DOS ÓRGÃOS DE SOBERANIA FISCAIS E DAS ENTIDADES ALFANDEGÁRIAS.

1 - Sem prejuízo das competências dos órgãos de soberania jurídicos, da guarda real portuguesa e do real instituto do tabaco português e no sentido da máxima transparência de todo o processo, compete aos órgãos de soberania fiscais fiscalizar entre outras, as actividades de comércio, distribuição, aquisição, venda, transporte, entrega e detenção de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursores, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma e às entidades alfandegárias fiscalizar as actividades de importação, exportação, introdução e expedição, trânsito e transbordo em espaço territorial português.

2 - Na fiscalização das actividades autorizadas referidas no número anterior pode a qualquer momento ser feita inspecção aos locais de produção, fabrico, comércio, às instalações e meios de transporte e ser solicitada a apresentação e exibição de licenças, certificados, documentos, registos e produtos da actividade respectivos.

3 - As infracções detectadas são comunicadas no imediato momento às autoridades jurídicas que accionaram as autoridades judiciais com vista à investigação criminal e ao apuramento da veracidade da integridade de todo o processo.

4 – As entidades alfandegárias dão no imediato momento conhecimento ao real supremo tribunal de justiça português das operações de desalfandegamento que tenham por objectivo actividades das solanáceas e do tabaco e produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como percursores, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, com identificação do importador ou exportador, fornecedor ou cliente e designação do estado soberano, bem como da entidade transportadora, nacionalidade e licença de posse e detenção das mesmas ou dos mesmos.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – DEVER DE COMUNICAÇÃO.

1 – Compete à guarda real portuguesa comunicar e informar o órgão de soberania jurídico da respectiva área de circunscrição, das apreensões de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursores, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, à margem da lei e das licenças, autorizações e concessões obrigatórias para o mesmo fim, de modo ao respectivo e imediato procedimento criminal.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – SEGURANÇA, RESERVAS REAIS E TRANSPORTE.

1 – A defesa, protecção e segurança dos campos de cultivo, infra-estruturas de produção e fabrico, de armazenamento e embalamento de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, bem como dos estabelecimentos de venda ao público é da competência da guarda real portuguesa, que a exercerá no âmbito das suas funções de defesa, protecção e ordem das populações e dos seus haveres.

2 – O real instituto do tabaco português possuirá reservas reais regionais no espaço territorial português para produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, após a sua apreensão, produção ou fabrico e procederão com os seus próprios técnicos à sua rigorosa quantificação e qualificação de modo e forma a serem colocados no mercado de consumo ou à sua destruição declarada por sentença jurídica.

3 – Toda a acção de transporte no espaço territorial português dos campos de cultivo e das infra-estruturas de produção e fabrico de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma para a reserva real competente e das reservas reais para os sectores de actividade económicos destes bens dependentes e para os estabelecimentos de venda ao público, didácticos e de investigação científica é da competência exclusiva do real instituto do tabaco português, estando toda a acção de transporte exportadora para com os estados constituintes do império português e com o mundo a cargo dos mercadores portugueses.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADÃOS.

1 – Os cidadãos estrangeiros que se apresentem nas fronteiras portuguesas com carteiras, maços, onças por abrir contendo produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, bem como com percursos, matérias-primas ou matérias subsidiárias constantes do presente diploma, deverão denunciar os mesmos nas respectivas áreas alfandegárias de modo e forma a que se processe os correspondentes direitos aduaneiros.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – PROVISÕES PARA MEIO DE TRANSPORTE INTERNACIONAL.

1 – É permitido nos termos da lei, o transporte internacional em embarcações, aviões, comboios e transportes rodoviários colectivos autorizados pelo estado soberano no qual está registado, de quantias reduzidas de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, que se possam tornar necessárias durante a viagem para o consumo das tripulações e passageiros, devidamente embalados.

2 – Os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco devem ser transportados em condições de segurança, de modo a evitar a sua subtracção ou descaminho e devem ser comunicados às autoridades alfandegárias no imediato momento de entrada em espaço territorial português.

3 – Compete às autoridades alfandegárias competentes portuguesas, proceder no imediato momento às verificações, inspecções ou quaisquer outras operações de controlo que se mostrem necessárias e exigidas a bordo dos mesmos meios de transporte.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – TAXAS.

1 – A apresentação de requerimentos, autorizações e licenças e suas renovações e todos os actos sujeitos a despacho pelas entidades competentes previstos no presente diploma, estão dependentes do pagamento por parte dos interessados de uma taxa simbólica de valor a fixar por portaria conjunta das áreas presidenciais da justiça, da agricultura e dos vegetais, da indústria e da saúde, mediante parecer do real instituto do tabaco português, sujeita a actualização anual, tendo em conta o índice médio de preços junto do consumidor oficialmente publicado e referente ao ano anterior.

2 – O produto das taxas reverte para as autoridades competentes envolvidas de cada um acto processual.

3 – Todos os actos constantes do número 1, serão processados com recurso a meios electrónicos de pagamento, sendo a falta de pagamento voluntária dos actos determinante para a suspensão automática de toda e qualquer autorização constante do presente diploma.

CAPÍTULO TERCEIRO – COORDENAÇÃO, COOPERAÇÃO E CONTROLO.

ARTIGO PRIMEIRO – DIRECÇÃO GERAL DAS ALFÂNDEGAS.

1 – Compete à direcção geral das alfândegas:

a) Zelar pelo cumprimento da legislação alfandegária do reino de Portugal e pelo rigor dos procedimentos aduaneiros relativos a actividades das solanáceas e do tabaco e a produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como a percursoros, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, delegando nas instâncias alfandegárias competentes o respectivo desembaraço aduaneiro;

b) Implementar os mecanismos adequados à completa identificação e controlo das mercadorias referidas no número anterior, de acordo com as especificações constantes da autorização respectiva, procedendo nos termos legais à recolha de amostras e à realização de exames e análises necessárias, precisas e exigidas a confirmar a veracidade da respectiva autorização;

c) Determinar o reforço das medidas exigidas a evitar a subtracção e desvio das mercadorias constantes para destino diferente do indicado na autorização, comunicando no imediato momento às autoridades policiais e militares da respectiva alfândega.

ARTIGO SEGUNDO – INFRACÇÕES ALFANDEGÁRIAS.

1 – A violação dos actos processuais alfandegários das actividades de importação, exportação, introdução, expedição, trânsito e transbordo, constitui crime, sendo julgado pelo órgão de soberania jurídico competente da área de circunscrição geográfica respectiva do processo.

ARTIGO TERCEIRO – COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL.

1 – O real instituto do tabaco português, órgãos de soberania jurídicos e fiscais, direcção geral das alfândegas, guarda real portuguesa, ministérios da agricultura e dos vegetais, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais e da indústria respectivos, bem como todas as entidades envolvidas de todo o processo, deveram promover a troca de informações e implementar mecanismos para uma efectiva cooperação administrativa e técnica tendentes à execução das suas competências no âmbito do presente diploma.

ARTIGO QUARTO – DEVER DE DENÚNCIA.

1 – A todos os cidadãos ou entidades autorizados ou autorizadas ao exercício de actividades constantes do presente diploma, que constatem ou detenham o conhecimento no exercício da sua actividade de encomendas ou transacções de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursoros, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, suspeitos de serem desviados para fins ilícitos, compete

a comunicação no imediato momento ao órgão de soberania jurídico da sua área de circunscrição geográfica, à guarda real portuguesa, direcção geral das alfândegas ou ao real instituto do tabaco português dos mesmos factos, devendo a entidade visada diligenciar nos órgãos de soberania competentes as operações a realizar com vista ao apuramento da veracidade dos factos.

ARTIGO QUINTO – CONTROLO.

1 – À área presidencial da indústria compete o controlo dos estabelecimentos artesanais e industriais onde se realiza a produção e o fabrico de actividades do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como o controlo dos percursos e matérias subsidiárias constantes do presente diploma e dos modos, métodos e técnicas em uso e utilização no exercício do processo laboral.

2 – À área presidencial da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da agricultura e dos vegetais ou da extracção e dos minerais compete o controlo das matérias-primas necessárias à produção e ao fabrico de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, bem como o controlo dos modos, métodos e técnicas em uso e utilização no exercício do processo laboral.

3 – À área presidencial da agricultura e dos vegetais compete o controlo dos modos, métodos e técnicas em uso e utilização no exercício do processo de agricultura das solanáceas.

4 – Ao real instituto do tabaco português compete o controlo da qualidade dos produtos obtidos no acto de produção e fabrico e o controlo em todo o momento da integridade de todo o processo de produção, fabrico e comércio e todos os seus intervenientes.

5 – À guarda real portuguesa compete o controlo dos actos de consumo dos cidadãos livres, bem como dos cidadãos ou entidades envolvidos do uso e utilização dos produtos para fins terapêuticos, didácticos, de investigação científica ou com outros fins.

CAPÍTULO QUARTO – SOLANÁCEOS.

ARTIGO PRIMEIRO – CONCESSÃO DE ALVARÁS.

1 – Por despacho do real instituto do tabaco português, podem ser concedidos alvarás de solanáceo para o exercício da actividade de tratamento, produção, fabrico, preparação, secagem, conservação, embalamento e outras actividades de transformação das solanáceas e do tabaco e compra e venda de toda a actividade das solanáceas e do tabaco e produto proveniente ou oriundo das mesmas actividades liberalizada ou liberalizado nos termos da lei, bem como para o leilão de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco.

ARTIGO SEGUNDO – TIPOS DE ALVARÁS.

1 – Tendo em consideração a actividade pretendida, as condições de segurança dos campos de cultivo e das instalações, as necessidades e exigências comerciais internas, imperiais portuguesa e internacionais e a aptidão e capacidade que os requerentes possuem para o exercício da respectiva actividade, são atribuídos os seguintes tipos de alvará:

a) Alvará de solanáceo do tipo 1, para a produção ou o fabrico de actividades da agricultura e tratamento das solanáceas e seus produtos;

b) Alvará de solanáceo do tipo 2, para a produção ou o fabrico de actividades e tratamento do tabaco louro e seus produtos;

c) Alvará de solanáceo do tipo 3, para a produção ou o fabrico de actividades e tratamento do tabaco Alsácia e seus produtos;

d) Alvará de solanáceo do tipo 4, para a produção ou o fabrico de actividades e tratamento do tabaco cuba e seus produtos;

e) Alvará de solanáceo do tipo 5, para a produção ou o fabrico de actividades e tratamento dos tabacos de cheiro e seus produtos;

f) Alvará de solanáceo do tipo 6, para a produção ou o fabrico de actividades e tratamento de essências do tabaco e seus produtos;

g) Alvará de solanáceo do tipo 7, para a produção ou o fabrico de actividades e tratamento de poções do tabaco e seus produtos;

h) Alvará de solanáceo do tipo 8, para a produção ou o fabrico de acessórios em uso e utilização no consumo das solanáceas e do tabaco;

i) Alvará de solanáceo do tipo 9, para a produção ou o fabrico de utensílios em uso e utilização no consumo das solanáceas e do tabaco;

j) Alvará de solanáceo do tipo 10, para a compra e venda de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco;

l) Alvará de solanáceo do tipo 11, para a preparação, secagem, conservação, embalagem e outras actividades de transformação das solanáceas;

m) Alvará de solanáceo do tipo 12, para a preparação, conservação, embalagem e outras actividades de transformação do tabaco;

n) Alvará de solanáceo do tipo 13, único e exclusivo do real instituto do tabaco português para a realização de leilões de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco.

2 – Os alvarás podem ser requeridos nos termos da lei por todo o cidadão ou entidade que reúna cumulativamente as seguintes condições:

a) Seja maior de 18 anos;

b) Se encontre em pleno uso de todos os seus direitos civis;

c) Seja idóneo e íntegro, sendo o mesmo facto comprovado pela declaração do registo criminal;

d) Seja portador de certificado médico;

e) Seja possuidor de campos de cultivo e instalações comerciais, industriais ou artesanais devidamente licenciadas e que observem as condições de segurança fixadas para a realização da actividade pretendida.

3 – Sempre que o requerente se apresente como pessoa colectiva, os requisitos mencionados nas alíneas a), b), c) e d) do número anterior tem que se verificar para o corpo administrativo num máximo de cinco elementos.

4 – O alvará de solanáceo é concedido por um período de 5 anos, sendo renovável por igual período de tempo mediante a verificação das condições exigidas para a sua concessão.

5 – O alvará de solanáceo só é concedido depois de verificadas as condições de segurança dos campos de cultivo e instalações, as necessidades e exigências comerciais internas, imperiais portuguesa e internacionais, bem como depois de comprovada a aptidão e capacidade que os requerentes possuem para o exercício da respectiva actividade, podendo o real instituto do tabaco português para o efeito, solicitar parecer às associações da classe e às ordens bastonárias respectivas.

6 – Os requisitos legais fixados no número 2, são de verificação obrigatória para pessoas singulares ou colectivas provenientes de estado soberano constituinte do império português ou de países terceiros.

7 – Para os efeitos previsto no número anterior pode o real instituto do tabaco português proceder à equiparação de licenças para o exercício da actividade de solanáceo do tipo 1 ao 9, emitidas por estado soberano constituinte do império português ou de países terceiros, sem prejuízo da aplicabilidade de eventuais tratados ou acordos de que Portugal seja no presente domínio parte celebrante ou aderente.

8 – Aos elementos do real instituto do tabaco português, quando no activo, é interdito o exercício da actividade de solanáceo.

9 – Os titulares de alvará de solanáceo, só podem exercer a sua actividade em campos de cultivo, estabelecimentos e locais licenciados para o devido efeito, de acordo com as normas de segurança definidas no seu licenciamento, podendo transaccionar para além dos bens, materiais e equipamentos de venda livre, actividades das solanáceas e do tabaco e produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades que no presente diploma se obriguem ao âmbito do respectivo alvará.

10 – O exercício de actividades de solanáceo em quaisquer feiras, certames e exposições, carece da autorização prévia do real instituto do tabaco português.

11 – As normas de funcionamento, obrigações, os requisitos da concessão e as taxas a cobrar pela emissão dos alvarás de solanáceo são estabelecidos por portaria conjunta das áreas presidenciais da justiça, da agricultura e dos vegetais, da indústria, humana e da saúde, mediante parecer do real instituto do tabaco português.

ARTIGO TERCEIRO – PROIBIÇÃO DE CEDÊNCIA DE ALVARÁ.

1 – O alvará de solanáceo não pode ser cedido a terceiro, devendo a sua transição ser processada com recurso à declaração de cessação da actividade emitida pelos órgãos de soberania fiscais.

ARTIGO QUARTO – CASSAÇÃO DO ALVARÁ.

1 – O real instituto do tabaco português pode determinar a cassação do alvará de solanáceo, sempre que:

- a) Se verifique incumprimento das disposições legais fixadas para o exercício da actividade respectiva;
- b) Hajam alterações dos pressupostos em que se baseou a concessão do alvará;
- c) Sejam invocadas razões de segurança e de ordem pública.

2 – A cassação do alvará é precedida de um processo de inquérito, instituído pela guarda real portuguesa com todos os documentos atinentes à infracção e ao fundamento da cassação e com todos os elementos que se considerem exigidos e pertinentes a provar a veracidade dos factos imputados.

3 – A cassação do alvará obriga o solanáceo no imediato momento do acto de cassação a encerrar as instalações e a abster-se de quaisquer actos relativos ao exercício da actividade, sob pena de incorrer no crime de desobediência qualificada, competindo à guarda real portuguesa a selagem no imediato momento das infra-estruturas até à deliberação da sentença pelo órgão de soberania jurídico competente do processo-crime.

ARTIGO QUINTO – COMÉRCIO ELECTRÓNICO ENTRE SOLANÁCEOS NACIONAIS.

1 – É permitido aos titulares de alvará de solanáceo emitido pelo real instituto do tabaco português, o comércio electrónico de bens entre solanáceos nacionais que se obriguem ao âmbito do seu alvará.

2 – O comércio electrónico não dispensa que a aquisição de bens permitidos ao abrigo do presente diploma, seja titulada pelos originais ou fotocópias autenticadas dos documentos necessários à sua realização, nem que a sua entrega seja efectuada no estabelecimento do solanáceo, cujo alvará lhe permita a referida transacção, mantendo-se as obrigações legais inerentes à transferência dos bens.

3 – Compete ao real instituto do tabaco português com base nos pedidos de reposição de existências subscritos pelos solanáceos nacionais, proceder com os sectores ministeriais da agricultura e dos vegetais, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e os animais, da extracção e dos minerais e da indústria respectivos à declaração de importação, exportação, introdução ou expedição.

ARTIGO SEXTO – OBRIGAÇÕES ESPECIAIS DOS SOLANÁCEOS NO EXERCÍCIO DA ACTIVIDADE.

1 – Os titulares de alvará de solanáceo, para além de outras obrigações decorrentes do presente diploma, estão especialmente obrigados:

- a) A exercer a actividade de acordo com o respectivo alvará e com as normas legais adjacentes ao próprio exercício;
- b) A manter actualizados os registos informáticos de controlo obrigatórios;
- c) A remeter às autoridades competentes cópia dos registos de controlo obrigatórios;
- d) A observar com o máximo rigor as normas de segurança a que está sujeita a actividade;
- e) A facultar às autoridades competentes sempre que por estas solicitado, o acesso aos registos obrigatórios, bem como à conferência os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco em existência;
- f) Às normas processuais materiais, técnicas e tecnológicas, emitidas pelo real instituto do tabaco português relativas ao exercício da actividade.

ARTIGO SÉTIMO – OBRIGAÇÕES ESPECIAIS DOS SOLANÁCEOS NA VENDA AO PÚBLICO.

1 – A venda ao público de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades só pode ser efectuado por cidadãos habilitados, certificados e registados nos termos da lei por a ordem bastonária dos comerciantes, com domínio fluente do idioma português.

2 – Compete aos solanáceos ou auxiliar de solanáceos confirmar e registar a identidade do comprador e o número do bilhete de identificação, verificar as disposições legais de proibição e incompatibilidade da transacção a operar e realizar a compra e venda.

3 – Compete aos solanáceos ou auxiliar de solanáceos explicar as características próprias dos bens adquiridos e respectivos efeitos do seu uso, utilização e consumo, as normas de segurança inerentes aos bens adquiridos, bem como os modos, métodos e técnicas de conservação, uso e consumo dos mesmos.

4 – O solanáceo ou auxiliar de solanáceo deverá recusar a venda de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades sempre que:

- a) Não se verificar a apresentação dos documentos legais exigidos à aquisição, ou os mesmos suscitem dúvidas face à sua autenticidade;

b) O comprador se encontrar proibido da sua aquisição;

c) A própria transacção comercial envolva produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco incompatíveis na mesma aquisição.

5 – Compete ao solanáceo ou ao auxiliar de solanáceo tendo presente o disposto na alínea a) e b) do número anterior, comunicar o facto no imediato momento à autoridade policial competente de modo e forma a apurar as irregularidades verificadas.

6 – Todo o solanáceo ou auxiliar de solanáceo de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, deve obrigar-se ao rigoroso processo de conservação e de segurança dos produtos, bem como à avaliação do seu estado face às funções a cumprir no consumo das famílias e dos sectores de actividade económicos destas ou destes dependentes.

7 – Não poderão ser fornecidas pelo solanáceo ou auxiliar de solanáceo que o substitua na sua ausência ou impedimento quantias superiores às prescritas nos termos da lei.

ARTIGO OITAVO – PROIBIÇÃO DE FORNECIMENTO DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – É proibida a entrega por solanáceo ou auxiliar de solanáceo que o substitua na sua ausência ou impedimento de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco:

a) A cidadãos menores de dezasseis anos de idade;

b) A cidadãos que aparentemente se apresentem com sinais de anomalia ou perturbação de ordem física, psicológica ou emotiva, nomeadamente sob o efeito do álcool, plantas filantrópicas, substâncias ou preparações psicotrópicas, medicamentos ou outros produtos com efeito análogo;

c) A cidadãos sempre que nostálgicos, descrentes e desacreditados no próprio momento da compra.

ARTIGO NONO – ENTIDADES DAS SOLANÁCEAS.

1 – Todas as entidades das solanáceas nacionais procedem sempre que exigido, diariamente, semanalmente ou mensalmente à listagem das quantidades e qualidades de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma transaccionados no âmbito do exercício da sua função comercial, remetendo ao real instituto do tabaco português, para que proceda à respectiva autorização de reposição das existências dos mesmos ou de outros produtos constantes do presente diploma.

2 – Nas entidades das solanáceas nacionais a responsabilidade de controlo pelos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compete às direcções das solanáceas, que fornecerão ao real instituto do tabaco português e sempre que os mesmos requeridos os dados, elementos e informações exigidos à responsabilidade do acto.

ARTIGO DÉCIMO – ENTIDADES DO TABACO.

1 – Todas as entidades do tabaco nacionais procedem sempre que exigido, diariamente, semanalmente ou mensalmente à listagem das quantidades e qualidades de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma transaccionados no âmbito do exercício da sua função comercial, remetendo ao real instituto do tabaco português, para que proceda à respectiva autorização de reposição das existências dos mesmos ou de outros produtos constantes do presente diploma.

2 – Nas entidades do tabaco nacionais a responsabilidade de controlo pelos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compete às direcções do tabaco, que fornecerão ao real instituto do tabaco português e sempre que os mesmos requeridos os dados, elementos e informações exigidos à responsabilidade do acto.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – ENTIDADES DOS ACESSÓRIOS E DOS UTENSÍLIOS DO TABACO.

1 – Todas as entidades dos acessórios e dos utensílios do tabaco nacionais procedem sempre que exigido, diariamente, semanalmente ou mensalmente à listagem das quantidades e qualidades de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma transaccionados no âmbito do exercício da sua função comercial, remetendo ao real instituto do tabaco português, para que proceda à respectiva autorização de reposição das existências dos mesmos ou de outros produtos constantes do presente diploma.

2 – Nas entidades dos acessórios e dos utensílios do tabaco nacionais a responsabilidade de controlo pelos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compete às direcções respectivas, que fornecerão ao real instituto do tabaco português e sempre que os mesmos requeridos os dados, elementos e informações exigidos à responsabilidade do acto.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – TABACARIAS.

1 – Todas as tabacarias nacionais procedem sempre que exigido, diariamente, semanalmente ou mensalmente à listagem das quantidades e qualidades de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma transaccionados no âmbito do exercício da sua função comercial em cada um mês de exercício, remetendo à reserva real do real instituto do tabaco português

competente, para que proceda à respectiva autorização de reposição das existências dos mesmos ou de outros produtos constantes do presente diploma.

2 – Nas tabacarias nacionais a responsabilidade de controlo pelos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compete às direcções de tabacaria, que fornecerão ao real instituto do tabaco português e sempre que os mesmos requeridos os dados, elementos e informações exigidos à responsabilidade do acto.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – HIPER-MERCADOS, SUPERMERCADOS E MERCADOS.

1 – Todos os hiper-mercados, supermercados e mercados nacionais procedem sempre que exigido, diariamente, semanalmente ou mensalmente à listagem das quantidades e qualidades de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma transaccionados no âmbito do exercício da sua função comercial em cada um mês de exercício, remetendo à reserva real do real instituto do tabaco português competente, para que proceda à respectiva autorização de reposição das existências dos mesmos ou de outros produtos constantes do presente diploma.

2 – Nos hiper-mercados, supermercados e mercados a responsabilidade de controlo pelos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compete às direcções de tabacaria, que fornecerão ao real instituto do tabaco português e sempre que os mesmos requeridos os dados, elementos e informações exigidos à responsabilidade do acto.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – HOTELARIA, RESTAURAÇÃO E PANIFICAÇÃO.

1 – Todos os estabelecimentos de hotelaria, restauração e panificação nacionais procedem sempre que exigido, diariamente, semanalmente ou mensalmente à listagem das quantidades e qualidades de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma transaccionados no âmbito do exercício da sua função comercial em cada um mês de exercício, remetendo à reserva real do real instituto do tabaco português competente, para que proceda à respectiva autorização de reposição das existências dos mesmos ou de outros produtos constantes do presente diploma.

2 – Nos estabelecimentos de hotelaria, restauração e panificação a responsabilidade de controlo pelos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compete às direcções de tabacaria, que fornecerão ao real instituto do tabaco português e sempre que os mesmos requeridos os dados, elementos e informações exigidos à responsabilidade do acto.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – OUTROS ESTABELECIMENTOS.

1 – Todos os estabelecimentos comerciais não mencionados nos artigos 9º ao 14º, do presente capítulo que possuam produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma para venda ao público, procedem sempre que exigido, diariamente, semanalmente ou mensalmente à listagem das quantidades e qualidades de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma transaccionados no âmbito do exercício da sua função comercial em cada um mês de exercício, remetendo à reserva real do real instituto do tabaco português competente, para que proceda à respectiva autorização de reposição das existências dos mesmos ou de outros produtos constantes do presente diploma.

2 – Nos estabelecimentos comerciais não mencionados nos artigos 9º ao 14º, do presente capítulo a responsabilidade de controlo pelos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compete às direcções de tabacaria, que fornecerão ao real instituto do tabaco português e sempre que os mesmos requeridos os dados, elementos e informações exigidos à responsabilidade do acto.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – OBRIGAÇÕES ESPECIAIS DOS SOLANÁCEOS NA PREPARAÇÃO, SECAGEM, CONSERVAÇÃO, EMBALAMENTO E OUTRAS ACTIVIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – É obrigatória aos solanáceos na preparação, secagem, conservação, embalamento e outras actividades de transformação das solanáceas e do tabaco a comunicação às autoridades policiais dos cidadãos ou entidades não registados ou registadas nos termos da lei social e fiscal, de modo e forma às autoridades policiais apurarem as irregularidades verificadas.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO – ENTIDADES DE PREPARAÇÃO, SECAGEM, CONSERVAÇÃO, EMBALAMENTO E OUTRAS ACTIVIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – Todas as entidades de preparação, secagem, conservação, embalamento e outras actividades de transformação das solanáceas e do tabaco nacionais procedem sempre que exigido, diariamente, semanalmente ou mensalmente à listagem das quantidades e qualidades de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma transaccionados no âmbito do exercício da sua função comercial, remetendo à reserva real do real instituto do tabaco português competente, para que proceda à respectiva autorização de reposição das existências dos mesmos ou de outros produtos constantes do presente diploma.

2 – Nas entidades de preparação, secagem, conservação, embalamento e outras actividades de transformação das solanáceas e do tabaco nacionais a responsabilidade de controlo pelos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do

tabaco constantes do presente diploma compete às direcções das solanáceas ou às direcções do tabaco respectivamente, que fornecerão ao real instituto do tabaco português e sempre que os mesmos requeridos os dados, elementos e informações exigidos à responsabilidade do acto.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO – CONTROLO DE CONSUMO.

1 – Compete ao real instituto do tabaco português proceder todos os anos ao inventário dos sectores de actividade económicos dependentes de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como estimar as quantidades do seu consumo em cada um ano de exercício, com a respectiva menção dos fins a que se destinaram e ao respectivo espaço geográfico do seu uso, utilização e consumo em termos municipais, concelhios e regionais.

2 – Compete ao real instituto do tabaco português investigar as situações que registe no controlo de consumo relativamente aos sectores de actividade económicos cujo consumo de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, seja de alguma forma anormal e desenquadrado da moderação e suficiência exigida à condição de responsabilidade e sociabilidade do reino de Portugal.

ARTIGO DÉCIMO NONO – SUBTRACÇÃO, EXTRAVIO E DETERIORAÇÃO.

1 – A subtracção, extravio e a deterioração de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma são no imediato momento do conhecimento dos factos, comunicados pelo cidadão ou entidade ao órgão de soberania jurídico da respectiva área de circunscrição geográfica, que accionará no imediato as autoridades judiciais, para a sua investigação, devendo todos os funcionários da entidade respectiva e responsáveis administrativos prestar a plena e total colaboração para o apuramento da veracidade do processo e do seu autor ou autores morais, bem como comunicar ao real instituto do tabaco português o mesmo facto indicando com todo o pormenor possível a descrição dos factos, indicando a qualidade e quantidades de produto desaparecidos e fornecendo todos os elementos de prova que possuir ou remetendo por via das reservas reais do real instituto do tabaco português ao real instituto do tabaco português o produto deteriorado, para a sua avaliação e possível destruição.

2 – Idêntico procedimento devem adoptar os cidadãos ou entidades envolvidos ou envolvidas do exercício das actividades constantes do presente diploma relativo à subtracção, extravio ou deterioração de impressos, registos, documentos, certificados, licenças e autorizações exigidos nos termos da lei pelo presente diploma.

ARTIGO VIGÉSIMO – TABAQUEIRAS.

1 – As tabaqueiras envolvidas das actividades constantes do presente diploma, obrigam-se nos termos da lei às normas processuais materiais, técnicas e tecnológicas, emitidas pelo real instituto do tabaco português.

CAPÍTULO QUINTO – TRÁFICO, BRANQUEAMENTO E OUTRAS INFRACÇÕES.

ARTIGO PRIMEIRO – TRÁFICO E OUTRAS ACTIVIDADES ILÍCITAS.

1 – Todo o cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição que sem se encontrar dotado das licenças e autorização obrigatória para o exercício das actividades constantes do presente diploma, produzir, fabricar, extrair, preparar, oferecer, puser à venda, vender, distribuir, comprar, ceder, por qualquer título receber, proporcionar a outrem, transportar, importar, exportar, introduzir ou expedir, fizer transitar ou ilicitamente detiver, com excepção da detenção de quantias diminutas de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco para consumo próprio, actividades das solanáceas ou do tabaco, ou produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades; ou

2 – Todo o cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição que agindo de má-fé e contrariando a integridade do processo de licenciamento, certificação e autorização concedidos para o exercício de actividades constantes do presente diploma:

a) A deturpe, deforme e use para fins que não os propostos na respectiva autorização;

b) Produzir ou fabricar actividades das solanáceas ou do tabaco em uso e utilização no consumo das famílias e dos sectores de actividade económicos destas dependentes, bem como produzir ou fabricar produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades diferentes do que consta do título de autorização;

c) Deturpar e adulterar modos, métodos e técnicas em uso e utilização na produção ou fabrico de actividades das solanáceas ou do tabaco em uso e utilização no consumo das famílias e dos sectores de actividade económicos destas dependentes, bem como na produção ou fabrico de produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades;

d) Não denunciar na íntegra os montantes totais das quantidades obtidas no exercício da sua actividade económica, seja agrícola, industrial ou comercial;

e) Não transferir com excepção das amostras a remeter às entidades próprias o total das quantidades do produto obtido no exercício da sua actividade para a reserva real do real instituto do tabaco português competente;

f) Substituir responsável ou elemento da equipa técnica em exercício, bem como transferir a zona de produção ou fabrico, instalação ou campo de cultivo,

sem comunicar ao real instituto do tabaco português no prazo de cinco dias a manutenção da autorização concedida; ou

g) Ceder, introduzir ou diligenciar por que outrem introduza no mercado de consumo actividades das solanáceas ou do tabaco, ou produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades;

é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

3 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos, pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envolvidas e se o produto for proibido;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

4 – EXCLUSÃO, Exclui-se de pena quem denunciar em tempo justo os actos preparatórios, a tentativa ou a prática do crime, as origens, causas e consequências da sua existência e os seus autores materiais.

5 – A punição pelos crimes previstos nos números anteriores é exercida mesmo que os factos que integram a infracção tenham sido praticados fora do espaço territorial português, ou que se ignore o local da prática do facto ou a identidade dos seus autores.

6 – Se do acto crime:

a) Resultar a morte de cidadãos, o autor é punido:

- a. Pelas consequências do acto praticado;
- b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao total do número de anos que medeiam entre a idade de cada uma vítima no momento dos factos e a estimativa média de vida dos cidadãos, os 85 anos, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o cônjuge ou cônjuges e para os familiares directos;
- c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;
- d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;
- e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;
- f. Com um dia de pausa mensal;
- g. Com uma alimentação a pão e a água;
- h. Com direito a um dia de visita mensal;

b) Resultarem lesões para cidadãos e a exigência de cuidados, tratamentos e intervenções de saúde, os mesmos serão suportados pelo autor na íntegra e pelo período de tempo no qual os mesmos se prolongarem, mesmo que em liberdade depois de cumprida a pena de cadeia efectiva.

ARTIGO SEGUNDO – MATÉRIAS-PRIMAS E MATÉRIAS SUBSIDIÁRIAS.

1 – A todos os produtores, fabricantes, importadores, introdutores, exportadores, expedidores, comerciantes ou distribuidores de matérias-primas e matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma, é exigido com o máximo rigor e integridade a comunicação ao real instituto do tabaco português até ao dia 5 do mês seguinte do inventário pormenorizado em termos quantitativos e qualitativos dos bens materiais, bem como o nome e número de contribuinte de todos os cidadãos e entidades requerentes.

2 - Todo o cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição que contrariando o processo de licenciamento, certificação e autorização obrigatório, possua, detenha, produza, fabrique, comercialize, importe, introduza, exporte, expeda, transporte ou distribua à margem da lei, matérias-primas ou matérias subsidiárias susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma ou que não remeta nos tempos correctos o inventário das existências ao real instituto do tabaco português, é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

3 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos, pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envolvidas e se a matéria-prima ou matéria subsidiária for proibida no seu uso, utilização e consumo;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

4 – EXCLUSÃO, Exclui-se de pena quem denunciar em tempo justo os actos preparatórios, a tentativa ou a prática do crime, as origens, causas e consequências da sua existência e os seus autores materiais.

5 – A punição pelos crimes previstos nos números anteriores é exercida mesmo que os factos que integram a infracção tenham sido praticados fora do espaço territorial português, ou que se ignore o local da prática do facto ou a identidade dos seus autores.

ARTIGO TERCEIRO – PERCURSORES.

1 – A todos os produtores, fabricantes, importadores, introdutores, exportadores, expedidores, comerciantes ou distribuidores de equipamentos, máquinas, instrumentos, ferramentas e acessórios susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma, é exigido com o máximo rigor e integridade a comunicação ao real instituto do tabaco português até ao dia 5 do mês seguinte do inventário pormenorizado em termos quantitativos e qualitativos dos bens materiais, bem como o nome e número de contribuinte de todos os cidadãos e entidades requerentes.

2 – Todo o cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição que contrariando o processo de licenciamento, certificação e autorização obrigatório, possua, detenha, produza, fabrique, comercialize, importe, introduza, exporte, expeda, transporte ou

distribua à margem da lei, equipamentos, máquinas, instrumentos, ferramentas e acessórios susceptíveis de uso e utilização em actividades constantes do presente diploma ou que não remeta nos tempos correctos o inventário das existências ao real instituto do tabaco português, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

3 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos, pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas e se o percursor for proibido no seu uso, utilização e consumo;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

4 – EXCLUSÃO, Exclui-se de pena quem denunciar em tempo justo os actos preparatórios, a tentativa ou a prática do crime, as origens, causas e consequências da sua existência e os seus autores materiais.

5 – A punição pelos crimes previstos nos números anteriores é exercida mesmo que os factos que integram a infracção tenham sido praticados fora do espaço territorial português, ou que se ignore o local da prática do facto ou a identidade dos seus autores.

ARTIGO QUARTO – TRÁFICO DE MENOR GRAVIDADE.

1 – Todo o cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição, que possuir e deter quantias diminutas de produtos provenientes ou oriundos das actividades das

solanáceas e do tabaco que excedam a dose diária de consumo para sete dias e que não ultrapassem a dose diária de consumo para mais de um mês de trinta dias, é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;
- b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente a 183 dias, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;
- c. Na real prisão portuguesa da sua área de residência;
- d. No exercício de funções de cariz prisional;
- e. Com um dia de pausa mensal;
- f. Com uma alimentação ao jantar a pão e água;
- g. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

- a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envolvidas;
- b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou
- c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

3 – EXCLUSÃO, Exclui-se de pena quem denunciar o modo e a forma como no momento possuía as quantidades irregulares do produto, bem como o autor moral que permitiu que tal infracção à lei fosse cometida.

ARTIGO QUINTO – ABUSO DE EXERCÍCIO DE PROFISSÃO.

1 – Todo o comerciante de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma ou auxiliar de comerciante que o substitua na sua ausência ou impedimento que:

- a) Vender ou entregar produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma a cidadão com aparente anomalia psíquica ou a cidadão menor de dezasseis anos de idade;
- b) Não observar a respectiva identificação do responsável pelo consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma;
- c) Fornecer produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco a cidadão proibido da sua aquisição;

d) Fornecer produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco a cidadão violando o período de tempo compreendido pela proibição da sua aquisição;

e) Não corresponder às obrigações constantes do presente diploma para com o real instituto do tabaco português nos prazos estabelecidos; ou

f) Não comunicar no prazo de vinte e quatro horas após o conhecimento do facto, o extravio, subtracção e deterioração de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, bem como de impressos, documentos, registos, certificados, licenças ou autorizações, ao órgão de soberania jurídico da sua área de circunscrição geográfica e ao real instituto do tabaco português;

é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo for praticado em prejuízo de cidadão com aparente perturbação psíquica, em cidadão menor de 18 anos ou em cidadão ao seu cuidado, tratamento, vigilância, guarda ou educação, ou se agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

3 – Se do acto crime:

a) Resultar a morte de cidadãos, o autor é punido:

- a. Pelas consequências do acto praticado;
 - b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao total do número de anos que medeiam entre a idade de cada uma vítima no momento dos factos e a estimativa média de vida dos cidadãos, os 85 anos, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o cônjuge ou cônjuges e para os familiares directos;
 - c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;
 - d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;
 - e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;
 - f. Com um dia de pausa mensal;
 - g. Com uma alimentação a pão e a água;
 - h. Com direito a um dia de visita mensal;
- b) Resultarem lesões para cidadãos e a exigência de cuidados, tratamentos e intervenções de saúde, os mesmos serão suportados pelo autor na íntegra e pelo período de tempo no qual os mesmos se prolongarem, mesmo que em liberdade depois de cumprida a pena de cadeia efectiva.

ARTIGO SEXTO – ASSOCIAÇÃO CRIMINOSA.

1 – Todo o cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição que promover, fundar ou financiar grupo, organização ou associação de dois ou mais cidadãos, que actuando concertadamente, vise praticar algum dos crimes previstos no presente diploma;

2 – Todo o cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição que prestar colaboração directa ou indirecta, aderir ou apoiar grupo, organização ou associação referida no número anterior;

3 – Todo o cidadão que chefiar, liderar ou dirigir grupo, organização ou associação referida no número 1; ou

4 - Se o grupo, organização ou associação tiver como finalidade ou actividades a conversão, transferência, dissimulação ou receptação de bens materiais ou produtos dos crimes previstos no presente diploma;

é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

5 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

6 – EXCLUSÃO, Exclui-se de pena quem denunciar em tempo justo os actos preparatórios, a tentativa ou a prática do crime, as origens, causas e consequências da sua existência e os seus autores materiais.

7 – Se do acto crime:

a) Resultar a morte de cidadãos, o autor é punido:

a. Pelas consequências do acto praticado;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao total do número de anos que medeiam entre a idade de cada uma vítima no momento dos factos e a estimativa média de vida dos cidadãos, os 85 anos, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o cônjuge ou cônjuges e para os familiares directos;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

- f. Com um dia de pausa mensal;
- g. Com uma alimentação a pão e a água;
- h. Com direito a um dia de visita mensal;

b) Resultarem lesões para cidadãos e a exigência de cuidados, tratamentos e intervenções de saúde, os mesmos serão suportados pelo autor na íntegra e pelo período de tempo no qual os mesmos se prolongarem, mesmo que em liberdade depois de cumprida a pena de cadeia efectiva.

ARTIGO SÉTIMO – INCITAMENTO AO USO, UTILIZAÇÃO E CONSUMO.

1 – Todo o cidadão que induzir, incitar ou instigar outrem, em público ou em privado ou por qualquer modo facultar o uso, utilização ou consumo ilícito de actividades das solanáceas ou do tabaco, ou de produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades proibidos, é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;
- b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;
- c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;
- d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;
- e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;
- f. Com um dia de pausa mensal;
- g. Com uma alimentação a pão e água;
- h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

- a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;
- b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou
- c. Um terço da pena se o acto lesivo for praticado em prejuízo de cidadão com aparente perturbação psíquica, em cidadão menor de 18 anos ou em cidadão ao seu cuidado, tratamento, vigilância, guarda ou educação, ou se agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

3 – Se do acto crime:

a) Resultar a morte da vítima, o autor é punido:

- a. Pelas consequências do acto praticado;
- b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao total do número de anos que medeiam entre a idade da vítima no momento dos factos e a estimativa média de vida dos cidadãos, os 85 anos, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o cônjuge ou cônjuges e para os familiares directos;
- c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;
- d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;
- e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;
- f. Com um dia de pausa mensal;
- g. Com uma alimentação a pão e a água;
- h. Com direito a um dia de visita mensal;

b) Resultarem lesões para a vítima e a exigência de cuidados, tratamentos e intervenções de saúde, os mesmos serão suportados pelo autor na íntegra e pelo período de tempo no qual os mesmos se prolongarem, mesmo que em liberdade depois de cumprida a pena de cadeia efectiva.

ARTIGO OITAVO – TRÁFICO E CONSUMO ILÍCITO EM LUGARES PÚBLICOS OU DE REUNIÃO.

1 – Todo o proprietário, gerente, director ou demais responsável pela exploração de um estabelecimento de restauração, casa ou recinto de reunião, de espectáculos ou de diversão que consentir que esse espaço seja utilizado para tráfico ou uso, utilização ou consumo ilícito de actividades das solanáceas ou do tabaco, ou de produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma; ou

2 – Todo o proprietário ou responsável por habitação, edifício, recinto vedado ou meio de transporte que consentir que o mesmo seja utilizado para tráfico ou uso, utilização ou consumo ilícito de actividades das solanáceas ou do tabaco, ou produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma;

é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

3 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo for praticado por cidadão com aparente perturbação psíquica, por cidadão menor de 18 anos ou por cidadão ao seu cuidado, tratamento, vigilância, guarda ou educação, ou se agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

4 – Se do acto crime:

a) Resultar a morte de cidadãos, o autor é punido:

a. Pelas consequências do acto praticado;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao total do número de anos que medeiam entre a idade de cada uma vítima no momento dos factos e a estimativa média de vida dos cidadãos, os 85 anos, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o cônjuge ou cônjuges e para os familiares directos;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e a água;

h. Com direito a um dia de visita mensal;

b) Resultarem lesões para cidadãos e a exigência de cuidados, tratamentos e intervenções de saúde, os mesmos serão suportados pelo autor na íntegra e pelo período de tempo no qual os mesmos se prolongarem, mesmo que em liberdade depois de cumprida a pena de cadeia efectiva.

5 – Só é aplicável o respectivo processo criminal e a pena após duas apreensões de actividades das solanáceas ou do tabaco, ou produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma ilícitos, realizadas por autoridade policial, devidamente notificadas ao autor referido nos números 1 e 2 e não mediando entre elas o período superior a um ano, ainda que sem identificação dos detentores.

6 – Verificadas as condições do número anterior, é instaurado o respectivo processo criminal e deliberado na sentença judicial pelo encerramento temporário ou definitivo do espaço ou pela perda do imóvel ou meio de transporte para o estado.

ARTIGO NONO – DESOBEDIÊNCIA QUALIFICADA.

1 – Todo o cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição que se opuser, obstruir ou dificultar os actos de fiscalização realizados por autoridade de fiscalização competente, depois de advertido das consequências jurídicas do seu acto ou se recusar a negar a exhibir certificados, documentos, autorizações, licenças, informações ou produtos da actividade em exercício constantes do presente diploma, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

3 – Se do acto crime:

a) Resultar a morte de cidadãos, o autor é punido:

a. Pelas consequências do acto praticado;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao total do número de anos que medeiam entre a idade de cada uma vítima no momento dos factos e a estimativa média de vida dos cidadãos, os 85 anos, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o cônjuge ou cônjuges e para os familiares directos;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e a água;

h. Com direito a um dia de visita mensal;

b) Resultarem lesões para cidadãos e a exigência de cuidados, tratamentos e intervenções de saúde, os mesmos serão suportados pelo autor na íntegra e pelo período de tempo no qual os mesmos se prolongarem, mesmo que em liberdade depois de cumprida a pena de cadeia efectiva.

ARTIGO DÉCIMO – RESPONSABILIDADE PENAL DAS PESSOAS COLECTIVAS OU EQUIPARADAS.

1 – As pessoas colectivas e entidades equiparadas são responsáveis nos termos gerais, pelos crimes constantes do presente diploma.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – REPATRIAMENTO DE ESTRANGEIROS E ENCERRAMENTO DE ESTABELECIMENTO.

1 – Todo o cidadão, empresa ou instituição estrangeira com residência ou sede no espaço territorial português, condenado ou condenada pelos crimes constantes do presente diploma, serão no imediato repatriados para os seus estados soberanos de origem após cumprida em espaço territorial português a sentença condenatória, bem como será encerrado no imediato momento da sentença o respectivo estabelecimento e toda a sua actividade económica ou institucional, sendo considerado perdido a favor do estado todo o bem imóvel e todos os bens materiais em uso e utilização no exercício da respectiva actividade.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – PERDA DE OBJECTOS.

1 – São declarados perdidos a favor do estado os objectos que tiverem servido ou estivessem destinados a servir para a prática de um dos crimes previstos no presente diploma ou que pelos mesmos actos tiverem sido produzidos.

2 – Todo o produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco constante do presente diploma obtido por via de actos ilícitos é sempre declarado perdido a favor do estado.

3 – O disposto nos números anteriores têm lugar ainda que nenhum cidadão ou entidade possa ser punido ou punida pelo facto.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – BENS MATERIAIS OU DIREITOS RELACIONADOS COM O FACTO.

1 – É perdido a favor do estado:

a) Toda a recompensa dada ou prometida aos autores de uma infracção prevista no presente diploma, para o próprio ou para terceiros;

b) Os bens materiais, direitos e vantagens que através da infracção cometida, tiverem sido directamente adquiridos pelo autor, para si ou para terceiros, sem prejuízo dos direitos de boa-fé de terceiros; ou

c) Os bens materiais, direitos e vantagens obtidos mediante transacção ou troca por outros bens materiais, direitos ou vantagens directamente conseguidos por meio da infracção.

2 – Caso a recompensa, bem material, direito ou vantagem referidos no número anterior não puder ser apropriado em espécie, a perda é substituída pelo pagamento ao estado do respectivo valor.

3 – Estão compreendidos neste artigo, imóveis, meios de transporte, móveis, electrodomésticos com excepção do frigorífico e do fogão, depósitos bancários à ordem e a prazo, títulos de garantia, débito e crédito, jóias, obras de arte e demais bens de fortuna.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – DEFESA DE DIREITOS DE BOA-FÉ DE TERCEIROS.

1 – Todo o terceiro que invocar a titularidade de bem material, direito ou vantagem, quando o mesmo sujeito a apreensão ou a medidas legalmente previstas aplicada a arguido por infracção constante do presente diploma, pode deduzir no processo a defesa dos seus direitos, através de requerimento em que alegue a sua boa-fé, indicando todos os elementos de prova.

2 – Entende-se por boa-fé a inocência de que os objectos estivessem nas situações previstas no artigo 12º, do presente capítulo.

3 – Ao requerimento a que se refere o número 1, é declarada a autorização do terceiro para que o órgão de soberania jurídico responsável pelo respectivo acto processual possa consultar os elementos pessoais e familiares que entenda necessário, preciso e exigido ao apuramento da veracidade da boa-fé constante, nomeadamente dados fiscais, sociais, notariais, financeiros e da área jogo, competindo ao respectivo órgão de soberania jurídico de forma célere e no mais curto espaço de tempo deduzir oposição.

4 – Realizadas as diligências necessárias, precisas e exigidas, o órgão de soberania jurídico decide.

5 – Se face à titularidade dos bens materiais, direitos ou vantagens a questão se revelar complexa ou susceptível de causar perturbação ao normal processamento dos actos processuais, pode o juiz determinar o adiamento da decisão até ao rigoroso apuramento da veracidade da sua propriedade.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – BENS TRANSFORMADOS, CONVERTIDOS OU MISTURADOS.

1 – Se as recompensas, bens materiais, direitos ou vantagens tiverem sido transformados ou convertidos em outros bens materiais, são estes perdidos a favor do estado, em substituição dos que lhe deram origem.

2 – Se as recompensas, bens materiais, direitos ou vantagens tiverem sido misturados com bens lícitamente adquiridos, são estes perdidos a favor do estado até à proporção do valor estimado dos que foram ilicitamente misturados.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – LUCROS E OUTROS BENEFÍCIOS.

1 – O disposto nos artigos 12º ao 15º, do presente capítulo é também aplicável aos juros, lucros, dividendos e outros benefícios obtidos por via dos bens nos mesmos referidos.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO – DESTINO DOS BENS DECLARADOS PERDIDOS A FAVOR DO ESTADO.

1 – As recompensas, bens materiais, direitos ou vantagens declarados perdidos a favor do estado, reverterem para o órgão de soberania jurídico envolto do respectivo acto

processual, constando da relação de receitas adquiridas no exercício da sua actividade jurídica.

2 – Os bens materiais considerados perdidos a favor do estado, são analisados, quantificados e qualificados de modo e forma à sua venda em hasta pública, sendo os bens materiais que pela sua natureza ou característica, possam vir a ser utilizados na prática de crimes ou infracções à lei, destruídos no caso de não oferecerem quaisquer interesses criminalístico, científico ou didáctico.

3 – Na falta de convenção internacional, os bens materiais apreendidos a solicitação de estado estrangeiro ou os fundos provenientes da sua venda, são repartidos equitativamente entre o estado requerente e o estado requerido.

CAPÍTULO SEXTO – CONSUMO E TRATAMENTO.

ARTIGO PRIMEIRO – CONSUMO.

1 – O consumo, a aquisição e a detenção para consumo próprio de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, adquiridos nos estabelecimentos de venda ao público devidamente identificados, nas quantidades autorizadas nos termos da lei para o limite máximo de consumo médio diário de 7 dias para cada um produto e respeitando os períodos de tempo entre a sua compra, são permitidos nos termos do presente diploma, tendo presente a responsabilização dos actos de cada um cidadão pelo seu consumo.

2 – Todo o cidadão que:

a) Consumir ou que para o seu consumo, produzir, fabricar, adquirir ou deter produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas ou do tabaco constantes do presente diploma à margem dos procedimentos legais da sua compra ou das quantidades reguladas nos termos da lei; ou

b) Não cumprir os deveres, responsabilidades e compromissos inerentes ao consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco e infringir as restrições das liberdades sociais inscritas nas contra-indicações respectivas de cada um produto;

é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente a 183 dias, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Na real prisão portuguesa da sua área de residência;

d. No exercício de funções de cariz prisional;

e. Com um dia de folga mensal;

f. Com uma alimentação ao jantar a pão e água;

g. Com direito a uma visita mensal;

3 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

4 – Todo o cidadão que consumir ou que para o seu consumo, produzir, fabricar, adquirir ou detiver produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas ou do tabaco constantes do presente diploma compreendidos no número 5 do artigo 2º, do capítulo primeiro, do presente título, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente a 366 dias, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 100 Quilómetros da sua área de residência;

d. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

e. Com um dia de folga mensal;

f. Com uma alimentação a pão e água;

g. Com direito a uma visita mensal;

5 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO SEGUNDO – OBRIGAÇÕES E COMPROMISSO DE TODO O CONSUMIDOR DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – A todo o consumidor de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco é exigido nos termos da lei, o dever, responsabilidade e o compromisso de:

- a) Ser o próprio a adquirir nos estabelecimentos comerciais os produtos em uso no seu consumo, para que conste o respectivo registo;
- b) Comunicar no seio familiar o facto, para que o cônjuge, tutores ou descendentes remetam anualmente a declaração de sociabilidade familiar;
- c) Comunicar à entidade escolar ou laboral o facto, para que as mesmas remetam anualmente a declaração do aproveitamento, produtividade e sociabilidade respectivo;
- d) Se obrigar anualmente a uma avaliação médica do seu estado e condição física, psicológica e emocional;
- e) Se obrigar a processo de tratamento, reabilitação e cura, sempre que o resultado da avaliação das entidades respectivas for negativa face ao seu estado, comportamento e conduta;
- f) Se obrigar às restrições das liberdades sociais inscritas nas contra-indicações respectivas de cada um produto a consumir, em todo o espaço de tempo que medeia entre a sua acção directa nas faculdades e aptidões física, psicológica e emocional;
- g) Colocar as beatas depois de devidamente apagadas nos eco pontos existentes na via pública, dado a enormidade de anos em que as mesmas resistem até à sua decomposição pelo meio ambiente.

ARTIGO TERCEIRO – PROIBIÇÃO DE COMPRA E CONSUMO DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – A todo o cidadão condenado pelos crimes constantes do CÓDIGO PENAL e da LEGISLAÇÃO COMPLEMENTAR, é proibido por um período correspondente ao dobro da pena aplicada, a compra nos estabelecimentos comerciais de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma de qualquer classe.

2 – É proibido nos termos da lei a venda e o consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma em estabelecimentos de ensino, saúde e desporto, bem como em estabelecimentos públicos fechados sem a respectiva instalação de extracção de fumo e nos estabelecimentos nos quais o seu proprietário não o consentir e permitir.

ARTIGO QUARTO – ATENDIMENTO E TRATAMENTO DE CONSUMIDORES.

1 – A área presidencial da saúde desenvolverá em colaboração com as unidades de saúde do reino de Portugal, as acções necessárias à prestação de atendimento a consumidores de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco.

2 – Os cidadãos sujeitos a tratamento nos termos do presente diploma, terão acesso urgente aos serviços de saúde competentes.

3 – A área presidencial da saúde estabelecerá mediante portaria, as condições e os requisitos em que as entidades de saúde, podem atender, tratar e reabilitar os consumidores, bem como o género de fiscalização a que as mesmas se obrigam nos termos da lei.

ARTIGO QUINTO – ÓRGÃOS DE SOBERANIA JURÍDICOS.

1 – Compete ao órgão de soberania jurídico de cada uma área de circunscrição municipal, com os elementos fornecidos pelo real instituto do tabaco português, dos consumidores de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco habituais, ordenar e requerer em cada ano de exercício:

- a) Um exame médico rigoroso a cada um consumidor de forma a avaliar a condição física, psicológica e emocional do mesmo cidadão e as suas faculdades, aptidões e capacidades educativas, laborais ou sociais;
- b) Uma avaliação educativa por parte do estabelecimento escolar no qual o consumidor está inscrito e registado, de modo a avaliar a assiduidade, aproveitamento e sociabilidade escolar;
- c) Uma avaliação laboral por parte da entidade patronal na qual o consumidor está a exercer funções profissionais, de modo a avaliar a sua assiduidade, produtividade e sociabilidade laboral;
- d) Requerer ao seio familiar uma avaliação da sociabilidade do consumidor;
- e) Avaliar o cadastro jurídico do consumidor.

ARTIGO SEXTO – EXAME MÉDICO DE CONSUMIDOR HABITUAL.

1 – O exame realizar-se-á em unidade de saúde da respectiva área de circunscrição do órgão de soberania jurídico que o convocar em data definida pela unidade de saúde respectiva, podendo a mesma ser alterada na respectiva unidade de saúde se incompatibilidade do consumidor para a sua realização na data acordada, sendo o resultado das análises e avaliações com o respectivo parecer de cada um médico interveniente e interpretação médica global remetido pela unidade de saúde ao órgão de soberania jurídico.

2 – Sem prejuízo do disposto no número anterior e tendo presente dúvidas que possam ser suscitadas no seio médico na avaliação e análise de cada um processo, podem ser requeridos novos exames e avaliações específicas sempre que se considerem necessárias e precisas ao esclarecimento da condição e do estado do consumidor.

3 – Todo o consumidor que na data deliberada para a realização dos exames médicos, não tendo alterado a data da sua realização ou sem motivo que o justifique, não comparecer na unidade de saúde respectiva, a mesma comunica ao órgão de soberania jurídico respectivo, que notificará o consumidor para a obrigatoriedade da realização dos mesmos exames e para a aplicação de uma pena de multa de 10 contos por cada dia de incumprimento à lei.

ARTIGO SÉTIMO – DECLARAÇÃO EDUCATIVA, LABORAL E FAMILIAR.

1 – A Declaração subscrita pela entidade educativa, será dirigida ao respectivo órgão de soberania jurídico que a notificar num prazo de trinta dias a contar da data da recepção da notificação, elaborada com a menção da entidade que a subscrever e do respectivo aluno a quem se reporta, expondo uma avaliação sucinta sobre a identificação do ano de escolaridade e curso frequentado pelo aluno e a responsabilidade do aluno em termos da assiduidade, pontualidade, aproveitamento e sociabilidade no ambiente estudantil no qual está inserido, sendo devidamente assinada e carimbada pela mesma entidade.

2 – A Declaração subscrita pela entidade patronal, será dirigida ao respectivo órgão de soberania jurídico que a notificar num prazo de trinta dias a contar da data da recepção da notificação, elaborada com a menção da entidade patronal que a subscrever e do respectivo profissional a quem se reporta, expondo uma avaliação sucinta sobre a identificação da categoria profissional exercida e a responsabilidade do profissional em termos da assiduidade, pontualidade, aproveitamento, produtividade, rentabilidade e sociabilidade no ambiente laboral no qual está inserido, sendo devidamente assinada e carimbada pela mesma entidade.

3 – A declaração familiar é subscrita pela respectiva família do consumidor, sendo dirigida ao órgão de soberania jurídico que a notificar num prazo de trinta dias a contar da data da recepção da notificação, elaborada com a menção do respectivo agregado familiar e do familiar a quem se reporta, expondo uma avaliação sucinta sobre a responsabilidade do mesmo no contributo para a paz, ordem e harmonia do lar e no apoio, colaboração e afecto para com todos os demais familiares, sendo devidamente assinada pelos tutores, cônjuge ou descendentes.

4 – A toda a entidade ou família que no prazo estabelecido para o envio da declaração, a mesma não a remeta, é aplicado uma pena de multa de 10 contos por cada dia de incumprimento da lei.

ARTIGO OITAVO – AVALIAÇÃO GERAL DO CONSUMIDOR.

1 – Compete ao órgão de soberania jurídico da respectiva área de circunscrição do consumidor de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, avaliar com base no parecer médico, educativo ou laboral, familiar e jurídico o estado, comportamento e a condição do consumidor na plena integração no seio familiar, comunitário e social.

2 - Sempre que o órgão de soberania jurídico entenda necessário, preciso e exigido deve proceder a uma admoestação verbal ao próprio consumidor que se traduzirá numa censura oral, sendo o consumidor expressamente alertado a corrigir e superar atitudes, comportamentos ou condutas que possam não estar enquadradas com a responsabilidade do bem-estar familiar, educativo, laboral, comunitário e social.

3 – Se no processo de avaliação com base nos pareceres exigidos, se concluir pela perturbação, conduta perigosa, ou por uma atitude irresponsável dos actos produzidos pelo consumidor, competirá ao respectivo órgão de soberania jurídico:

a) Remeter ao real instituto do tabaco português os documentos inerentes a toda a avaliação feita de modo a que proceda no imediato momento à declaração de proibição de compra nos estabelecimentos comerciais; e

b) A sujeição voluntária do consumidor a tratamento, reabilitação e cura, o qual deverá ter no imediato momento a aprovação do consumidor, em unidade de saúde especializada, habilitada e qualificada nos termos da lei para o seu efeito.

4 – Caso o consumidor recusar e não se sujeitar ao processo de tratamento, reabilitação e cura ou o interrompa injustificadamente compete ao órgão de soberania jurídico proceder no prazo de trinta dias ao processo de expatriação do cidadão.

ARTIGO NONO – PROCESSO DE TRATAMENTO VOLUNTÁRIO.

1 – O processo de tratamento, reabilitação e cura voluntário, será efectuado por um período mínimo de três meses em região diferente da área de residência do consumidor, em estabelecimento devidamente habilitado, qualificado e certificado nos termos da lei para os mesmos fins, no exercício de funções laborais que médicos e técnicos entendam ser os mais correctos à sua reabilitação, sem qualquer uso ou utilização de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, sendo os seus custos suportados pelo próprio consumidor.

2 – Compete aos profissionais e entidades envolvidas do processo a garantia do sigilo, estando médicos, técnicos e auxiliares que intervenham no processo obrigados ao dever do segredo profissional.

3 – Compete ao fim de três meses todos os profissionais envolvidos do processo de tratamento, reabilitação e cura procederem à avaliação do consumidor em toda a fase de tratamento, avaliando a reabilitação das suas faculdades, aptidões e capacidades físicas, psicológicas e emocionais.

4 – Sempre que se verifique a reabilitação integral do consumidor pelos profissionais envolvidos do processo, remetem ao real instituto do tabaco português para que proceda à exclusão de aquisição dos produtos provenientes ou oriundos das

actividades das solanáceas e do tabaco envoltos do tratamento ou para dobrar o prazo de aquisição pelo consumidor do mesmo produto, por um prazo de um ano até nova avaliação do seu estado.

5 – Sempre que se verifique que a anomalia psíquica se verifica, compete à entidade de saúde responsável pelo tratamento, comunicar o facto ao real instituto do tabaco português que proibirá no imediato e em definitivo o acesso de aquisição a quaisquer produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, bem como exigirá ao paciente o seu acompanhamento médico na unidade de saúde a designar pelo próprio.

6 – Compete à unidade de saúde que acompanhar o paciente trimestralmente remeter ao real instituto do tabaco português a avaliação da situação mencionando o estado e a condição social, educativa ou laboral do paciente, se prevalece no consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco ou se está sob tratamento de substâncias ou preparações psicotrópicas.

ARTIGO DÉCIMO – SUSPENSÃO DE PENA E OBRIGAÇÃO DE TRATAMENTO.

1 – Todo o cidadão que tiver sido detido pela prática do crime de consumo, pode o órgão de soberania jurídico suspender a execução da pena, sob a imposição de deveres, responsabilidades e compromissos de conduta adequados, nomeadamente com a sujeição voluntária a tratamento ou internamento do seu autor em estabelecimento de saúde habilitado e qualificado nos termos da lei para o mesmo efeito, na forma e tempo que o tribunal determinar em consonância com parecer de médico respectivo.

2 – Se durante o período de suspensão da execução da pena o consumidor não se sujeitar ao tratamento ou ao internamento, o interromper sem justificação para o facto ou violar os deveres, responsabilidades e compromissos inerentes à suspensão de pena, nomeadamente enveredar pelo continuo consumo dos mesmos produtos, compete ao órgão de soberania jurídico aplicar a execução da pena a contar do dia em que o mesmo for deliberado.

3 – Revogada a suspensão, o cumprimento da pena terá lugar em zona apropriada do estabelecimento prisional respectivo.

4 – O consumidor é assistido pelos serviços médicos próprios do estabelecimento prisional ou se necessário pelos serviços da unidade hospitalar da respectiva área de circunscrição do próprio estabelecimento prisional, em condições a acordar com o órgão de soberania jurídico respectivo.

5 – O regime de assistência do recluso através de modalidades de tratamento que tenham implicações no regime prisional é estabelecido por portaria da área presidencial da justiça.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – SUSPENSÃO COM REGIME DE PROVA.

1 – O órgão de soberania jurídico no caso a que se refere o artigo anterior pode determinar nos termos da lei geral, que a suspensão seja acompanhada de regime de prova, se considerar conveniente e adequado a facilitar a reabilitação do consumidor e a sua reinserção na sociedade.

2 – O plano de reabilitação e reinserção social é preparado e acompanhado na sua execução pelo órgão de soberania social em articulação com o órgão de soberania jurídico e policial da área de circunscrição respectiva do processo, mediante o que ambas as instâncias observarem ser o exigido, sendo o mesmo imposto ao visado.

3 – Aplica-se correspondentemente o disposto no número 2) a 4) do artigo anterior.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – CONSUMIDOR EM PRISÃO PREVENTIVA OU EM CUMPRIMENTO DE PENA.

1 – Compete aos serviços prisionais em colaboração com a unidade hospitalar da respectiva área de circunscrição geográfica, assegurar os meios e estruturas adequados ao tratamento dos consumidores em prisão preventiva ou em cumprimento de pena em estabelecimentos prisionais.

2 – Se o estado de consumo for detectado quando o cidadão se encontrar detido, em prisão preventiva ou em cumprimento de pena, os serviços prisionais comunicam o facto ao órgão de soberania jurídico da área de circunscrição respectiva, a fim de promover as medidas adequadas, sem prejuízo das que a urgência da situação o justificar.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – TRATAMENTO NO ÂMBITO DE PROCESSO PENDENTE.

1 – Sempre que no âmbito de processo pendente nas instâncias jurídicas, se verifique a necessidade de tratamento de consumidor, compete à unidade hospitalar da área de circunscrição do processo, proceder por ordem das instâncias jurídicas respectivas no imediato momento da instauração do processo-crime à análise e avaliação correspondente do consumidor, remetendo com a morosidade do processo no tempo uma nova avaliação em cada mês de exercício, sobre a evolução do consumidor sujeito, podendo sugerir as medidas que entenda convenientes.

2 – Após a recepção da análise e avaliação médica compete à instância jurídica envolta do processo pronunciar-se sempre que entenda necessário, preciso e exigido sobre a situação processual do visado.

3 – As normas do presente diploma prevalecem sobre as relativas ao internamento em regime fechado previstos nos diplomas de saúde mental.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – OBRIGAÇÕES E COMPROMISSOS DE TODO O PROFISSIONAL DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – A todo o profissional das solanáceas e do tabaco constante do presente diploma é exigido nos termos da lei, o dever, responsabilidade e o compromisso de se obrigar à máxima integridade, rigor e competência no exercício da respectiva actividade das solanáceas e do tabaco, em todo o espaço de tempo que medeia entre a sua acção directa no movimento das solanáceas e do tabaco a realizar.

2 – Todo o profissional das solanáceas e do tabaco constante do presente diploma que violar o código deontológico correspondente do seu exercício profissional, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 731 dias;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 100 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz prisional;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

3 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

4 – Se do acto crime:

a) Resultar a morte de cidadãos, o autor é punido:

a. Pelas consequências do acto praticado;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao total do número de anos que medeiam entre a idade de cada uma vítima no momento dos factos e a estimativa média de vida dos cidadãos, os 85 anos, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o cônjuge ou cônjuges e para os familiares directos;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e a água;

h. Com direito a um dia de visita mensal;

b) Resultarem lesões para cidadãos e a exigência de cuidados, tratamentos e intervenções de saúde, os mesmos serão suportados pelo autor na íntegra e pelo período de tempo no qual os mesmos se prolongarem, mesmo que em liberdade depois de cumprida a pena de cadeia efectiva.

TÍTULO SEGUNDO – CICLO ECONÓMICO.

CAPÍTULO PRIMEIRO – PRODUÇÃO E FABRICO.

ARTIGO PRIMEIRO – PRODUÇÃO E FABRICO.

1 - Todo o cidadão ou entidade que pretenda autorização para produzir ou para fabricar actividades das solanáceas e do tabaco e produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, para fins de consumo público e privado, industriais, didácticos ou de investigação científica, deve requerê-la ao real instituto do tabaco português, até ao dia 31 de Outubro do ano antecedente ao do exercício da autorização requerida.

2 – Do pedido de autorização deverá constar:

a) A ficha técnica discriminada de todos os profissionais administrativos, de secretariado e da produção em exercício na actividade requerida e as suas respectivas qualificações e funções a exercer;

b) A completa identificação fiscal e social;

c) A completa identificação e endereço do fabricante ou produtor, ou fabricantes ou produtores, na hipótese de não ser o próprio;

d) Localização, área e planta topográfica da zona agrícola e das infra-estruturas destinadas à produção ou ao fabrico, ao depósito das substâncias produzidas ou fabricadas ou destinadas ao fabrico e do local de depósito após o processo de produção ou fabrico;

e) Designação da actividade das solanáceas ou do tabaco, ou produto proveniente ou oriundo das mesmas actividades constante do presente diploma a produzir ou fabricar;

f) Modos, métodos e técnicas de produção ou fabrico em uso;

g) Natureza e quantidades de actividades das solanáceas ou do tabaco, ou de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de precursores, matérias-primas e matérias subsidiárias em uso e utilização no processo;

h) Quantidade provável do produto a produzir ou a fabricar, sua aplicação e destino;

i) Local onde o produto final será embalado antes de ser remetido à reserva real do real instituto do tabaco português competente.

3 – Quer a autorização da actividade das solanáceas ou do tabaco, ou do produto proveniente ou oriundo das mesmas actividades constante do presente diploma se reveja de um regime especial de controlo previsto nas convenções ratificadas por Portugal ou não, ou se destine a quaisquer fins, é da competência do órgão de soberania policial da respectiva área de circunscrição exercer as funções de controlo, defesa e protecção nos termos da lei, bem como observar as demais leis previstas nas convenções.

4 – A autorização para a produção ou fabrico é válida para a aquisição de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades em uso e utilização nas actividades constantes do presente diploma, bem como de precursores, matérias-primas e matérias subsidiárias inerentes à sua produção ou fabrico, à sua armazenagem, embalagem e venda dos produtos obtidos, desde que se efectue a cidadãos ou entidades autorizados ou autorizadas.

5 – A autorização para o exercício da actividade de produção ou fabrico, independentemente dos fins a que se destinam, só poderá ser passada se o requerente e todo o seu quadro técnico demonstrarem o domínio dos modos, métodos e técnicas apropriados de agricultura ou de transformação de modo a impedir o emprego abusivo dos produtos, a produção de efeitos nefastos e a possibilidade prática da sua recuperação.

6 – No despacho que conceder a autorização a um cidadão ou entidade a produzir ou fabricar actividades das solanáceas ou do tabacos, ou produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, são fixadas as condições que permitam ao real instituto do tabaco português impedir a acumulação de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades em quantidades superiores às necessidades do reino de Portugal e ao cumprir os acordos comerciais imperiais portugueses com os países constituintes do império português e os acordos comerciais internacionais com o mundo, bem como ao normal e regular funcionamento do cidadão ou entidade requerente.

7 – O acto de entrada e saída de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de matérias-primas e matérias subsidiárias envolvidos da actividade de produção e fabrico, é registado em registo informático de controlo correspondente nos termos do artigo 2º, do capítulo

quarto, do presente título, bem como é registado o acto de produção ou fabrico em registo informático de controlo de produção e fabrico nos termos do artigo 3º, do capítulo quarto, do presente título.

ARTIGO SEGUNDO – ENTIDADES DAS SOLANÁCEAS.

1 – As entidades das solanáceas estão compreendidas em todo o espaço territorial português municipal e nos termos do presente diploma, comercializam e transaccionam actividades das solanáceas e produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma compreendidos nas tabelas I e III do artigo 2º, do capítulo primeiro, do título primeiro, sob medidas de segurança decretadas nos termos do licenciamento do exercício da actividade pelos órgãos de soberania policiais.

2 – O acto de entrada e saída de actividades das solanáceas e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades é registado em registo informático de controlo de mercadorias nos termos do artigo 2º, do capítulo quarto, do presente título.

3 – O acto comercial é registado no registo central de facturação das entidades das solanáceas portuguesas, devendo constar do registo:

- a) A identificação da entidade das solanáceas respectiva, localidade, número de identificação fiscal, a hora e a data da transacção;
- b) A identificação completa do consumidor;
- c) O número de contribuinte;
- d) A designação do produto e quantidades comercializadas.

4 – A forma de pagamento das transacções comerciais operadas realizar-se-ão por via de transferência bancária, ou de cartão de débito ou crédito de cada um consumidor de modo e forma à integridade e correcção de todo o acto de processo comercial.

ARTIGO TERCEIRO – ENTIDADES DO TABACO.

1 – As entidades do tabaco estão compreendidas em todo o espaço territorial português municipal e nos termos do presente diploma, comercializam e transaccionam actividades do tabaco e produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma compreendidos nas tabelas II e III do artigo 2º, do capítulo primeiro, do título primeiro, sob medidas de segurança decretadas nos termos do licenciamento do exercício da actividade pelos órgãos de soberania policiais.

2 – O acto de entrada e saída de actividades do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades é registado em registo informático de controlo de mercadorias nos termos do artigo 2º, do capítulo quarto, do presente título.

3 – O acto comercial é registado no registo central de facturação das entidades do tabaco portuguesas respectivo, devendo constar do registo:

a) A identificação da entidade do tabaco respectiva, localidade, número de identificação fiscal, a hora e a data da transacção;

b) A identificação completa do consumidor;

c) O número de contribuinte;

d) A designação do produto e quantidades comercializadas.

4 – A forma de pagamento das transacções comerciais operadas realizar-se-ão por via de transferência bancária, ou de cartão de débito ou crédito de cada um consumidor de modo e forma à integridade e correcção de todo o acto de processo comercial.

ARTIGO QUARTO – ENTIDADES DOS ACESSÓRIOS E DOS UTENSÍLIOS DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – As entidades dos acessórios e dos utensílios das solanáceas e do tabaco estão compreendidas em todo o espaço territorial português regional e nos termos do presente diploma, comercializam e transaccionam actividades das solanáceas e do tabaco e produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma compreendidos nas tabelas I a III do artigo 2º, do capítulo primeiro, do título primeiro, para além de outros produtos, sob medidas de segurança decretadas nos termos do licenciamento do exercício da actividade pelos órgãos de soberania policiais.

2 – O acto de entrada e saída de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades é registado em registo informático de controlo de mercadorias nos termos do artigo 2º, do capítulo quarto, do presente título.

3 – O acto comercial é registado no registo central de facturação das entidades dos acessórios e dos utensílios das solanáceas e do tabaco portuguesas respectivo, devendo constar do registo:

a) A identificação da entidade dos acessórios ou dos utensílios das solanáceas e do tabaco respectiva, localidade, número de identificação fiscal, a hora e a data da transacção;

b) A identificação completa do consumidor;

c) O número de contribuinte;

d) A designação do produto e quantidades comercializadas.

4 – A forma de pagamento das transacções comerciais operadas realizar-se-ão por via de transferência bancária, ou de cartão de débito ou crédito de cada um consumidor de modo e forma à integridade e correcção de todo o acto de processo comercial.

ARTIGO QUINTO – PRODUTO FINAL.

1 – A quantidade total obtida em todo o processo de produção ou fabrico é depositada até ao momento da sua pesagem e embalamento e remetido para a reserva real do real instituto do tabaco português de modo a precaver a sua deterioração e extravio, sendo comunicado por parte do cidadão ou entidade no mesmo momento ao real instituto do tabaco português o respectivo inventário das mercadorias produzidas ou fabricadas e transferidas, juntando uma amostra do produto obtido para análise e inventariação das suas propriedades e composição.

2 – Sempre que as áreas presidenciais da agricultura e dos vegetais, da saúde, da indústria, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais, humana, natural, universal, da ordem e da justiça determinarem mediante portaria conjunta, proibir a produção ou o fabrico de actividade das solanáceas ou do tabaco, ou de produto proveniente ou oriundo das mesmas actividades constante do presente diploma, será ordenado no imediato momento a proibição ou destruição de toda a actividade das solanáceas ou do tabaco, ou produto proveniente ou oriundo das mesmas actividades respectivo, competindo ao estado indemnizar os cidadãos ou entidades autorizados ou autorizadas à sua produção ou fabrico, pelos respectivos encargos da sua acção, caducando no imediato momento a autorização concedida.

ARTIGO SEXTO – QUOTAS DE PRODUÇÃO E FABRICO.

1 – Compete ao real instituto do tabaco português, até ao mês de Julho e atendendo aos compromissos internos, imperiais portugueses e internacionais afirmados e de acordo com as leis decorrentes das convenções, estabelecer as quantias de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades que podem ser produzidos ou fabricados, bem como das matérias-primas e matérias subsidiárias em uso e utilização nas actividades constantes do presente diploma a ser produzidas ou fabricadas no decurso do próximo ano de exercício.

2 – As quantidades estabelecidas podem no decurso do próprio ano de exercício a que corresponde a autorização concedida serem aumentadas, reduzidas ou excluídas, competindo ao real instituto do tabaco português proceder ao aumento ou redução de forma equitativa por todos os produtores ou fabricantes.

3 – A fixação de quotas, bem como todas as alterações relativas às mesmas serão publicadas, divulgadas e difundidas nos meios de comunicação da CASA IMPERIAL PORTUGUESA.

4 – A proibição e exclusão da produção ou do fabrico de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma obrigam ao número 2 do artigo anterior.

ARTIGO SÉTIMO – PROIBIÇÃO DE AMOSTRAS.

1 – São proibidas nos termos da lei com a excepção da amostra remetida por via da reserva real do real instituto do tabaco português competente ao real instituto do tabaco português, as amostras de produtos provenientes ou oriundos das actividades das

solanáceas e do tabaco obtidos no exercício das actividades constantes do presente diploma, remetidas a quaisquer cidadãos ou entidades.

ARTIGO OITAVO – AVALIAÇÃO DO PROCESSO.

1 – Compete ao real instituto do tabaco português acompanhar e avaliar o processo de produção e fabrico dos cidadãos ou entidades autorizados ou autorizadas a exercer actividades constantes do presente diploma.

ARTIGO NONO – ANÁLISE DO PRODUTO FINAL.

1 – Compete ao real instituto do tabaco português a análise de todos os produtos finais obtidos no processo de produção e fabrico dos cidadãos e das entidades autorizados ou autorizadas a exercer actividades constantes do presente diploma, de modo e forma à sua avaliação técnica, discriminação rigorosa da sua composição e em cooperação e colaboração com as entidades licenciadas, autorizadas e habilitadas para a realização de testes, exames e experiências científicas com os mesmos produtos observar as contra-indicações respectivas do seu consumo e as restrições às liberdades sociais.

ARTIGO DÉCIMO – EXPERIÊNCIAS CIENTÍFICAS.

1 – Compete ao real instituto do tabaco português estabelecer as normas processuais exigidas aos cidadãos ou entidades envolvidos ou envolvidas das actividades constantes do presente diploma, bem como de outras entidades públicas e privadas certificadas, autorizadas e habilitadas, para a realização dos testes, exames e experiências científicas das propriedades terapêuticas dos produtos obtidos, no fazer face ao processo de tratamento, reabilitação e cura das diferentes patologias e estímulos inerentes das capacidades, faculdades e aptidões humanas, bem como apurar de forma idónea, íntegra e integral os efeitos secundários produzidos por via do seu consumo em termos físicos, psicológicos, emocionais, do comportamento, atitude e conduta dos consumidores de modo e forma à elaboração rigorosa e precisa das contra-indicações respectivas do seu consumo e à imposição das restrições das liberdades sociais inerentes a cada uma actividade das solanáceas ou do tabaco, ou produto proveniente ou oriundo das mesmas actividades.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – PROCESSAMENTO DO CICLO ECONÓMICO PRODUTIVO.

1 – O real instituto do tabaco português procede à autorização de produção e fabrico de actividades das solanáceas ou do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma.

2 – Os produtores e fabricantes remetem por correio electrónico ao real instituto do tabaco português o inventário pormenorizado, dos percursores, matérias-primas e

matérias subsidiárias específicas exigidas ao exercício da actividade e o local exacto do seu depósito, indicando os fornecedores e as quantidades respectivas.

3 - O real instituto do tabaco português procede à respectiva autorização de início de actividade discriminativa dos mesmos produtos e fornecedores, sendo a mesma autorização remetida por correio electrónico à reserva real do real instituto do tabaco português competente.

4 - A reserva real do real instituto do tabaco português competente no imediato momento comunica por correio electrónico aos respectivos fornecedores dos produtos requeridos a emissão da factura em triplicado dos respectivos produtos.

5 - O fornecedor elabora a factura de forma rigorosa e remete à reserva real do real instituto do tabaco português competente por via directa ou por via dos serviços postais o duplicado sempre que a mercadoria conste das suas existências em armazém, ficando com o original e com o triplicado da factura, sendo no caso em que as existências estejam armazenadas na própria reserva real remetido o original e o duplicado.

6 - Após a recepção da factura compete à reserva real do real instituto do tabaco português competente proceder à transferência dos produtos em existência na reserva real ou noutra reserva real sempre que os mesmos existam ou à transferência dos domicílios dos fornecedores para o respectivo local de destino mencionado de armazenamento, produção ou fabrico do produtor ou fabricante, deixando na mesma o original da factura assinada e identificada com o número do bilhete de identificação civil e institucional do responsável pelo seu transporte e trazendo o duplicado da factura para a reserva real devidamente assinada e identificada com o número do bilhete de identificação do responsável do destinatário da factura.

7 - Compete ao produtor ou fabricante após a recepção dos produtos e da factura respectiva o pagamento integral no prazo de três dias ao fornecedor por via de transferência bancária, devendo para o efeito o fornecedor proceder na factura à inscrição do respectivo número de identificação financeiro.

8 - O produtor ou fabricante emite a guia de remessa discriminada do produto final obtido no acto de produção ou fabrico e remete-a por via da frota da reserva real do real instituto do tabaco português juntamente com o respectivo produto obtido, no caso dos produtores e fabricantes depois de devidamente embalado à reserva real do real instituto do tabaco português competente.

9 - Os produtores e fabricantes em exercício de actividades constantes do presente diploma, remetem por correio electrónico ao real instituto do tabaco português o inventário respectivo de reposição de existências discriminada dos produtos a adquirir.

10 - O real instituto do tabaco português procede à respectiva autorização de reposição de existências discriminativa dos mesmos produtos, sendo a mesma autorização remetida por correio electrónico à reserva real do real instituto do tabaco português competente.

11 - Repetindo-se o processamento do ciclo económico produtivo ininterrupto a partir do número 4 e seguintes números.

12 – Compete à reserva real do real instituto do tabaco português, ao fornecedor e ao cliente conservar as respectivas facturas por um período de dez anos.

13 – Sempre que nos termos do número 6 se proceder à transferência dos produtos de outra reserva real, compete à reserva real onde os produtos estão armazenados emitir o talão de transferência de mercadorias, guardando o seu original e entregando o duplicado à reserva real para a qual as mercadorias são transferidas.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – FORNECIMENTOS ESPECÍFICOS.

1 – O real instituto do tabaco português pode autorizar para além dos estabelecimentos de venda ao público, dos cidadãos ou entidades de produção e fabrico o fornecimento de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, a:

a) Entidades públicas ou privadas, reconhecidamente idóneas e íntegras, para fins didácticos e de investigação científica ou ensino, devendo o pedido ser subscrito pelo responsável pela entidade, mencionando o fim a que se destina;

b) Meio de transporte internacional, para consumo da tripulação e dos passageiros, nos termos do artigo 15º, do capítulo segundo, do título primeiro, devendo o pedido ser subscrito por responsável da respectiva entidade, mencionando o nome, registo de propriedade e outros elementos identificadores do meio de transporte.

2 – No pedido deve ser indicado o responsável pela guarda, conservação e protecção do produto, o qual deverá afirmar a sua total responsabilidade, devendo ser descritas as condições de segurança do mesmo produto.

3 – O produto detido não pode exceder as quantidades indispensáveis para a prossecução dos fins autorizados.

4 – Após a conclusão dos fins observados, deverá o produto ser remetido ao real instituto do tabaco português para que proceda à sua colocação no mercado ou caso o mesmo se encontre deteriorado ou adulterado à respectiva destruição nos termos do número 6 do artigo 6º, do capítulo segundo, do título terceiro.

5 – O fornecimento de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco para outros fins industriais, agrícolas, pecuários ou outros que não os fins mencionados no presente diploma, obriga-se nos termos da lei às normas constantes do presente diploma.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – CONTRIBUIÇÃO PARA O REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS.

1 – A todos os produtores, fabricantes e prestadores de serviços autorizados nos termos da lei a exercer actividades constantes do presente diploma, compete até ao dia 31 de Janeiro, a contribuição anual para o real instituto do tabaco português de 10% do total

da facturação do ano de exercício anterior, pelos serviços prestados de defesa, protecção, segurança e transporte dos produtos inerentes ao exercício da actividade económica.

CAPÍTULO SEGUNDO – COMÉRCIO E SERVIÇOS.

ARTIGO PRIMEIRO – TABACARIAS.

1 – As tabacarias estão compreendidas em todo o espaço territorial português municipal e nos termos do presente diploma, comercializam e transaccionam produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compreendidos na tabela III do artigo 2º, do capítulo primeiro, do título primeiro, para além de outros produtos, sob medidas de segurança decretadas nos termos do licenciamento do exercício da actividade pelos órgãos de soberania policiais.

2 – O acto de entrada e saída de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco é registado em registo informático de controlo de mercadorias nos termos do artigo 2º, do capítulo quarto, do presente título.

3 – O acto comercial é registado no registo central de tabacos, bem como é registado no registo central de facturação das tabacarias de Portugal, devendo constar do registo:

- a) A identificação da tabacaria respectiva, localidade, número de identificação fiscal, a hora e a data da transacção;
- b) A identificação completa do consumidor e o respectivo número do cartão de identificação;
- c) A designação do produto e quantidades comercializadas, devendo o programa informático alertar para a incompatibilidade dos produtos a transaccionar e o número de dias de proibição à aquisição de novos produtos específicos;
- d) A factura deve mencionar o número de dias de proibição à aquisição de novos produtos específicos.

4 – A forma de pagamento das transacções comerciais operadas realizar-se-ão por via de cartão de débito ou crédito de cada um consumidor de modo e forma à integridade e correcção de todo o acto de processo comercial.

ARTIGO SEGUNDO – HIPER-MERCADOS, SUPERMERCADOS E MERCADOS.

1 – Os hiper-mercados, supermercados e mercados estão compreendidos em todo o espaço territorial português municipal e nos termos do presente diploma, comercializam e transaccionam produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compreendidos na tabela III do artigo 2º, do capítulo primeiro, do título primeiro, para além de outros produtos, sob medidas de

segurança decretadas nos termos do licenciamento do exercício de actividade pelos órgãos de soberania policiais.

2 – O acto de entrada e saída de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco é registado em registo informático de controlo de mercadorias nos termos do artigo 2º, do capítulo quarto, do presente título.

3 – O acto comercial é registado no registo central de tabacos, bem como é registado no registo central de facturação do próprio sector de actividade económico, devendo constar do registo:

- a) A identificação da unidade comercial respectiva, localidade, número de identificação fiscal, a hora e a data da transacção;
- b) A identificação completa do consumidor e o respectivo número do cartão de identificação;
- c) A designação do produto e quantidades comercializadas, devendo o programa informático alertar para a incompatibilidade dos produtos a transaccionar e o número de dias de proibição à aquisição de novos produtos específicos;
- d) A factura deve mencionar o número de dias de proibição à aquisição de novos produtos específicos.

4 – A forma de pagamento das transacções comerciais operadas realizar-se-ão por via de cartão de débito ou crédito de cada um consumidor de modo e forma à integridade e correcção de todo o acto de processo comercial.

ARTIGO TERCEIRO – HOTELARIA, RESTAURAÇÃO E PANIFICAÇÃO.

1 – As unidades de hotelaria, restauração e panificação estão compreendidas em todo o espaço territorial português municipal e nos termos do presente diploma, comercializam e transaccionam produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compreendidos na tabela III do artigo 2º, do capítulo primeiro, do título primeiro, para além de outros produtos, sob medidas de segurança decretadas nos termos do licenciamento do exercício de actividade pelos órgãos de soberania policiais.

2 – O acto de entrada e saída de produtos provenientes ou oriundos das actividades solanáceas e do tabaco é registado em registo informático de controlo de mercadorias nos termos do artigo 2º, do capítulo quarto, do presente título.

3 – O acto comercial é registado no registo central de tabacos, bem como é registado no registo central de facturação do próprio sector de actividade económico, devendo constar do registo:

- a) A identificação da unidade comercial respectiva, localidade, número de identificação fiscal, a hora e a data da transacção;

b) A identificação completa do consumidor e o respectivo número do cartão de identificação;

c) A designação do produto e quantidades comercializadas, devendo o programa informático alertar para a incompatibilidade dos produtos a transaccionar e o número de dias de proibição à aquisição de novos produtos específicos;

d) A factura deve mencionar o número de dias de proibição à aquisição de novos produtos específicos.

4 – A forma de pagamento das transacções comerciais operadas realizar-se-ão por via de cartão de débito ou crédito de cada um consumidor de modo e forma à integridade e correcção de todo o acto de processo comercial.

5 – Compete a cada um responsável do estabelecimento comercial ou aos respectivos profissionais de hotelaria, restauração e panificação a análise e abordagem de moderação no consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco face às restrições das liberdades inerentes ao próprio consumo dos produtos.

ARTIGO QUARTO – DEMAIS SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICOS.

1 – Os demais sectores de actividade económicos da vida do reino de Portugal que não os constantes dos artigos 1º ao 3º, do presente capítulo que nos termos do presente diploma, comercializem e transaccionem produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, no exercício da sua actividade profissional obrigam-se na sua aquisição comercial ao disposto no artigo 7º, do presente capítulo e às medidas de segurança decretadas nos termos do licenciamento do exercício de actividade pelos órgãos de soberania policiais.

2 – O acto de entrada e saída de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco é registado em registo informático de controlo de mercadorias nos termos do artigo 2º, do capítulo quarto, do presente título.

3 – O acto comercial é registado no registo central de tabacos, bem como é registado no registo central de facturação do próprio sector de actividade económico, devendo constar do registo:

a) A identificação da unidade comercial respectiva, localidade, número de identificação fiscal, a hora e a data da transacção;

b) A identificação completa do consumidor e o respectivo número do cartão de identificação;

c) A designação do produto e quantidades comercializadas, devendo o programa informático alertar para a incompatibilidade dos produtos a transaccionar e o número de dias de proibição à aquisição de novos produtos específicos;

d) A factura deve mencionar o número de dias de proibição à aquisição de novos produtos específicos.

4 – A forma de pagamento das transacções comerciais operadas realizar-se-ão por via de cartão de débito ou crédito de cada um consumidor de modo e forma à integridade e correcção de todo o acto de processo comercial.

5 – Compete a cada um responsável dos demais sectores de actividade económicos ou aos respectivos profissionais em exercício a análise e abordagem de moderação no consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco face às restrições das liberdades inerentes ao próprio consumo dos produtos.

ARTIGO QUINTO – SERVIÇOS PRESTADOS.

1 - Todo o cidadão ou entidade que pretenda autorização para prestar serviços de preparação, secagem, conservação, embalamento e outras actividades de transformação das solanáceas ou do tabaco constantes do presente diploma para fins de consumo públicos e privados, industriais, didácticos ou de investigação científica, deve requerê-la ao real instituto do tabaco português, até ao dia 31 de Outubro do ano antecedente ao do exercício da autorização requerida.

2 – Do pedido de autorização deverá constar:

a) A ficha técnica discriminada de todos os profissionais administrativos, de secretariado e da produção em exercício na actividade requerida e as suas respectivas qualificações e funções a exercer;

b) A completa identificação fiscal e social;

c) A completa identificação e endereço do prestador de serviços ou prestadores de serviços, na hipótese de não ser o próprio;

d) A localização, área e planta topográfica das infra-estruturas de prestação de serviços e de estacionamento dos transportes;

e) A designação dos serviços a prestar;

f) Os modos, métodos e técnicas de prestação dos serviços em uso;

g) A previsão do número de serviços prestados a efectuar durante o ano, sua aplicação e destino;

h) A identificação dos transportes em uso.

3 – Quer a autorização do serviço prestado se reveja de um regime especial de controlo previsto nas convenções ratificadas por Portugal ou não, ou se destine a quaisquer fins, é da competência do órgão de soberania policial da respectiva área de circunscrição exercer as funções de controlo, defesa e protecção nos termos da lei, bem como observar as demais leis previstas nas convenções.

4 – A autorização para a prestação de serviços constantes do presente diploma, é válida para a aquisição de percursos e de produtos inerentes ao próprio exercício da

actividade e à comercialização dos serviços prestados, desde que se efectue a cidadãos ou entidades autorizados ou autorizadas.

5 – A autorização para o exercício da actividade prestadora de serviços, independentemente dos fins a que se destinam, só poderá ser passada se o requerente e todo o seu quadro técnico demonstrarem o domínio dos modos, métodos e técnicas apropriados de prestação do serviço de modo a impedir a deterioração ou adulteração da qualidade do serviço a prestar.

6 – No despacho que conceder a autorização a um cidadão ou entidade a prestar serviços constantes do presente diploma, são fixadas as condições que permitam ao real instituto do tabaco português impedir a acumulação de prestadores de serviços em quantidades superiores às necessidades do reino de Portugal e ao cumprir os acordos comerciais imperiais portugueses com os estados soberanos constituintes do império português e os acordos comerciais internacionais com o mundo, bem como ao normal e regular funcionamento do cidadão ou entidade requerente.

7 – O acto de entrada e saída dos produtos em uso e utilização nas actividades de prestação de serviços constantes do presente diploma, é registado em registo informático de controlo correspondente nos termos do artigo 2º, do capítulo quarto, do presente título.

8 – Sempre que as áreas presidenciais da agricultura e dos vegetais, da saúde, da indústria, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais, humana, natural, universal, da ordem e da justiça, determinarem mediante portaria conjunta, proibir a prestação de serviços dos quais possam resultar modos, métodos, técnicas ou produtos indesejáveis, será ordenado no imediato momento a proibição dos mesmos serviços, competindo ao estado indemnizar os cidadãos ou entidades prestadores ou prestadoras dos mesmos serviços, pelos respectivos encargos da sua acção, caducando no imediato momento a autorização concedida.

ARTIGO SEXTO – PRODUTORES E FABRICANTES.

1 – Nos termos do presente diploma a comercialização e a transacção dos produtos constantes do presente diploma, entre produtores e fabricantes, obriga-se aos termos do artigo 11º, do capítulo primeiro, do presente título, sendo o seu fornecimento às tabacarias, hiper-mercados, supermercados, mercados, unidades de hotelaria, restauração, industriais, didácticas, de investigação ou outras entidades, processado nos termos do artigo seguinte.

ARTIGO SÉTIMO – PROCESSAMENTO DO CICLO ECONÓMICO COMERCIAL.

1 – O real instituto do tabaco português procede à autorização para o exercício comercial de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma.

2 – Os comerciantes e prestadores de serviços remetem por correio electrónico ao real instituto do tabaco português o inventário pormenorizado das mercadorias específicas

exigidas ao exercício da actividade e o local exacto do seu depósito, indicando os fornecedores e as quantidades respectivas.

3 - O real instituto do tabaco português procede à respectiva autorização de início de actividade discriminativa dos mesmos produtos e fornecedores, sendo a mesma autorização remetida por correio electrónico à reserva real do real instituto do tabaco português competente.

4 - A reserva real do real instituto do tabaco português competente no imediato momento comunica por correio electrónico aos respectivos produtores e fabricantes dos produtos requeridos a emissão da factura em triplicado dos respectivos produtos.

5 - O produtor ou fabricante elabora a factura de forma rigorosa e remete à reserva real do real instituto do tabaco português competente por via directa ou via postal o original e o duplicado da factura.

6 - Após a recepção da factura compete à reserva real do real instituto do tabaco português competente proceder à transferência dos produtos da reserva real ou de outra reserva real para a respectiva entidade comercial, deixando na mesma o original da factura assinada e identificada com o número do bilhete de identificação civil e institucional do responsável pelo seu transporte e trazendo o duplicado para a reserva real devidamente assinada e identificada com o número do bilhete de identificação do responsável do destinatário da factura.

7 - Compete ao comerciante ou prestador de serviços após a recepção dos produtos e da factura respectiva o pagamento integral no prazo de três dias ao fornecedor por via de transferência bancária, devendo para o efeito o fornecedor proceder na factura à inscrição do respectivo número de identificação financeiro.

8 - Os comerciantes e prestadores de serviços em exercício de actividades constantes do presente diploma, remetem por correio electrónico à reserva real do real instituto do tabaco português competente o inventário respectivo de reposição de existências discriminada dos produtos a adquirir.

9 - A reserva real do real instituto do tabaco português competente procede à respectiva autorização de reposição de existências discriminativa dos mesmos produtos, repetindo-se o processamento do ciclo económico comercial ininterrupto a partir do número 4 e seguintes números.

10 - Compete à reserva real do real instituto do tabaco português, ao fornecedor e ao cliente conservar as respectivas facturas por um período de dez anos.

11 - Sempre que nos termos do número 6 se proceder à transferência dos produtos de outra reserva real, compete à reserva real onde os produtos estão armazenados emitir o talão de transferência de mercadorias, guardando o seu original e entregando o duplicado à reserva real para a qual as mercadorias são transferidas.

CAPÍTULO TERCEIRO – IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO, INTRODUÇÃO, EXPEDIÇÃO E TRÂNSITO.

ARTIGO PRIMEIRO – IMPORTAÇÃO E INTRODUÇÃO.

1 – As necessidades de importação ou de introdução de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, serão requeridas atempadamente pelas reservas reais do real instituto do tabaco português mediante a observação da escassez do produto ou do serviço para as exigências a médio prazo, tendo em conta o seu consumo e a sua comercialização pelos cidadãos ou entidades envolvidos ou envolvidas das autorizações nos termos da lei para o exercício das actividades constantes do presente diploma ou por via da autorização de início de actividade ou da autorização de reposição de existências, quando se verificar a não existência do produto respectivo em armazém, para o fazer face ao compromisso afirmado para com o cidadão ou entidade requerente.

2 - As necessidades de importação ou de introdução de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, são comunicadas por via da declaração de importação das reservas reais do real instituto do tabaco português ao real instituto do tabaco português de modo e forma ao seu provimento.

3 – A declaração de importação é enviada ao ministério da agricultura e dos vegetais, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais ou da indústria respectivo, sendo nomeado pelo real instituto do tabaco português um técnico para que em colaboração com o ministro respectivo avalizarem o mercado fornecedor imperial português e internacional do mesmo produto ou serviço, a sua proveniência em termos de estado soberano, a quantidade, qualidade e estado de conservação do produto ou a eficiência do serviço a acordar e o preço respectivo, tendo presente a previsão das necessidades de consumo internas do mesmo produto ou serviço exigidas ao longo do ano e os termos da importação.

ARTIGO SEGUNDO – EXPORTAÇÃO E EXPEDIÇÃO.

1 – As necessidades de exportação ou expedição de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, serão comunicadas por via da declaração de exportação pelas reservas reais do real instituto do tabaco português ao real instituto do tabaco português, sempre que analisarem um excesso de excedentes em armazém ou de prestadores de serviços no fazer face às responsabilidades internas do reino de Portugal para o respectivo ano de exercício e tendo presente a deterioração dos produtos ao longo do tempo.

2 – Sendo a mesma declaração analisada e confirmado o excesso de excedentes do respectivo produto ou de prestadores de serviços e enviada ao ministério da agricultura e dos vegetais, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais ou da indústria respectivo, sendo nomeado pelo real instituto do tabaco

português um técnico para em colaboração com o ministro respectivo avalizarem o mercado importador imperial português e internacional do mesmo produto ou serviço, a sua proveniência em termos de estado soberano, a quantidade, qualidade e estado de conservação do produto ou a eficiência do serviço a acordar e o preço respectivo, tendo presente a previsão dos excedentes de produção internas do mesmo produto ou serviço ao longo do ano e os termos da exportação.

ARTIGO TERCEIRO – DECLARAÇÃO DE IMPORTAÇÃO E DECLARAÇÃO DE EXPORTAÇÃO.

1 – Da declaração de importação e da declaração de exportação devem constar:

- a) Nome da actividade das solanáceas ou do tabaco, ou do produto ou serviço prestado proveniente ou oriundo das mesmas actividades, ou o nome do precursor, da matéria-prima ou da matéria subsidiária;
- b) Quantidades a importar, introduzir, exportar ou expedir;
- c) Nome do importador, introdutor, exportador ou expedidor, número de identificação fiscal, endereço, número da autorização para o exercício da actividade a realizar;
- d) Período para a realização da operação de importação, introdução, exportação ou expedição;
- e) Sempre que for requerido a importação ou introdução de um produto de entidade específica deve ser mencionado a identificação da entidade de produção ou fabrico ou da prestação do serviço e o estado soberano em que está registada.

ARTIGO QUARTO – ACORDO COMERCIAL.

1 – O acordo comercial celebrado na realização de operações de importação, introdução, exportação ou expedição dos produtos constantes do presente diploma, deve ser realizado por via diplomática pelo respectivo ministro da agricultura e dos vegetais, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais ou da indústria respectivo com os órgãos de soberania dos estados soberanos envolvidos dos mesmos acordos comerciais, sendo autorizados aos importadores, introdutores, exportadores ou expedidores a realização da operação, sob fortes medidas de segurança.

2 – Da concessão da autorização de importação, introdução, exportação ou expedição, para além dos dados constantes da declaração de importação e da declaração de exportação, deverão incluir:

- a) Os dados de identificação do fornecedor no caso de importação ou introdução, ou do cliente no caso de exportação ou expedição, o número fiscal do respectivo estado soberano e cópia da autorização para o exercício da actividade realizada;

- b) Meio de transporte responsável pelo transporte da mercadoria e condições de conservação do produto durante o transporte;
- c) O local de embarque e desembarque das mercadorias;
- d) Medidas de segurança envolvidas da operação;
- e) Condições de facturação e prazos de pagamento, sendo a forma de pagamento acordada, a transferência bancária entre as instituições financeiras dos estados soberanos intervenientes na operação.

ARTIGO QUINTO – ANÁLISE DOS PRODUTOS IMPORTADOS E INTRODUZIDOS.

1 – Compete à direcção geral das alfândegas proceder no imediato momento do desalfandegamento de produtos constantes do presente diploma à comunicação ao real instituto do tabaco português do facto, de modo a que o mesmo remeta no imediato momento os técnicos exigidos a proceder à análise e avaliação do produto respectivo, procedendo-se após o desembarque ao seu imediato transporte para as reservas reais do real instituto do tabaco português.

ARTIGO SEXTO – EXPORTAÇÃO OU EXPEDIÇÃO PROIBIDA.

1 – É proibida a exportação ou expedição de produtos constantes do presente diploma destinada a um destinatário diferente do que foi indicado no acordo comercial celebrado e constante da respectiva autorização.

2 – Sempre que a exportação ou expedição for dirigida a entreposto aduaneiro, o governo do estado soberano importador deve certificar na autorização o consentimento do facto, mencionando na autorização o entreposto aduaneiro como seu destino.

3 – Todo o cidadão ou entidade exportador ou expedidor deve proceder de modo e forma a que se torne impossível abrir os volumes sem quebrar o selo de segurança.

ARTIGO SÉTIMO – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO DE TRÂNSITO E TRANSBORDO.

1 - O pedido de autorização de trânsito ou transbordo no espaço territorial português de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, bem como de percursores, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, deve ser acompanhado das respectivas autorizações de importação e exportação emitidas pelos estados soberanos envolvidos da origem e do destino das mercadorias, bem como da autorização respectiva do meio de transporte, emitida pela autoridade do estado soberano exportador para a realização da operação.

2 – O pedido de mudança de destino das mercadorias para outro estado soberano que não o do destino inicial, obriga a uma imediata apreensão do meio de transporte envolto do seu transporte e da mercadoria constante do mesmo, sendo preciso para o

desembargo da situação a autorização rectificativa passada pelo estado soberano exportador.

ARTIGO OITAVO – OUTROS CONDICIONALISMOS.

1 – De acordo com as convenções internacionais ratificadas por Portugal e por diploma próprio, podem ser impostos outros condicionalismos ou restrições relativamente à importação, introdução, exportação, expedição, trânsito ou transbordo de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma.

CAPÍTULO QUARTO – REGISTOS INFORMÁTICOS DE CONTROLO.

ARTIGO PRIMEIRO – DISPOSIÇÕES COMUNS.

1 – Os registos informáticos de controlo previstos no presente capítulo são aprovados pelo real instituto do tabaco português, contendo o termo de abertura e o do encerramento.

2 – Os registos não conterão espaços em branco, entrelinhas, rasuras ou emendas não ressalvadas e são elaborados por ordem cronológica, com numeração sequencial.

3 – As entidades autorizadas a produzir, fabricar ou comercializar os produtos constantes do presente diploma, conservaram os registos informáticos por um período de dez anos, a contar do último lançamento.

4 – Os registos são controlados pelo real instituto do tabaco português.

5 – O registo informático procederá de forma íntegra e digna à fidedignidade e segurança dos dados constantes.

6 – Os registos podem ser remetidos ao real instituto do tabaco português através de transmissão electrónica de dados, de acordo com os requisitos a definir pelo próprio real instituto do tabaco português.

ARTIGO SEGUNDO – REGISTO DE ENTRADAS E SAÍDAS.

1 – Todos os cidadãos ou entidades autorizados ou autorizadas a exercer actividades constantes do presente diploma, bem como as reservas reais do real instituto do tabaco português, devem registar em cada um ano de exercício de acordo com o artigo anterior, todas as entradas e saídas:

a) De actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades envolvidos do exercício da actividade comercial, no respectivo registo informático – mercadorias;

b) De actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades envolvidos do exercício da actividade produtora ou industrial, no respectivo registo informático – matérias-primas;

c) De matérias subsidiárias exigidas ao exercício da correspondente actividade, no respectivo registo informático – matérias subsidiárias.

2 – Do respectivo registo deve constar a data, o nome do fornecedor ou cliente respectivo, a designação do produto e as quantidades respectivas da aquisição ou venda.

3 – O registo informático deve ser aberto com data do dia 1 de Janeiro de cada ano e encerrado no dia 31 de Dezembro do ano respectivo.

4 – No encerramento de cada um ano de exercício deverá constar as quantidades do produto comprado e vendido e a referência das existências em armazém disponíveis para o ano de exercício seguinte.

5 – Todos os cidadãos ou entidades obrigados ou obrigadas aos livros de registo informático entradas e saídas devem remeter até ao dia 31 de Janeiro do ano seguinte ao real instituto do tabaco português os dados constantes dos mesmos relativos ao ano transacto.

6 – As reservas reais do real instituto do tabaco português registam também a entrada de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma para destruição, bem como a sua designação, quantidades dos produtos e a data da sua destruição.

ARTIGO TERCEIRO – REGISTO DE ENTRADA E DE SAÍDA DO CICLO DE PRODUÇÃO E FABRICO.

1 – Todos os cidadãos ou entidades autorizados ou autorizadas a produzir ou fabricar produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, deverão possuir o registo informático – produção e fabrico, para registarem nos mesmos a respectiva quantidade de matérias-primas e matérias subsidiárias entradas em cada um processo de produção ou fabrico e as quantidades do produto obtido com o mesmo processo.

2 – No registo informático de produção e fabrico deve constar a identificação completa do produto, a proveniência das matérias-primas e matérias subsidiárias, com indicação da data de entrada do registo informático matérias-primas ou matérias subsidiárias correspondente as quantidades utilizadas, a data de entrada na secção de produção ou fabrico, as quantidades do produto obtido e o respectivo número de lote.

3 – O registo informático deve ser aberto com data do dia 1 de Janeiro de cada ano e encerrado no dia 31 de Dezembro do ano respectivo.

4 – No encerramento de cada um ano de exercício deverá constar as quantidades de matérias-primas e matérias subsidiárias entradas no processo de produção e fabrico e as quantidades de produto obtidas com o mesmo.

5 – Todos os cidadãos ou entidades obrigados ou obrigadas ao livro de registo informático produção e fabrico, devem remeter até ao dia 31 de Janeiro do ano seguinte ao real instituto do tabaco português os dados constantes dos mesmos relativos ao ano transacto.

ARTIGO QUARTO – SUBTRACÇÃO, EXTRAVIO E INUTILIZAÇÃO DE REGISTOS.

1 – A subtracção, o extravio e a inutilização dos registos informáticos são no imediato momento do conhecimento dos factos, comunicados pela entidade respectiva ao órgão de soberania jurídico da respectiva área de circunscrição geográfica, que accionará no imediato as autoridades judiciais, para a sua investigação, devendo todos os funcionários da entidade respectiva e responsáveis administrativos prestar a plena e total colaboração para o apuramento da veracidade do processo e do seu autor ou autores morais, bem como comunicar ao real instituto do tabaco português o mesmo facto indicando com todo o pormenor possível a descrição dos factos, indicando os registos informáticos em falta e fornecendo todos os elementos de prova que possuir.

ARTIGO QUINTO – REGISTO DAS EXISTÊNCIAS.

1 – Compete às reservas reais do real instituto do tabaco português até ao dia 31 de Janeiro de cada ano, remeter ao real instituto do tabaco português um inventário pormenorizado das existências de produtos constantes nas reservas reais relativos à data de 31 de Dezembro do ano transacto, mencionando a designação dos produtos constantes e as respectivas quantidades, sublinhando a designação e respectivas quantidades de mercadorias importadas e exportadas.

2 – Compete a todos os cidadãos ou entidades envolvidos ou envolvidas do exercício das actividades constantes do presente diploma, até ao dia 31 de Março de cada ano, apresentar a declaração de rendimentos individuais ou colectivos referentes ao exercício da actividade aos órgãos de soberania fiscais e remeter um inventário pormenorizado das existências de matérias-primas e matérias subsidiárias constantes em armazém, à data de 31 de Dezembro do ano transacto, bem como a previsão das quantidades a produzir, fabricar e comercializar para o presente ano de exercício, em formulário próprio disponibilizado pelos órgãos de soberania fiscais, devidamente preenchido e assinado pelo responsável da autorização respectiva.

3 – Compete aos órgãos de soberania fiscais remeter a mesma informação depois de devidamente averiguada a integridade de todo o processo fiscal relativos aos cidadãos, entidades e profissionais no exercício da actividade, ao real instituto do tabaco português.

4 – Os registos a que se refere o presente artigo devem ser conservados pelo prazo de dez anos.

CAPÍTULO QUINTO – PUBLICIDADE, TRATAMENTO, SEGURANÇA, ESTOJOS, EMBALAMENTO, CONSERVAÇÃO, RÓTULOS E FOLHETO INFORMATIVO.

ARTIGO PRIMEIRO – PROIBIÇÃO DE PUBLICIDADE.

1 – É proibida nos termos da lei a publicidade respeitante a produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, com excepção das publicações técnicas ou suportes de informação destinados exclusivamente a produtores, fabricantes, comerciantes e prestadores de serviços envolvidos nas actividades constantes do presente diploma e das publicações relativas à sua venda em leilão organizados e promovidos pelo real instituto do tabaco português nos termos da lei.

ARTIGO SEGUNDO – TRATAMENTO, SEGURANÇA, ESTOJOS, EMBALAMENTO, CONSERVAÇÃO E RÓTULOS.

1 – O real instituto do tabaco português fixa as normas de tratamento e os materiais e as características de segurança a adoptar nos estojos, recipientes e nas embalagens de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, bem como as normas de segurança, conservação, higiene e de transporte dos produtos.

2 – Os rótulos apostos nos recipientes que contenham produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma destinados a venda, têm obrigatoriamente que mencionar a indicação da designação do produto, o estado soberano de origem, a quantidade respectiva em peso bruto ou líquido, a informação relativa à zona de produção ou fabrico, a composição, as contra-indicações do produto, as restrições das liberdades, a recomendação da moderação e os benefícios e malefícios inerentes ao seu consumo, para além de outras menções obrigatórias sempre que existam disposições legais que às mesmas obriguem.

3 – Para além do disposto no número anterior os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanácea e do tabaco, deveram mencionar o nome do produtor ou fabricante, o teor de nicotina que contém, a qualidade da solanácea em uso e utilização e a sua origem.

ARTIGO TERCEIRO – FOLHETO INFORMATIVO.

1 – O folheto informativo que acompanha o produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco constante do presente diploma tem que obrigatoriamente mencionar a designação do produto, a classe ou o tipo e a data e entidades responsáveis pela peritagem e exame sempre que o produto ao mesmo obrigue, bem como entidade responsável pelo controlo de qualidade e certificação, a finalidade a

que se destina, a composição material, a quantidade do produto respectivo, as normas de detenção, uso, utilização, conservação e segurança respectivas, as contraindicações do produto, as restrições das liberdades, a recomendação da moderação e os benefícios e malefícios inerentes ao seu consumo, para além de outras menções obrigatórias sempre que existam disposições legais que às mesmas obriguem.

CAPÍTULO SEXTO – RESPONSABILIDADE CRIMINAL.

ARTIGO PRIMEIRO – ACTO PROCESSUAL JURÍDICO.

1 – A violação das obrigações legais impostas nos termos da lei, por parte dos cidadãos ou entidades envoltos ou envoltas do exercício das actividades constantes do presente diploma, é passível de acto de processo-crime, podendo o mesmo ditar pela prorrogação, renovação ou suspensão das licenças e respectiva autorização, por tempo determinado ou pela dissolução sempre que em definitivo.

ARTIGO SEGUNDO – PROCEDIMENTO JURÍDICO.

1 – Aos cidadãos ou entidades a exercer actividades constantes do presente diploma que incorram em actos de processo-crime relativos às mesmas actividades, podem-lhes no imediato momento da sua condenação ser confiscado e considerado perdido a favor do estado todo o imobilizado, existências e outros bens materiais inerentes ao exercício da actividade respectiva.

ARTIGO TERCEIRO – IMPORTAÇÃO, INTRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO E EXPEDIÇÃO ILÍCITAS.

1 – Todo o cidadão ou entidade que adulterar e violar o disposto nos artigos 1º ao 4º e o artigo 7º, do capítulo terceiro, do presente título, correspondente ao processo de importação, exportação, introdução, expedição, trânsito e transbordo de produtos constantes do presente diploma, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

3 – Se do acto crime:

a) Resultar a morte de cidadãos, o autor é punido:

a. Pelas consequências do acto praticado;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao total do número de anos que medeiam entre a idade de cada uma vítima no momento dos factos e a estimativa média de vida dos cidadãos, os 85 anos, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o cônjuge ou cônjuges e para os familiares directos;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e a água;

h. Com direito a um dia de visita mensal;

b) Resultarem lesões para cidadãos e a exigência de cuidados, tratamentos e intervenções de saúde, os mesmos serão suportados pelo autor na íntegra e pelo período de tempo no qual os mesmos se prolongarem, mesmo que em liberdade depois de cumprida a pena de cadeia efectiva.

ARTIGO QUARTO – TRATAMENTO, SEGURANÇA, ESTOJOS, EMBALAMENTO, CONSERVAÇÃO, ROTULAGEM E FOLHETOS INFORMATIVOS.

1 – Todo o cidadão ou entidade autorizado ou autorizada ao exercício das actividades constantes do presente diploma, que não observar as condições de tratamento, segurança, dos estojos, de embalagem, conservação, higiene e transporte dos produtos, bem como de rotulagem e dos folhetos informativos estabelecidas nos termos do disposto no capítulo quinto, do presente título, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO QUINTO – ELEMENTOS ERRADOS.

1 – Todo o cidadão ou entidade que requerer a autorização ou a manutenção da autorização para o exercício das actividades constantes do presente diploma nos termos do disposto nos artigos 4º e 6º, do capítulo segundo, do título primeiro e do artigo 1º, do capítulo primeiro e do artigo 6º, do capítulo segundo, do presente título, com elementos e dados falsos ou incorrectos, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

3 – Todo o cidadão que efectue o acto comercial de compra de actividades das solanáceas ou do tabaco nos termos do disposto nos artigos 2º ao 4, do capítulo primeiro, do presente título, ou de produto ou serviço prestado proveniente ou oriundo das mesmas actividades constantes do presente diploma nos termos do disposto nos artigos 1º ao 4º, do capítulo segundo, do presente título, com elementos e dados falsos ou incorrectos, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 366 dias;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 100 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação ao jantar a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

4 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO SEXTO – LICENÇA E AUTORIZAÇÃO.

1 – Todo o responsável administrativo por:

a) Entidade envolta no processo de licenciamento dos cidadãos ou entidades a exercer actividades constantes do presente diploma, que não proceder em termos técnicos à plenitude das responsabilidades exigidas e à idoneidade e integridade de todo o processo de licenciamento nos termos do disposto no artigo 2º, do capítulo segundo, do título primeiro, procedendo à emissão de pareceres falsos e deturpados; ou

b) O real instituto do tabaco português que ocultando parecer negativo de entidade envolta do licenciamento de um processo de autorização para o exercício de actividades constantes do presente diploma nos termos do disposto no artigo 2º, do capítulo segundo, do título primeiro, emitir a respectiva autorização;

é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO SÉTIMO – QUEBRA DE COOPERAÇÃO.

1 – Todo o responsável administrativo de entidade envolta das competências de autorização, fiscalização e controlo dos cidadãos e entidades autorizados ou autorizadas ao exercício de actividades constantes do presente diploma, que não cooperarem com as demais entidades para a integridade e fidedignidade de todo o processo nos termos do disposto no artigo 3º, do capítulo terceiro, do título primeiro, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

- a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;
- b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e
- c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO OITAVO – INICIO DE ACTIVIDADE.

1 – Todo o responsável administrativo do real instituto do tabaco português que tendo sido emitida a respectiva autorização do exercício das actividades constantes do presente diploma, a não inserir no registo dos cidadãos ou entidades a exercer as mesmas actividades ou não as remeter aos respectivos órgãos de soberania jurídico e policial da área de circunscrição geográfica respectiva, de modo e forma à adopção das medidas de segurança, fiscalização e controlo nos termos do disposto no artigo 9º, do capítulo segundo, do título primeiro, é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;
- b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;
- c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;
- d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;
- e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;
- f. Com um dia de pausa mensal;
- g. Com uma alimentação a pão e água;
- h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

- a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;
- b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e
- c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO NONO – DESALFANDEGAMENTO.

1 – Todo o responsável administrativo da direcção geral da alfândega respectiva que no acto de processo de um desalfandegamento de produtos constantes do presente diploma:

a) Não o comunicar no imediato ao real instituto do tabaco português, de modo a que proceda à sua análise e avaliação nos termos do disposto no artigo 5º, do capítulo terceiro, do presente título; ou

b) Não comunique às autoridades militares e policiais respectivas da alfândega de modo e forma a que se proceda ao reforço das medidas de segurança nos termos do disposto no artigo 1º, do capítulo terceiro, do título primeiro; ou

2 – Todo o cidadão ou entidade que violar os actos processuais de desalfandegamento de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, bem como de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma nos termos do disposto no artigo 2º, do capítulo terceiro, do título primeiro;

é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

3 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO DÉCIMO – APREENSÕES.

1 – Todo o agente da guarda real portuguesa que após apreensão de produtos constantes do presente diploma, os não denunciar no respectivo órgão de soberania policial de modo e forma à sua comunicação institucional ao órgão de soberania jurídico da respectiva área de circunscrição geográfica nos termos do disposto no artigo 12º, do capítulo segundo, do título primeiro, para a instauração do respectivo processo-crime, é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;
- b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;
- c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;
- d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;
- e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;
- f. Com um dia de pausa mensal;
- g. Com uma alimentação a pão e água;
- h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

- a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;
- b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e
- c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – CICLO ECONÓMICO.

1 – Todo o cidadão ou entidade que violar as fases do processamento do ciclo económico produtivo ou comercial nos termos do disposto no artigo 11º, do capítulo primeiro e do artigo 7º, do capítulo segundo, do presente título respectivamente, é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – SUBTRACÇÃO, EXTRAVIO E DETERIORAÇÃO.

1 – Todo o cidadão ou entidade a exercer actividades constantes do presente diploma que constate a subtracção, extravio ou deterioração de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco ou de percursos, matérias-primas ou matérias subsidiárias constantes do presente diploma, bem como de impressos, documentos, registos, certificados, licenças ou autorizações no exercício da sua actividade e que não comunicar o facto no prazo de vinte e quatro horas, ao órgão de soberania jurídico da sua área de circunscrição geográfica e ao real instituto do tabaco português nos termos do disposto no artigo 19º, do capítulo quarto, do título primeiro, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envolvidas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – DEVERES DE SEGURANÇA.

1 – Todo o cidadão que tendo a seu cargo, a guarda, a responsabilidade ou a segurança de produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma nos termos do disposto no artigo 13º, do capítulo primeiro, do presente título, por incúria ou negligência das medidas adoptadas, der causa à sua subtracção, extravio ou deterioração, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

- a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;
- b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e
- c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – CONTRIBUIÇÃO.

1 – Todo o produtor, fabricante ou prestador de serviços autorizado ao exercício das actividades constantes do presente diploma que até ao dia 31 de Janeiro não cumpra com a contribuição respectiva ao real instituto do tabaco português nos termos do disposto no artigo 14º, do capítulo primeiro, do presente título, pelos serviços de defesa, protecção e transporte respectivos, é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;
- b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;
- c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;
- d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;
- e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;
- f. Com um dia de pausa mensal;
- g. Com uma alimentação a pão e água;
- h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

- a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;
- b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e
- c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – PUBLICIDADE.

1 – A publicidade de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma é punida nos termos do artigo 5º, do capítulo sétimo, do título terceiro do CÓDIGO PENAL.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – DIRECÇÃO DAS SOLANÁCEAS, OUTRAS DIRECÇÕES E RESPONSÁVEIS PELA AUTORIZAÇÃO.

1 – Todo o responsável por direcção das solanáceas, do tabaco, de tabacaria ou outra direcção, bem como responsável pela autorização que não proceder no imediato momento ao fornecimento dos dados, elementos e informações, solicitados pelo real instituto do tabaco português nos termos do disposto nos artigos 9º ao 15º e no artigo 17º, do capítulo quarto, do título primeiro, obstruindo as respectivas competências e diligências a realizar, é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;
- b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;
- c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;
- d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;
- e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;
- f. Com um dia de pausa mensal;
- g. Com uma alimentação a pão e água;
- h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

- a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;
- b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e
- c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO – DENÚNCIA.

1 – Todo o cidadão ou entidade autorizado ou autorizada a exercer actividades constantes do presente diploma, que detendo conhecimento da realização de uma operação ilícita ou transacção suspeita de ser desviada para fins ilícitos, não comunicar às entidades competentes o facto nos termos do disposto no artigo 4º, do capítulo terceiro, do título primeiro, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

3 – Se do acto crime:

a) Resultar a morte de cidadãos, o autor é punido:

a. Pelas consequências do acto praticado;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao total do número de anos que medeiam entre a idade de cada uma vítima no momento dos factos e a estimativa média de vida dos cidadãos, os 85 anos, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o cônjuge ou cônjuges e para os familiares directos;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e a água;

h. Com direito a um dia de visita mensal;

b) Resultarem lesões para cidadãos e a exigência de cuidados, tratamentos e intervenções de saúde, os mesmos serão suportados pelo autor na íntegra e pelo período de tempo no qual os mesmos se prolongarem, mesmo que em liberdade depois de cumprida a pena de cadeia efectiva.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO – FRONTEIRAS.

1 – Todo o cidadão proveniente do estrangeiro que se apresentar nas fronteiras portuguesas com produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, bem como com percursores, matérias-primas ou matérias subsidiárias constantes do presente diploma e que não denunciar os mesmos ou as mesmas nas respectivas áreas alfandegárias de modo e forma a que se processe os correspondentes direitos aduaneiros nos termos do disposto no artigo 14º, do capítulo segundo, do título primeiro; ou

2 – Todo o responsável máximo por meio de transporte internacional que não denuncie nas fronteiras portuguesas a posse de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, bem como não possua autorização para a sua posse subscrita pelo estado soberano no qual está registado nos termos do disposto no artigo 15º, do capítulo segundo, do título primeiro;

é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

3 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO DÉCIMO NONO – REVISTA.

1 – Todo o cidadão que devidamente advertido das consequências penais do seu acto por agente da guarda real portuguesa, se recusar e se negar a ser submetido a revista autorizada nos termos do disposto no artigo 6º, do capítulo primeiro, do título terceiro, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO VIGÉSIMO – RESERVAS REAIS.

1 – Todo o funcionário das reservas reais do real instituto do tabaco português incumbido da responsabilidade:

a) De recepção de autorização de início de actividade ou de autorização de reposição de existências emitida pelo real instituto do tabaco português;

b) De recepção dos pedidos de autorização de reposição de existências dos comerciantes e demais sectores de actividade dependentes dos produtos;

c) De comunicação de autorização de reposição de existências emitida pela própria reserva real;

d) De recepção de factura de fornecedor ou de guia de remessa do produto final de produtor ou fabricante;

e) De comunicação da reserva real a fornecedor para a emissão de factura;

f) De transporte de factura de fornecedor ou de destinatário da mesma para a reserva real; ou

g) De transporte de guia de remessa do produto final de produtor ou fabricante para a reserva real;

h) De transporte de talão de transferência de mercadorias de uma outra reserva real para a sua própria;

Que extraviar, subtrair ou deteriorar os mesmos documentos nos termos do disposto no artigo 11º, do capítulo primeiro e no artigo 7º, do capítulo segundo, do presente título, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente a 366 dias, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 100 Quilómetros da sua área de residência;

d. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

e. Com um dia de pausa mensal;

f. Com uma alimentação ao jantar a pão e água;

g. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

3 – Todo o funcionário das reservas reais do real instituto do tabaco português incumbido da responsabilidade:

a) De transporte dos produtos da reserva real ou de uma outra reserva real, ou de domicílio de fornecedor para o destinatário da factura;

b) De transporte de produtos de produtor ou fabricante para a reserva real;

c) De transporte de amostra de produtor ou fabricante para o real instituto do tabaco português;

Que extraviar, subtrair ou deteriorar os mesmos produtos nos termos do disposto no artigo 11º, do capítulo primeiro e no artigo 7º, do capítulo segundo, do presente título; ou

4 – Todo o responsável:

a) Da reserva real do real instituto do tabaco português pela segurança e defesa da reserva real nos termos do disposto no artigo 13º, do capítulo segundo, do título primeiro, que extraviar, subtrair ou deteriorar os mesmos produtos; ou

b) Administrativo pela reserva real do real instituto do tabaco português que não remeter nos prazos respectivos o inventário das existências em armazém à data de 31 de Dezembro de cada um ano nos termos do disposto no artigo 5º, do capítulo quarto, do presente título;

é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

5 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

- a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;
- b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e
- c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO – REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS.

1 – Todo o responsável do real instituto do tabaco português incumbido da responsabilidade de recepção de inventário de início de actividade ou de inventário de reposição de existências de produtor, fabricante, comerciante ou prestador de serviços nos termos do disposto no artigo 11º, do capítulo primeiro e no artigo 7º, do capítulo segundo, do presente título, que extraviar, subtrair ou deteriorar os mesmos documentos, é punido:

- a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;
- b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente a 366 dias, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;
- c. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 100 Quilómetros da sua área de residência;
- d. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;
- e. Com um dia de pausa mensal;
- f. Com uma alimentação ao jantar a pão e água;
- g. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

- a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;
- b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou
- c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO – AMOSTRAS.

1 – Todo o cidadão ou entidade autorizado ou autorizada a exercer as actividades constantes do presente diploma que com excepção da amostra remetida ao real instituto do tabaco português após a obtenção do produto final do exercício da sua actividade, remeta amostras do produto a terceiros nos termos do disposto no artigo 7º, do capítulo primeiro, do presente título, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO – REGISTOS INFORMÁTICOS.

1 – Todo o cidadão ou entidade a exercer actividades constantes do presente diploma, que obrigado ou obrigada aos registos informáticos correspondentes do exercício da actividade nos termos do disposto no capítulo quarto, do presente título:

a) O não possuírem;

b) Não procederem ao seu íntegro preenchimento e inscrição;

c) Não remeterem os elementos constantes dos mesmos às autoridades competentes nos prazos estabelecidos;

d) Não conservarem os mesmos registos nos prazos definidos para a sua conservação;

e) Não remeterem aos órgãos de soberania fiscais nos prazos respectivos o inventário das existências à data de 31 de Dezembro de cada um ano;

é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; e

c. Um terço da pena se o acto lesivo prejudicar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO – DOCUMENTOS, LICENÇAS E AUTORIZAÇÕES.

1 – Todo o cidadão ou entidade que autorizado ou autorizada nos termos da lei ao exercício das actividades constantes do presente diploma, não detiver e conservar na sua posse documentos, registos, certificados, licenças ou autorizações respectivos do exercício da actividade, para os apresentar em cada um acto de fiscalização e controlo nos termos do disposto nos artigos 3º e 11, do capítulo segundo e no artigo 5º, do capítulo terceiro, do título primeiro, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente a 366 dias, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 100 Quilómetros da sua área de residência;

d. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

e. Com um dia de pausa mensal;

f. Com uma alimentação ao jantar a pão e água;

g. Com direito a uma visita mensal;

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO – BEATAS.

1 – Todo o cidadão que após o acto de fumar inconscientemente atirar a beata para a via pública, poluindo e degradando o meio ambiente e as condições de saúde, higiene e limpeza do reino de Portugal, é punido com uma pena de multa de 10 contos.

2 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo for considerado de risco pela sua utilização por menores ou se agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO – TABACO AO ALCANCE DE CRIANÇAS.

1 – Compete a todo o cidadão possuidor e detentor de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, zelar pelas medidas de segurança e prevenção relativas à defesa do seu acesso por crianças.

2 Todo o cidadão que por incúria das medidas de segurança e prevenção a adoptar relativas a produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco e à defesa do seu acesso por crianças, provocar ou permitir que alguma criança às mesmas aceda, colocando em perigo a sua própria vida, é punido:

a. Pela restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados com o seu acto;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao número de dias do valor próprio dos prejuízos e transtornos causados, multiplicado por três, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o estado;

c. Numa pena nunca inferior a 7 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e água;

h. Com direito a uma visita mensal;

3 – AGRAVAÇÃO, Acresce-se:

a. O triplo da pena pela reincidência dos actos criminosos e pela perversidade e censurabilidade das circunstâncias envoltas;

b. O dobro da pena se incompatibilidade de restituição dos montantes dos prejuízos e transtornos causados; ou

c. Um terço da pena se o acto lesivo agravar de forma grave a paz, ordem e harmonia da comunidade e do reino de Portugal.

4 – Se do acto crime:

a) Resultar a morte de cidadãos, o autor é punido:

a. Pelas consequências do acto praticado;

b. Acrescido de pena de cadeia efectiva equivalente ao total do número de anos que medeiam entre a idade de cada uma vítima no momento dos factos e a estimativa média de vida dos cidadãos, os 85 anos, sendo o dia valorizado a 7,15 contos a reverter para o cônjuge ou cônjuges e para os familiares directos;

c. Numa pena nunca inferior a 21 anos;

d. Numa real prisão portuguesa a uma distância igual ou superior a 200 Quilómetros da sua área de residência;

e. No exercício de funções de cariz infra estrutural, de construção, manutenção e reparação das vias de comunicação a erguer na vida do reino de Portugal;

f. Com um dia de pausa mensal;

g. Com uma alimentação a pão e a água;

h. Com direito a um dia de visita mensal;

b) Resultarem lesões para cidadãos e a exigência de cuidados, tratamentos e intervenções de saúde, os mesmos serão suportados pelo autor na íntegra e pelo período de tempo no qual os mesmos se prolongarem, mesmo que em liberdade depois de cumprida a pena de cadeia efectiva.

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO – ACTOS PREPARATÓRIOS NOS CRIMES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – Todo o cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição que colaborar, cooperar e participar nos actos preparatórios dos crimes previstos no presente diploma, é punido com a pena correspondente à prática do próprio crime.

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO – PENAS ACESSÓRIAS.

1 – A todo o cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição condenado ou condenada por crimes previstos no presente diploma, pode atenta a concreta gravidade do facto e a sua projecção na idoneidade cívica do autor, ser aplicado as penas acessórias constantes do CÓDIGO PENAL inerentes aos actos crimes praticados.

TÍTULO TERCEIRO – DISPOSIÇÕES NORMATIVAS.

CAPÍTULO PRIMEIRO – LEGISLAÇÃO SUBSIDIÁRIA.

ARTIGO PRIMEIRO – LEGISLAÇÃO PENAL.

1 – Quanto à matéria constante do presente diploma e na falta de disposição específica do presente diploma, são aplicadas subsidiariamente as normas do CÓDIGO PENAL e respectiva LEGISLAÇÃO COMPLEMENTAR.

ARTIGO SEGUNDO – APLICAÇÃO DA LEI PENAL PORTUGUESA.

1 – Para efeitos do presente diploma, a lei penal portuguesa é ainda aplicável a factos cometidos fora do espaço territorial português:

a) Quando praticados por estrangeiros, desde que o autor se encontre em Portugal e não seja extraditado;

b) Quando praticados a bordo de meio de transporte contra o qual Portugal imponha medidas de fiscalização e controlo face ao tráfico ilícito de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma.

ARTIGO TERCEIRO – MEDIDAS RESPEITANTES A MENORES.

1 – Compete aos órgãos de soberania jurídicos a aplicação das medidas previstas no presente diploma, com as devidas adaptações quando cidadão a elas sujeita for menor e sem prejuízo da aplicação pelos órgãos de soberania jurídicos da legislação respeitantes a adolescentes com mais de 16 anos e aos líderes até aos 21 anos.

ARTIGO QUARTO – LEGISLAÇÃO PROCESSUAL PENAL.

1 – São considerados equiparados a casos de terrorismo, criminalidade violenta ou altamente organizada, as condutas que integrem os crimes constantes do presente diploma.

ARTIGO QUINTO – PERÍCIA MÉDICO-LEGAL.

1 – Sempre que no decurso do inquérito ou da instrução, se observe que o autor é consumidor à data dos factos que lhe são imputados, é ordenada a realização no imediato momento de perícia médica de modo e forma a apurar e determinar o seu estado, físico, psicológico e emocional, bem como a sua condição social, educativa ou laboral.

2 – Os peritos médicos com base no rigor das análises e exames e com a máxima idoneidade, integridade e conhecimento médico, deveram pronunciar-se sobre a natureza dos produtos consumidos pelo autor, o seu estado físico, psicológico e emocional no momento da realização da perícia e sobre os eventuais reflexos do consumo na capacidade de avaliar a ilicitude dos seus actos ou de se determinar de acordo com a avaliação feita.

ARTIGO SEXTO – REVISTA.

1 – Sempre que existam indícios de que um cidadão oculta ou transporta produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas ou do tabaco ilícitos constantes do presente diploma, é ordenada pelas autoridades policiais revista.

2 – O cidadão pode ser conduzido à esquadra da guarda real portuguesa da área de circunscrição respectiva da sua abordagem e aí permanecer pelo tempo estritamente necessário à realização da revista e do apuramento do seu resultado.

ARTIGO SÉTIMO – FISCALIZAÇÃO E CONTROLO DOS CONSUMIDORES.

1 – Compete à guarda real portuguesa proceder sempre que entender exigido ou a solicitação de uma outra entidade, a acções de fiscalização e controlo dos consumidores, procedendo à correspondente identificação do consumidor, identificação do produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas ou do tabaco constante do presente diploma em sua posse, verificação do local de compra, constatação do estado físico, psicológico e emocional e da condição educativa ou laboral e social do consumidor.

2 – Sempre que pelo fornecimento de dados errados, pela sua própria conduta, estado debilitado ou aparente anomalia psíquica, a guarda real portuguesa deverá proceder ao processamento de um acto de fiscalização de consumo, a remeter ao real instituto do tabaco português.

3 – Compete ao real instituto do tabaco português comunicar ao órgão de soberania jurídico da área de circunscrição do consumidor a imediata avaliação do estado físico, psicológico e emocional do consumidor procedendo nos termos dos artigos 5º ao 9º do capítulo sexto, do título primeiro.

4 – Sempre que não seja possível proceder nos termos legais à identificação do consumidor no local e no momento da ocorrência, as autoridades policiais procederam à detenção do mesmo cidadão, para garantir a sua comparência perante o órgão de soberania jurídico da área de circunscrição geográfica da ocorrência, nas condições do regime legal de detenção para identificação.

ARTIGO OITAVO – EXERCÍCIO DA ACTIVIDADE DE SOLANÁCEO POR PESSOAS COLECTIVAS.

1 – A constituição de pessoas colectivas sob a forma de sociedades anónimas cujo objectivo social consista total ou parcialmente no exercício das actividades constantes do presente diploma, obriga a que todas as acções representativas do seu capital social sejam nominativas.

2 – Independentemente do tipo de pessoa colectiva cujo objecto social consista total ou parcialmente no exercício das actividades constantes do presente diploma, qualquer transmissão das suas participações sociais devem ser autorizadas pelo real instituto do tabaco português, sendo exigido ao novo titular a verificação dos requisitos legais inerentes ao exercício da respectiva actividade.

ARTIGO NONO – SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICOS E RECINTOS DE REALIZAÇÃO DE EVENTOS.

1 – Os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma poderão também ser fornecidas a sectores de actividade económica e a cidadãos ou entidades que exerçam actividades em recintos, estabelecimentos ou espaços de realização de eventos permanentes ou esporádicos de

cariz económico, humano e cultural, mediante autorização emitida pelo real instituto do tabaco português.

2 – Todos os sectores de actividade económicos e organizadores de eventos permanentes ou esporádicos de cariz económico, humano e cultural procedem diária, semanal ou mensalmente à listagem das quantidades e qualidades de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma usados e utilizados no exercício da respectiva actividade durante o mesmo período, com menção da qualidade e quantidades referentes a cada um produto em uso, utilização e consumo, remetendo à reserva real do real instituto do tabaco português competente, para que proceda à respectiva autorização de reposição de existências dos mesmos produtos.

3 – Nos sectores de actividade económicos e organizadores de eventos permanentes ou esporádicos de cariz económico, humano e cultural a responsabilidade de controlo pelos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma compete aos próprios responsáveis pela autorização, que fornecerão ao real instituto do tabaco português e sempre que os mesmos requeridos os dados, elementos e informações exigidos à responsabilidade do acto.

ARTIGO DÉCIMO – INDUSTRIAIS E OUTROS FINS.

1 – Os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco em uso e utilização nas actividades constantes do presente diploma, poderão também ser fornecidas a cidadãos ou entidades que exerçam actividades industriais ou demais actividades económicas com fins medicinais, industriais ou outros fins diversos, mediante autorização emitida pelo real instituto do tabaco português.

2 – Todos os industriais e demais actividades económicas envoltos do uso e utilização dos produtos constantes do presente diploma procedem diária, semanal ou mensalmente à listagem das quantidades e qualidades de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco usados e utilizados no exercício da respectiva actividade durante o mesmo período, com menção da qualidade e quantidades referentes a cada um produto em uso, utilização e consumo, remetendo à reserva real do real instituto do tabaco português competente, para que proceda à respectiva autorização de reposição de existências dos mesmos produtos.

3 – Nas indústrias e demais actividades económicas a responsabilidade de controlo pelos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco compete às direcções de fabricação ou demais direcções, que fornecerão ao real instituto do tabaco português e sempre que os mesmos requeridos os dados, elementos e informações exigidos à responsabilidade do acto.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – PROIBIÇÃO DE MÁQUINAS DE TABACO.

1 – São proibidas em todo o espaço territorial português nos termos do presente diploma as máquinas de tabaco que operem a venda de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – EVENTOS PROMOCIONAIS.

1 – A realização de eventos promocionais agrícolas ou outros eventos envoltos dos produtos constantes do presente diploma, obrigam-se nos termos da lei à autorização emitida pelo real instituto do tabaco português.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – SERVIÇOS COMPLEMENTARES.

1 – Todos os prestadores de serviços complementares ao exercício das actividades constantes do presente diploma, obrigam-se à autorização emitida pelo real instituto do tabaco português e na aquisição de percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias que possam tornar-se úteis e essenciais à realização do serviço complementar prestado ao disposto no artigo 7º, do capítulo segundo, do título segundo.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – RESPONSABILIDADE CIVIL.

1 – Os titulares de autorização previstos no presente diploma, são civil e criminalmente responsáveis, independente do grau da culpa, por danos causados a terceiros em consequência do uso e utilização de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades ilícitos que detenham ou do exercício ilícito da sua actividade.

2 – A violação grosseira dos modos, métodos e técnicas de produção e fabrico, das normas de segurança, conservação e de transporte de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, determina sempre a responsabilização solidária do seu proprietário pelos danos causados a terceiros, pelo uso e utilização legítimo ou ilegítimo que às mesmas ou aos mesmos venha a ser dado.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – REGISTO INFORMÁTICO DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO APREENDIDOS.

1 – Compete à guarda real portuguesa manter, organizar e disponibilizar um ficheiro informático nacional de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco apreendidos, proceder à sua análise estatística e técnica e difundir a informação às entidades nacionais, imperiais portuguesa e internacionais.

2 – Todas as entidades que procedam à apreensão de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, independentemente do motivo que determinou a apreensão, comunicam a sua apreensão

à guarda real portuguesa, para efeitos de centralização e tratamento de informação, de acordo com as normas a estabelecer em uníssono por as áreas presidenciais da ordem, da agricultura e dos vegetais e da indústria.

3 – Todos os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, apreendidos devem ser objecto de peritagem, devendo ser registadas as suas características e estado de conservação, competindo às entidades à guarda de quem ficam, as providências exigidas à conservação do estado em que se encontravam à data da sua apreensão.

4 – Do ficheiro informático referido no número 1 devem constar, entre outros, os seguintes elementos:

- a) Data da apreensão;
- b) Entidade apreensora;
- c) Despacho judicial que determinou ou validou a apreensão, com menção do número do processo e órgão de soberania jurídico competente pelo processo;
- d) Quantidades apreendidas.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – APREENSÃO DE PRODUTO PROVENIENTE OU ORIUNDO DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – O agente ou autoridade policial procede à apreensão de produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco constante do presente diploma, sempre que se encontrar fora das condições legais ou em violação das prescrições da autoridade competente.

2 – Ao agente ou autoridade policial que proceder à apreensão de produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco constante do presente diploma, compete emitir o respectivo documento da apreensão efectuado com a descrição do produto e documentação correspondente.

3 – A apreensão inclui o produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco que seja propriedade de entidade pública ou privada.

4 – Para além da comunicação do facto ao órgão de soberania jurídico e da instauração do respectivo processo-crime, a apreensão nos termos do número anterior é comunicada à respectiva entidade pública ou privada titular do produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO – PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO DECLARADOS PERDIDOS A FAVOR DO ESTADO.

1 – Todos os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma que independentemente do motivo da entrega

ou decisão, sejam declarados perdidos a favor do estado, serão transferidos para a reserva real do real instituto do tabaco português competente de modo a que a reserva real em unísono com a guarda real portuguesa procedam à sua peritagem, apuramento do seu estado e condição de forma a promover o seu destino, sendo sempre que fieis aos propósitos e em pleno estado de conservação repostos no mercado de consumo e sempre que adulterados ou deteriorados destruídos nos termos da lei.

2 – Os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco referidos no número anterior, desde o momento do seu depósito na reserva real do real instituto do tabaco português competente até à deliberação das instâncias competentes de destruição ou venda, devem ser acompanhados de registo documental consultável a todo o tempo por o interessado, do qual devem constar os seguintes elementos:

- a) Identificação do cidadão ou entidade que procedeu à entrega;
- b) Motivo que procedeu à entrega;
- c) Agente que recepcionou a entrega e respectivo órgão de soberania policial;
- d) Características do produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco, com referência à classificação e tipo do produto, estado de conservação e demais características relevantes;
- e) Fotografia do produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco aquando do depósito, da qual deve ser facultada cópia à pessoa ou entidade que procedeu à entrega;
- f) Decisão final quanto ao destino do produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO – LEILÕES DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – As reservas reais do real instituto do tabaco português organizam sempre que exigido no ano a venda em leilão de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco apreendidos, achados ou que tenham sido declarados perdidos a favor do estado e que se encontrem em condições de serem colocados no mercado de consumo.

2 – Podem licitar em leilões de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco nos termos dos respectivos alvarás, com excepção do alvará de solanáceo do tipo 13, todos os solanáceos detentores de alvará para produção, fabrico, comércio, preparação, secagem, conservação, embalagem e outras actividades de transformação de actividades das solanáceas e do tabaco e produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma.

3 – Sob requisição de entidades públicas responsáveis por laboratórios de perícia científica pode a direcção da reserva real do real instituto do tabaco português competente promotora pelos leilões retirar de quaisquer actos de leilão produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco que pelas suas características representem um interesse científico para o estudo e investigação, sendo-lhes affectos gratuitamente.

4 – Só são considerados para leilão os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco liberalizados nos termos da lei.

5 – O valor dos bens expostos nos leilões para a sua licitação em caso algum pode ser inferior a 30% do seu valor comercial estimado.

6 – O pagamento dos bens adquiridos no acto de leilão processa-se por via dos meios electrónicos.

ARTIGO DÉCIMO NONO – PUBLICIDADE DA VENDA EM LEILÃO.

1 – Sempre que decidida a venda de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma em leilão, a reserva real do real instituto do tabaco português competente procede nos termos da lei à sua publicitação, divulgação e difusão nos meios de comunicação da CASA IMPERIAL PORTUGUESA, por via de editais, anúncios e meios informáticos.

2 – A publicitação, divulgação e difusão nos meios de comunicação da CASA IMPERIAL PORTUGUESA processa-se no canal televisivo, emissora de rádio e jornal, com a antecipação de 10 dias úteis da data de realização do leilão.

3 – Os editais são afixados com a antecipação referida no número anterior, na porta de cada um órgão de soberania da guarda real portuguesa.

4 – Os anúncios são publicados com a antecipação referida no número 2, num dos jornais com maior tiragem a nível nacional.

5 – A publicação através da Internet faz-se mediante a publicação em destaque na página oficial do real instituto do tabaco português do anúncio referido no número anterior, durante os 15 dias que antecedem o leilão.

6 – Em todos os meios de publicitação da venda incluem-se para que permita a sua fácil compreensão:

a) As quantidades de produtos proveniente ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco por cada uma classe;

b) Local, data e hora de venda em leilão.

7 – Os bens destinados a leilão devem estar expostos para exame dos interessados, durante os cinco dias anteriores à data prevista para a sua venda em leilão, devendo para o efeito os interessados solicitar informação à reserva real do real instituto do tabaco português competente, sobre o local e hora onde possam examinar os bens.

8 – A publicação de anúncios nos jornais de maior tiragem nacional poderá não ter lugar, sempre que o departamento responsável pela venda considere justificadamente os bens de reduzido valor, procedendo às demais formas de publicitação, divulgação e difusão.

ARTIGO VIGÉSIMO – ENTREGA OBRIGATÓRIA DE PRODUTO PROVENIENTE OU ORIUNDO DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO ACHADO.

1 – Todo o cidadão que encontrar ou achar produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco constante do presente diploma, está obrigado à entrega no imediato do mesmo material à guarda real portuguesa, mediante o comprovativo da entrega.

2 – Com a entrega deve ser lavrado termo de justificação da posse, contendo todas as circunstâncias de tempo e lugar em que o achado ocorreu.

3 – Todos os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco entregues devem ser objecto de exame e análise, a efectuar pelo departamento competente da guarda real portuguesa.

4 – O achado logo que disponibilizado pelas autoridades, se for susceptível de comércio, será objecto de comercialização, revertendo 30% da venda do produto para o cidadão que o encontrou e entregou e o remanescente para o órgão de soberania policial no qual foi entregue.

CAPÍTULO SEGUNDO – NORMAS ESPECIAIS.

ARTIGO PRIMEIRO – INVESTIGAÇÃO CRIMINAL.

1 – Compete à guarda real portuguesa a investigação própria ou sob a alçada dos órgãos de soberania jurídicos dos crimes constantes do presente diploma e dos demais que lhe sejam participados pelas autoridades competentes de fiscalização, prevenção e controlo ou de que colha notícia, praticados pelos agentes económicos envolvidos do exercício das actividades constantes do presente diploma.

ARTIGO SEGUNDO – COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL.

1 – Compete aos órgãos de soberania jurídicos em colaboração com as entidades das solanáceas, do tabaco e de saúde e com o real instituto do tabaco português, observar, analisar e deliberar sobre as diferentes patologias inerentes ao consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, relacionar as patologias com os hábitos de consumo específico dos consumidores e pacientes, relevando os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco em termos percentuais na relação de consumo e patologia e averiguar se as

patologias foram provocadas pelo excesso de consumo ou pela exposição ao fumo, bem como analisar os crimes previstos no presente diploma ou por violar as restrições das liberdades sociais inerentes ao seu consumo.

2 – Compete após a avaliação dos dados, o consequente reforço nos meios de comunicação social da consciência cívica de cada um cidadão no consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco de modo e forma a prevenir as diferentes patologias ou os respectivos crimes envoltos dos dados negativos, ou sempre que as circunstâncias o exijam em consonância com todas as entidades envolvidas do processo de classificação das actividades das solanáceas e do tabaco e dos produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades declarar o seu fim e a sua passagem para as actividades das solanáceas e do tabaco e produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades indesejáveis constantes da tabela III do artigo 2º, do capítulo primeiro, do título primeiro.

ARTIGO TERCEIRO – REGISTO CENTRAL.

1 – Compete aos órgãos de soberania jurídicos possuir um registo central dos processos crimes previstos no presente diploma, que os órgãos de soberania policiais e o real instituto do tabaco português terão acesso por via da realização das suas próprias competências, estando obrigados ao dever do sigilo profissional e ao segredo de justiça relativamente aos dados pessoais e colectivos constantes do registo central.

2 – Compete aos estabelecimentos de venda ao público de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, possuir um registo central do tabaco para registar as transacções comerciais realizadas a cada momento, devidamente formulado pelos órgãos de soberania fiscais, que releve os períodos de tempo de proibição no reino de Portugal da respectiva aquisição e as aquisições de produtos incompatíveis e que os órgãos de soberania policiais e o real instituto do tabaco português terão acesso por via da realização das suas próprias competências, estando obrigados ao dever do sigilo profissional e ao segredo de justiça relativamente aos dados pessoais constantes do registo central.

3 – Compete ao real instituto do tabaco português possuir um registo central de todos os titulares de autorização a exercer as actividades constantes do presente diploma, que releve o nome do cidadão ou entidade, data de emissão, validade, entidade emissora e a actividade específica em exercício e que os órgãos de soberania jurídicos e os órgãos de soberania policiais terão acesso por via da realização das suas próprias competências, estando obrigados ao dever do sigilo profissional e ao segredo de justiça relativamente aos dados pessoais e colectivos constantes do registo central.

ARTIGO QUARTO – COOPERAÇÃO INTERNACIONAL.

1 – Em observância das convenções das nações unidas contra o tráfico de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, no tocante a extradição, auxilio judiciário mútuo, execução de sentenças penais estrangeiras e

transmissões de processos criminais, aplicam-se subsidiariamente as disposições constantes das mesmas convenções.

ARTIGO QUINTO – PRESTAÇÃO DE INFORMAÇÕES E APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTOS.

1 – Em qualquer momento os órgãos de soberania jurídicos podem pedir informações e solicitar a apresentação de documentos respeitantes a bens materiais, depósitos ou quaisquer outros valores pertencentes a arguido da prática dos crimes constantes do presente diploma ou a cidadão ou entidade que com o mesmo arguido se relacione no apuramento da veracidade processual, com vista à sua apreensão e perda para o estado.

2 – A prestação de informações ou a apresentação de documentos quer se encontre em suporte manual ou informático, não podem ser recusados por qualquer cidadão, órgão de soberania, empresa ou instituição, pública ou privada, desde que o pedido se mostre individualizado e suficientemente concretizado, bastando para o efeito a identificação do arguido ou do suspeito e sempre que o mesmo exigido para o apuramento da veracidade do processo dos nomes do agregado familiar ou de terceiros envolvidos da investigação em curso.

ARTIGO SEXTO – EXAME E DESTRUIÇÃO DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO APREENDIDOS.

1 – Os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco apreendidos por via dos crimes constantes do presente diploma, são por ordem da autoridade policial examinados e analisados no mais curto espaço de tempo possível, de modo e forma a apurar a sua qualidade, quantidade e estado de conservação.

2 – Após o exame laboratorial o perito procede à recolha, identificação, pesagem bruta, acondicionamento e selagem de uma amostra, no caso de o produto o permitir, para instrumento de prova no acto processual e transfere o remanescente sempre que o existir para a reserva real do real instituto do tabaco português competente.

3 – A amostra fica guardada em cofre do órgão de soberania jurídico que procede à investigação até à deliberação da sentença jurídica final.

4 – No prazo de trinta dias se não for requerido por parte do arguido recurso para as instâncias jurídicas superiores e tendo presente a qualidade e o estado de conservação do produto em cofre, o órgão de soberania jurídico do respectivo acto jurídico comunica à reserva real do real instituto do tabaco português competente, para a sua inclusão nas existências dos produtos a introduzir no mercado de consumo ou para a sua destruição.

5 – Sempre que o produto se encontre deteriorado ou adulterado por qualquer modo ou forma e sempre que o mesmo for um produto proibido, compete ao órgão de soberania jurídico após lida a sentença jurídica final, comunicar à reserva real do real instituto do tabaco português competente para a sua imediata destruição.

6 – A destruição do produto é processada com recurso a processo de incineração, na presença de um magistrado envolto do processo, de um elemento da guarda real portuguesa envolto da investigação processual, de um elemento da reserva real do real instituto do tabaco português competente, de um técnico de laboratório e de um técnico responsável pela incineração, lavrando-se o auto respectivo, podendo numa mesma operação de incineração realizar-se a destruição do produto de vários processos crimes.

7 – Não sendo requerido no prazo de trinta dias recurso para as instâncias jurídicas superiores, o órgão de soberania jurídico ordena a introdução no mercado de consumo da amostra nos termos do disposto no número 4 ou a destruição da amostra de prova guardada em cofre, o que se fará com observância do número anterior, sendo remetido cópia do auto respectivo.

8 – Por intermédio da guarda real portuguesa, pode ser solicitado ao órgão de soberania jurídico do acto processual a cedência de pequenas proporções do produto apreendido, para fins didácticos, de formação ou de investigação criminal ou científica, pelo que a mesma consentida deverá constar do processo.

9 – Compete ao órgão de soberania jurídico do acto processual, a fixação de um prazo para a devolução da proporção cedida sempre que exista, para que se proceda à sua introdução no mercado de consumo ou se processe à sua destruição nos termos do número 6 ou que o prazo da sua devolução seja estipulado pela própria entidade que o requerer, sendo remetida logo que se torne desnecessária ou inútil, com informação para o processo.

ARTIGO SÉTIMO – AMOSTRAS PEDIDAS POR ENTIDADES ESTRANGEIRAS.

1 – Podem ser remetidas amostras de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma que tenham sido apreendidos a entidades públicas estrangeiras, que as requererem para fins de investigação criminal ou científica, mesmo na pendência do processo.

2 – O pedido deverá ser formulado à guarda real portuguesa que decidirá com base nos objectivos propostos para a sua utilização, sobre a decisão de solicitar ao órgão de soberania jurídico do acto processual a proporção requerida, pelo que a mesma consentida deverá constar do processo.

ARTIGO OITAVO – COMUNICAÇÃO DAS DECISÕES.

1 - Compete a cada um órgão de soberania jurídico envolto dos crimes previstos no presente diploma e da respectiva apreensão de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma, remeter:

a) Após a deliberação da sentença jurídica final cópia do acto processual ao real instituto do tabaco português;

b) Aos respectivos ministérios das herbáceas e da indústria até ao dia 10 de Janeiro a relação anual do número de processos crimes e das apreensões

realizadas no âmbito da sua acção jurídica anual, com menção das qualidades e quantidades apreendidas, das quantidades deliberadas como existências, das declaradas para destruição e das quantias cedidas a terceiros e respectivas entidades;

c) À reserva real do real instituto do tabaco português competente e ao real supremo tribunal de justiça português até ao dia 10 de Janeiro a relação anual do número de processos crimes e das apreensões remetidas na alínea anterior, com menção das quantidades deliberadas como existências, das declaradas para destruição e das quantias cedidas a terceiros e respectivas entidades.

ARTIGO NONO – MISSÃO.

1 – Compete às reservas reais do real instituto do tabaco português cooperar, colaborar e auxiliar com os meios materiais, técnicos e tecnológicos, os produtores, fabricantes e prestadores de serviços no correcto, rigoroso e integro desempenho do exercício das suas competências e responsabilidades, bem como a todos os produtores, fabricantes e prestadores de serviços o direito de participar e acompanhar de forma activa e exemplar os actos processuais de funcionamento das reservas reais do real instituto do tabaco português.

ARTIGO DÉCIMO – FROTA DO REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS.

1 – A frota de transportes do real instituto do tabaco português será composta pelos meios de transporte doados pelos produtores e fabricantes dos produtos constantes do presente diploma afectos ao real instituto do tabaco português e pelos meios de transporte que aos mesmos proprietários pertençam e que se encontrem por liquidar em situação de crédito, sendo os créditos liquidados pelo real instituto do tabaco português.

CAPÍTULO TERCEIRO – DISPOSIÇÕES FINAIS.

ARTIGO PRIMEIRO – REPRESENTAÇÃO INTERNACIONAL.

1 – Compete aos ministros das herbáceas e da indústria respectivos e a um representante do real instituto do tabaco português:

a) Assegurar a representação do estado português a nível internacional, de modo que as matérias de cooperação das actividades constantes do presente diploma sejam tratadas;

b) Acompanhar a aplicação dos instrumentos de direito internacional relativos a actividades das solanáceas e do tabaco e a produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma,

de modo e forma a garantir a compatibilidade e coerência dos dados a transmitir às entidades internacionais;

c) Fornecer às instâncias competentes do império português e das nações unidas os dados, informações e relatórios previstos nas convenções, em colaboração com as demais entidades actuanes e intervenientes nas matérias constantes do presente diploma;

d) Difundir no âmbito nacional, as informações e dados recolhidos a nível imperial português e internacional, bem como outros por si reunidos que se revelem pertinentes.

2 – A real procuradoria de justiça portuguesa e a real provedoria de justiça portuguesa são as entidades competentes para dar provimento às solicitações de ordem jurídica constantes das convenções das nações unidas contra o tráfico ilícito de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, direccionando-as para as entidades respectivas e zelando pela sua resposta atempada.

3 – A guarda real portuguesa é a entidade competente para dar provimento às solicitações de ordem judiciária constantes das convenções das nações unidas contra o tráfico ilícito de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma.

4 – As entidades que forneçam dados de natureza estatística a instâncias do império português, das nações unidas, da organização internacional da polícia criminal/Interpol e do conselho de cooperação aduaneiro, em matéria de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, bem como de percursores, matérias-primas e matérias subsidiárias essenciais à obtenção do produto, remetem cópia dos mesmos dados fornecidos à guarda real portuguesa, ao real instituto do tabaco português e aos ministérios da agricultura e dos vegetais, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais e da indústria respectivos.

ARTIGO SEGUNDO – OPERAÇÕES ESPECIAIS DE PREVENÇÃO CRIMINAL.

1 – As forças da ordem policiais devem planear e empreender em todo o momento, operações especiais de prevenção criminal em áreas geográficas delimitadas com a finalidade de controlar, detectar, localizar, prevenir, assegurar ou verificar a regularidade da situação de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursores, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma, minimizando o risco da prática de infracções associadas às mesmas ou aos mesmos, ou sempre que hajam suspeitas da prática de crime ou da sua preparação.

2 – A delimitação das áreas geográficas para a realização das operações especiais de prevenção pode abranger:

a) Zonas de produção e fabrico de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, pontos de controlo de acesso a locais em que constitui crime a detenção, uso e consumo de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percursores, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma;

b) Gares de transportes colectivos rodoviários, ferroviários, aéreos e marinhos, bem como o interior dos meios de transporte, vias públicas ou locais públicos ou privados e respectivos acessos;

c) Áreas residenciais, cujos residentes ou cidadãos que as frequentam constem de possíveis infractores às matérias constantes do presente diploma, por via das acções de vigilância e de patrulhamento policial, bem como de informações recolhidas ou de actos de denúncia.

3 – As operações especiais de prevenção criminal podem compreender em função da exigência do acto, sempre que haja indícios da prática dos crimes previstos no presente diploma, risco de resistência ou de desobediência qualificada à autoridade ou a necessidade de condução à esquadra policial dos respectivos cidadãos por não ser possível a correcta identificação dos dados pessoais, a identificação e a revista dos cidadãos que se encontrem na área geográfica ou local de realização da operação, a revista dos respectivos locais em que se encontrem ou de locais que com o facto e com os mesmos cidadãos se relacionem, bem como de meios de transporte ou equipamentos envolvidos do facto.

4 – Compete à guarda real portuguesa na realização das operações especiais de prevenção criminal a verificação dos produtos previstos no presente diploma que se encontrem em trânsito nas zonas portuárias, aeroportuárias, rodoviárias e ferroviárias, com a possibilidade de abertura de volumes e contentores e quebra dos respectivos selos, para confirmação e avaliação das mercadorias, da sua proveniência e destino.

5 – As operações especiais de prevenção criminal são comunicadas pelo CORONEL do órgão de soberania policial responsável pela respectiva operação à real procuradoria de justiça portuguesa, à real provedoria de justiça portuguesa e ao órgão de soberania jurídico da respectiva área de circunscrição geográfica de realização da operação, com a antecedência exigida ao sucesso da operação, mencionando a delimitação geográfica e temporal das medidas previstas.

6 – Sem prejuízo da autonomia técnica e táctica das forças da ordem policiais e independentemente da modalidade técnica disponível que se revele mais apropriada, as operações devem ser acompanhadas por um magistrado do órgão de soberania jurídico da respectiva área o qual será responsável pela prática dos actos de competência jurídicos de que da operação possam resultar.

7 – As operações especiais de prevenção criminal podem prosseguir para além dos espaços geográfico e temporal delimitados e determinados se os actos a empreender forem decorrentes de outros iniciados no âmbito da delimitação inicial.

8 – Sempre que no âmbito de uma operação especial de prevenção criminal se torne necessário empreender buscas domiciliárias ou outros actos da exclusiva competência de juiz de instrução, são adoptadas independentemente da modalidade técnica disponível que se revele mais apropriada, as medidas exigidas e necessárias ao acompanhamento por parte deste magistrado.

9 – Sempre que a operação deva ser realizada e desenvolvida em mais do que uma comarca, intervém o juiz de instrução que nos termos da lei, tenha competência no território da comarca no qual a operação se iniciou.

ARTIGO TERCEIRO – ACTIVIDADES DE PREVENÇÃO.

1 – Compete ao parlamento, avaliar, planear e executar as acções, medidas e programas específicos de prevenção do consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, tendo presente a sua natureza pluridisciplinar.

2 – Compete à família a responsabilidade de acompanhar o desenvolvimento social dos descendentes e alertar para o uso, utilização e consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco.

3 – Compete às áreas presidenciais do desporto, das artes culturais e das ciências promover, fomentar e estimular os cidadãos em toda a fase do ciclo de vida humano, na integração de acções e actividades envoltas dos seus respectivos objectivos.

4 – Compete à área presidencial da saúde proceder à respectiva informação, esclarecimentos e alerta dos utentes face ao uso, utilização e consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, relevando os efeitos imediatos do seu consumo e as diferentes patologias associadas ao seu consumo, os tempos de duração da sua acção directa nas faculdades, capacidades e aptidões humana e a sua resistência no organismo, bem como os cuidados, restrições e recomendações relativas ao seu consumo.

5 – Compete à área jurídica proceder a acções pedagógicas de sensibilização no ambiente escolar relativa aos deveres, responsabilidades e compromissos inerentes ao consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco e às consequências dos actos gerados.

6 – Compete à área presidencial da educação:

a) Integrar nos currículos escolares a educação para a saúde, com incidência específica na prevenção do consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco;

b) Providenciar no sentido de que a formação inicial e contínua dos professores e auxiliares de educação os habilite e qualifique a desenvolver tal vertente; e

c) Desenvolver programas específicos de prevenção primária do uso, utilização e consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco em todos os ciclos educativos.

ARTIGO QUARTO – RELATÓRIO ANUAL.

1 – Anualmente e até ao dia 31 de Janeiro os ministérios da agricultura e dos vegetais, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais e da indústria respectivos, o real instituto do tabaco português, o real supremo tribunal de justiça português, a guarda real portuguesa e a direcção geral das alfândegas, remetem ao parlamento um relatório discriminado relativo ao ano cessante sobre todos os dados que possuam face às matérias constantes do presente diploma e as suas competências respectivas.

2 – O relatório tem por finalidade fornecer ao parlamento informação pormenorizada sobre a situação do reino de Portugal em matéria de qualidades e quantidades de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma em uso, utilização e consumo e as actividades desenvolvidas pelas entidades com intervenção nas áreas da prevenção, do tratamento e da prevenção e repressão do tráfico.

ARTIGO QUINTO – DIAGNÓSTICO, QUALIFICAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DE ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO E DE PRODUTOS E SERVIÇOS PRESTADOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS MESMAS ACTIVIDADES.

1 – Compete aos presidentes das áreas presidenciais da agricultura e dos vegetais, da saúde, da indústria, da pesca, do pescado e do plâncton, da pecuária e dos animais, da extracção e dos minerais, humana, natural, universal, da ordem e da justiça, aos ministros da agricultura e dos vegetais e aos ministros da indústria respectivos, aos bastonários das solanáceas e do tabaco, aos presidentes das associações nacionais de unidades das solanáceas e do tabaco, ao bastonário da ordem dos médicos, ao presidente da associação nacional de unidades hospitalares, ao presidente do real instituto da saúde português e ao presidente do real instituto do tabaco português, determinar mediante portaria conjunta:

- a) Os procedimentos terapêuticos e pedagógicos exigidos à definição dos exames, análises e avaliações às características próprias das solanáceas e do tabaco, ao apuramento da veracidade da avaliação a produzir e à avaliação, análise e diagnóstico de todo um sentido de defesa, protecção e segurança face às funções a cumprir pelos agentes económicos;
- b) Os procedimentos médicos exigidos à realização dos exames periciais, ao apuramento da veracidade da avaliação a produzir e à avaliação, análise e diagnóstico das características próprias do estado tabagista;
- c) O modo de intervenção dos serviços das solanáceas, do tabaco e de saúde especializados no apoio, auxílio e colaboração às autoridades policiais e jurídicas;
- d) Os termos e modos por que se regem e regulam as entidades de saúde nos métodos terapêuticos em uso no tratamento, reabilitação e cura dos consumidores;
- e) A definição dos limites quantitativos máximos para cada dose média individual diária de cada um produto proveniente ou oriundo das

actividades das solanáceas e do tabaco, no mercado de consumo da vida do reino de Portugal;

- f) A periodicidade do consumo de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco, tendo presente a constatação da sua acção no organismo humano;
- g) Determinar os tempos em que o produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco actua directa e indirectamente no organismo humano;
- h) Classificar os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco constantes do presente diploma a existir nos estabelecimentos de venda ao público;
- i) Classificar as actividades das solanáceas e do tabaco e os produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades como indesejáveis, sempre que os mesmos se revistam em termos de consumo de efeitos nefastos para o organismo humano e constituam um meio de retrocesso e uma regressão das faculdades, aptidões e capacidades físicas, psicológicas e emocionais humanas, bem como que criem situações de dependência;
- j) Definir com base nos efeitos produzidos por via do seu consumo no homem, as respectivas privações das liberdades relativas a cada um produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco, nomeadamente a proibição de fumar a conduzir e de fumar em recintos públicos fechados sem condições técnicas de extracção do fumo;
- k) Comprovar por via dos exames, análises e avaliações anuais médicas, educativas, laborais e sociais o aprofundar do conhecimento humano face aos efeitos do seu consumo a curto, médio e longo prazo de cada um produto proveniente ou oriundo das actividades das solanáceas e do tabaco, corrigindo os que pelos resultados negativos que produzem deveram constar dos indesejáveis;
- l) Os modos, métodos e técnicas em uso e utilização no exercício das actividades constantes do presente diploma, de produção e fabrico de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como dos percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias em uso e utilização em cada um processo económico;
- m) As áreas de produção e fabrico no espaço territorial português, tendo presente a fertilidade dos solos e o clima; e
- n) Os períodos de cultivo durante o ano de cada uma espécie vegetal, tendo presente a maturidade das espécies como forma de garantir futuro.

2 – A portaria a que se refere o número anterior deve ser rectificada e actualizada sempre que a evolução do conhecimento científico assim o justifique.

ARTIGO SEXTO – ESPÉCIES MARINHAS EM VIAS DE EXTINÇÃO.

1 – Com excepção das espécies marinhas destinados aos zoo marinhos e aos oceanários e das espécies marinhas que possam ser reabilitadas nos centros de reabilitação de espécies marinhas presentes no espaço territorial português, Portugal não pesca,

produz, fabrica, importa, introduz, exporta, expedita, transita ou transborda, qualquer espécie de pescado ou de plâncton em vias de extinção, seja baleia, orca ou o elixir da vida, bem como quaisquer outros produtos provenientes dessas mesmas espécies em vias de extinção.

ARTIGO SÉTIMO – ESPÉCIES ANIMAIS EM VIAS DE EXTINÇÃO.

1 – Com excepção das espécies animais destinados aos jardins zoológicos e às reservas naturais e das espécies animais que possam ser reabilitadas nos centros de reabilitação de espécies animais presentes no espaço territorial português, Portugal não caça, produz, fabrica, importa, introduz, exporta, expedita, transita ou transborda, qualquer espécie animal em vias de extinção, seja elefante, tigre ou o elixir da vida, bem como quaisquer outros produtos provenientes dessas mesmas espécies em vias de extinção.

ARTIGO OITAVO – ESPÉCIES VEGETAIS EM VIAS DE EXTINÇÃO.

1 – Com excepção das espécies vegetais destinados aos jardins botânicos e das espécies vegetais que possam ser reabilitadas nos centros de reabilitação de espécies vegetais presentes no espaço territorial português, Portugal não recolhe, produz, fabrica, importa, introduz, exporta, expedita, transita ou transborda, qualquer espécie vegetal em vias de extinção, seja sobreiro, alecrim ou o elixir da vida, bem como quaisquer outros produtos provenientes dessas mesmas espécies em vias de extinção.

ARTIGO NONO – MATURIDADE DAS ÁRVORES PARA ABATE.

1 – A maturidade das árvores para abate nas actividades de agricultura tem que corresponder à idade adulta de cada uma espécie vegetal de modo e forma a precaver a extinção das espécies vegetais e a salvaguardarmos o futuro.

ARTIGO DÉCIMO – ESPÉCIES VEGETAIS NOCIVAS AO SOLO.

1 – Nos termos da lei com excepção das autorizações concedidas pelo real instituto da agricultura e dos vegetais português e pelo real instituto farmacêutico português para o cultivo de espécies vegetais nocivas à fertilidade dos solos para fins medicinais e outros fins específicos essenciais e elementares ao desenvolvimento, progresso e futuro de habitabilidade do reino de Portugal, o cultivo de espécies nocivas à fertilidade dos solos é proibido em todo o espaço territorial português, sendo os seus proprietários obrigados à denúncia das espécies de modo e forma a que se proceda ao seu abate e inclusão no mercado de consumo ou à sua destruição nos termos da lei.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – MINERAIS EM VIAS DE EXTINÇÃO.

1 – Com excepção dos minerais destinados aos minerólogos e dos minerais que possam ser investigados nos centros de prospecção dos solos e de substâncias minerais presentes no espaço territorial português, Portugal não extrai, produz, fabrica, importa, introduz, exporta, expedita, transita ou transborda, qualquer substância mineral em vias de extinção, seja volfrâmio, ouro ou o elixir da vida, bem como quaisquer outros produtos provenientes dessas mesmas substâncias minerais em vias de extinção.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS.

1 – O real instituto do tabaco português tem em uníssono com o real instituto da vinha e do vinho português, com o real instituto farmacêutico português, com o real instituto da agricultura e dos vegetais português, com o real instituto da construção português e com o real instituto natural português, a responsabilidade de reflorestar com espécies vegetais todo o espaço territorial português, nomeadamente os terrenos de pasto em uso e utilização na actividade pecuária, as reservas naturais e as reservas de caça portuguesas, de reabilitar as áreas danificadas pela extracção mineral a céu aberto e de criar os jardins botânicos em cada um município para a defesa, protecção e reprodução das espécies vegetais predominantes no reino de Portugal ou oriundas dos demais estados soberanos mundiais.

2 – O real instituto do tabaco português tem a responsabilidade de criar o museu nacional das solanáceas e do tabaco, bem como suportará os encargos deficitários inerentes ao exercício da sua competência.

3 – O real instituto do tabaco português tem a responsabilidade de criar em cada um dos quarenta e três concelhos de administração do reino de Portugal o correspondente centro de tratamento e reabilitação de tabagistas, bem como suportará os encargos deficitários inerentes ao exercício das suas competências.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – PARAÍSO FISCAL.

1 – Tendo presente que a lei portuguesa é só uma em todo o espaço territorial português a cumprir por igual por todos os cidadãos, órgãos de soberania, empresas e instituições, públicas e privadas, portuguesas, imperiais portuguesas e internacionais, estão proibidos quaisquer géneros de benefícios, proveitos ou isenções fiscais relativos ao exercício de qualquer actividade económica.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – PRIVATIZAÇÃO DAS ENTIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO PÚBLICAS.

1 – O estado português vai privatizar 90% do capital social das entidades das solanáceas e do tabaco, que possua em exercício sob a forma de serviço público.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – ENTIDADE REGULADORA DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – Os meios materiais, técnicos e tecnológicos do exercício de actividades da entidade reguladora das solanáceas e do tabaco serão transferidos para o real instituto do tabaco português da respectiva área de circunscrição geográfica, tendo presente a equidade dos meios em todo o espaço territorial português.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – INSPECTORES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – O real instituto do tabaco português possuirá inspectores das solanáceas e do tabaco para cada uma região administrativa do reino de Portugal, com competência para a inspecção, fiscalização e controlo das actividades das solanáceas e do tabaco nos próprios momentos em que se realizam as actividades das solanáceas e do tabaco, bem como para a resolução dos diferendos das solanáceas e do tabaco, que ocorram no decurso das mesmas actividades das solanáceas e do tabaco.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO – PROIBIÇÃO DE ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – Estão proibidos a todos os sectores de actividade económicos das solanáceas e do tabaco como actividades das solanáceas e do tabaco a realização de actividades das solanáceas e do tabaco que promovam a deturpação ou a deformação dos valores e princípios humanos da razão, verdade e da justiça nos vários domínios das solanáceas, e do tabaco em realização na vida do reino de Portugal, do império português e dos estados soberanos externos ao império português, bem como que coloquem em causa a dignidade da vida humana, dos ciclos de biodiversidade e do planeta terra, sendo a sua violação punida severamente nos termos do disposto no CÓDIGO PENAL.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO – CONSELHO DO PROVEDOR DA AGRICULTURA E DOS VEGETAIS.

1 – O conselho do provedor da agricultura e dos vegetais exercerá funções e competências na CASA IMPERIAL PORTUGUESA sendo constituído por um elemento de cada um sector ministerial da agricultura e dos vegetais, eleito por todos os sectores de actividade económicos da agricultura e dos vegetais do respectivo sector ministerial presente na vida do reino de Portugal, que elegeram o provedor da agricultura e dos vegetais.

2 – O conselho do provedor da agricultura e dos vegetais tem como missão zelar pelas participações, requerimentos e queixas dos consumidores e dos sectores de actividade económicos da agricultura e dos vegetais, face às actividades de agricultura e dos vegetais e produtos e serviços prestados provenientes das mesmas actividades em uso, utilização e consumo no reino de Portugal, bem como pelos alertas ao consumo das

mesmas actividades de agricultura e dos vegetais e produtos e serviços prestados provenientes das mesmas actividades.

ARTIGO DÉCIMO NONO – CONSELHO DO PROVEDOR DA INDÚSTRIA.

1 – O conselho do provedor da indústria exercerá funções e competências na CASA IMPERIAL PORTUGUESA sendo constituído por um elemento de cada um sector ministerial da indústria, eleito por todos os sectores de actividade económicos da indústria do respectivo sector ministerial presente na vida do reino de Portugal, que elegeram o provedor da indústria.

2 – O conselho do provedor da indústria tem como missão zelar pelas participações, requerimentos e queixas dos consumidores e dos sectores de actividade económicos da indústria, face às actividades de indústria e produtos e serviços prestados oriundos das mesmas actividades em uso, utilização e consumo no reino de Portugal, bem como pelos alertas ao consumo das mesmas actividades da indústria e produtos e serviços prestados oriundos das mesmas actividades.

ARTIGO VIGÉSIMO – LIXOS E DETRITOS DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO.

1 – Todos os lixos e detritos produzidos pelos sectores de actividade económicos das solanáceas e do tabaco na realização do seu exercício profissional deverão ser decompostos, reciclados ou incinerados de acordo com a defesa, segurança e protecção da propagação de vírus e bactérias no meio ambiente.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO – ABUSO DE PATENTE E PIRATARIA.

1 – O abuso de patente e a pirataria de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades é punido nos termos do disposto nos artigos 1º e 2º, do capítulo quarto, do título primeiro, da parte segunda do CÓDIGO PENAL respectivamente.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO – RECLASSIFICAÇÃO DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO E DOS PRODUTOS E SERVIÇOS PRESTADOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS MESMAS ACTIVIDADES.

1 – As actividades das solanáceas e do tabaco e produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades que no âmbito do presente diploma venham a ser reclassificados, só podem ser detidos e utilizados nos termos permitidos pelo presente diploma.

2 – Se o titular da actividade das solanáceas ou do tabaco, ou do produto ou serviço prestado proveniente ou oriundo das mesmas actividades reclassificado não possuir as condições inerentes à sua detenção, uso e utilização no âmbito do presente diploma, tem o prazo de 183 dias a partir da data de publicação do presente diploma até à sua entrada em vigor para proceder nos termos da lei à sua comunicação, transmissão ou inutilização, sob pena de o mesmo ser declarado perdido a favor do estado.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO – TRANSIÇÃO PARA O NOVO REGIME LEGAL.

1 – Os alvarás de solanáceo concedidos ao abrigo da legislação anterior são convertidos ao abrigo do presente diploma, durante os 183 dias que medeia entre a publicação do presente diploma e a sua entrada em vigor.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO – MANIFESTO VOLUNTÁRIO.

1 – Todos os cidadãos ou entidades a operar ilicitamente no exercício das actividades constantes do presente diploma de produção, fabrico e comercialização de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, devem durante os 183 dias que medeiam entre a publicação do presente diploma e a sua entrada em vigor, denunciar o exercício da actividade às autoridades das solanáceas e do tabaco competentes ou a sua posse ao órgão de soberania policial da sua área de residência e requerer a continuidade do exercício da actividade ou a sua apresentação a exame e análise, não se processando o respectivo procedimento criminal, sob o compromisso de emissão pelo real instituto do tabaco português de autorização nos termos da lei para a prossecução do exercício da respectiva actividade.

2 – As mercadorias são depositadas no respectivo órgão de soberania policial, sendo após o exame e análise a requerimento do interessado e tendo presente a sua legalização nos termos do presente diploma, transferidas sob medidas de segurança para a reserva real do real instituto do tabaco português competente, sendo o seu proprietário indemnizado pelo montante do seu valor produtivo ou industrial sempre que as mesmas sejam comerciáveis, ficando o seu proprietário a aguardar a correspondente emissão da autorização nos termos da lei para o exercício da actividade em exercício.

3 – Sempre que o detentor de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma não declarados e provenientes de actividades ilícitas possuir autorização nos termos da lei para o exercício da referida actividade ou de outras actividades constantes do presente diploma, compete às autoridades das solanáceas e do tabaco competentes declarar o continuo do exercício da actividade até à emissão pelo real instituto do tabaco português de autorização nos termos da lei para a prossecução do exercício da respectiva actividade ou ao órgão de soberania policial proceder após o seu exame e análise à sua transferência no imediato para a reserva real do real instituto do tabaco português competente, não havendo lugar a procedimento criminal e sendo o seu

proprietário no caso dos produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco indemnizado por via do ciclo económico produtivo ou comercial pelo montante do seu valor produtivo ou industrial sempre que os mesmos sejam comerciáveis.

4 – Todas as actividades das solanáceas e do tabaco e produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, que na emissão da autorização ou no exame e análise de avaliação e peritagem do seu estado, características e classificação não puderem ser legalizados, por estarem compreendidos nas actividades das solanáceas e do tabaco e produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades indesejáveis ou por se encontrarem deteriorados ou adulterados e sempre que os mesmos não se revistam de interesse didáctico ou científico ou não forem solicitadas amostras por quaisquer entidades, compete ao respectivo proprietário proceder à declaração de cessação da actividade ou de destruição, sob pena de exercício ilícito de actividade ou de os produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco serem considerados declarados perdidos a favor do estado e consequentemente destruídos nos termos da lei, não existindo lugar a qualquer indemnização.

5 – Deveram nos termos do número 1 ser denunciados no mesmo acto os respectivos percursos, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma em posse do seu proprietário.

6 – Todo o cidadão ou entidade que com excepção das quantias diminutas de produtos provenientes ou oriundos das actividades das solanáceas e do tabaco para consumo próprio, exercer, deter ou possuir actividades das solanáceas ou do tabaco, ou produtos ou serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como percursos, matérias-primas ou matérias subsidiárias constantes do presente diploma e que as não denunciar às autoridades das solanáceas e do tabaco competentes ou não proceder ao respectivo exame e análise, é punido pelo crime de tráfico e outras actividades ilícitas.

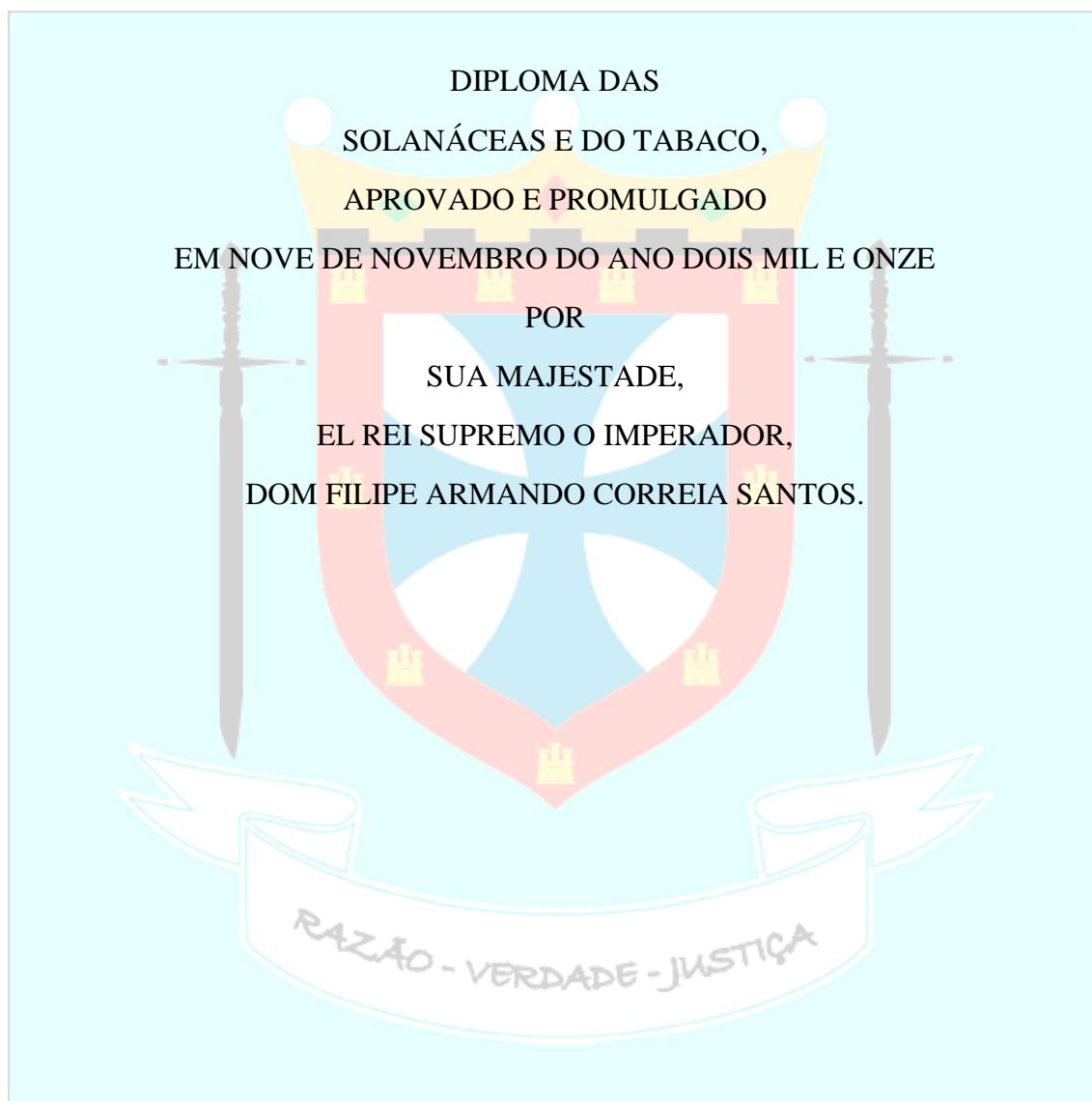
ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO – INFORMAÇÃO AOS SOLANÁCEOS.

1 – As publicações destinadas exclusivamente a produtores, fabricantes e comerciantes de estabelecimentos de venda ao público de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades constantes do presente diploma, bem como a divulgação da realização de eventos da especialidade, feiras e certames das solanáceas ou do tabaco ou agrícolas, devem referir as características, especificidades e região demarcada ou estado soberano do produto a que corresponde.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO – ENTRADA EM VIGOR.

1 – O presente diploma entra em vigor em todo o reino de Portugal passados 183 dias da sua publicação, divulgação e difusão pelos meios de comunicação social da CASA

IMPERIAL PORTUGUESA, devendo ser adoptado até ao momento do acto, os procedimentos regulamentares orgânicos, técnicos e tecnológicos exigidos à aplicação do presente diploma, vigorando até à sua entrada os decretos-leis promulgados pelo regime republicano sobre a produção, fabrico, comercialização e consumo de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos e serviços prestados provenientes ou oriundos das mesmas actividades, bem como de percussores, matérias-primas e matérias subsidiárias constantes do presente diploma.



REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS

COMPOSIÇÃO:

1 – REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS – 24 Horas/Dia – 3 Turnos.

86 Elementos X 1 430 Contos X 1 Instituto X 12 Meses = 1 475 760 Contos.

9 – RESERVAS REAIS REGIONAIS – 24 Horas/Dia – 3 Turnos.

129 Elementos X 715 Contos X 9 Reservas X 12 Meses = 9 961 380 Contos.

SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICOS DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO:

PRODUÇÃO de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades:

550 – PRODUTORES X 230 000 Contos Facturação.

550 P X 230 000 F = 126 500 000 Contos Facturação.

Real instituto do tabaco português:

10% X 126 500 000 Contos = 12 650 000 Contos.

FABRICO de actividades das solanáceas e do tabaco e de produtos provenientes ou oriundos das mesmas actividades:

550 – FABRICANTES X 230 000 Contos Facturação.

550 F X 230 000 F = 126 500 000 Contos Facturação.

Real instituto do tabaco português:

10% X 126 500 000 Contos = 12 650 000 Contos.

PRESTADORES DE SERVIÇOS de actividades das solanáceas e do tabaco:

PREPARAÇÃO, SECAGEM, CONSERVAÇÃO, EMBALAMENTO E
OUTRAS ACTIVIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DAS
SOLANÁCEAS E DO TABACO,

6 MUNICIPAIS X 550 MUNICIPIOS = 3 300 PRESTADORES

Facturação de serviços prestados – 60 Contos/Dia.

$60 \text{ F X } 3\,300 \text{ P X } 365 \text{ D} = 72\,270\,000 \text{ Contos Facturação.}$

$72\,270\,000 \text{ F X } 10\% = 7\,227\,000 \text{ Contos.}$

DEMAIS SECTORES DE ACTIVIDADES ECONÓMICAS dependentes de
PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS
SOLANÁCEAS E DO TABACO:

OUTRAS INDÚSTRIAS dependentes de produtos provenientes ou oriundos das
actividades das solanáceas e do tabaco:

100 – INDUSTRIAIS X 4 Autorizações Mensais.

Facturação de produtos – 10 000 000 Contos.

$100 \text{ I X } 4 \text{ A X } 12 \text{ M} = 4\,800 \text{ Autorizações.}$

$10\,000\,000 \text{ F X } 10\% \text{ A} = 1\,000\,000 \text{ Contos Autorizações.}$

COMERCIAIS dependentes de produtos provenientes ou oriundos das
actividades das solanáceas e do tabaco:

TABACARIAS:

10 Municipais X 550 Municípios = 5 500 TABACARIAS;

Facturação de produtos – 50 Contos/Dia.

$5\,500 \text{ T X } 1 \text{ A X } 12 \text{ M} = 66\,000 \text{ Autorizações.}$

$50 \text{ F X } 5\,500 \text{ T X } 365 \text{ D} = 100\,375\,000 \text{ Contos Facturação.}$

$100\,375\,000 \text{ F X } 10\% \text{ A} = 10\,037\,500 \text{ Contos Autorizações.}$

HIPER-MERCADOS, SUPERMERCADOS E MERCADOS:

3 Municipais x 550 Municípios = 1 650 – HIPER-MERCADOS.

57 Municipais x 550 Municípios = 31 350 SUPERMERCADOS.

38 Municipais x 550 Municípios = 20 900 MERCADOS.

Facturação de produtos – 20 Contos/Dia.

53 900 E X 1 A X 12 M = 646 800 Autorizações.

20 F X 53 900 E X 365 D = 393 470 000 Contos Facturação.

393 470 000 F X 10% A = 39 347 000 Contos Autorizações.

HOTELARIA, RESTAURAÇÃO E PANIFICAÇÃO;

57 Municipais X 550 Municípios = 31 350 – HOTELARIA.

57 Municipais X 550 municípios = 31 350 – RESTAURAÇÃO.

38 Municipais x 550 Municípios = 20 900 – PANIFICAÇÃO.

Facturação de produtos – 20 Contos/Dia.

83 600 E X 1 A X 12 M = 1 003 200 Autorizações.

20 F X 83 600 E X 365 D = 610 280 000 Contos Facturação.

610 280 000 F X 10% A = 61 028 000 Contos Autorizações.

DEMAIS SECTORES ECONÓMICOS:

CANTINAS SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICOS:

57 Municipais X 550 Municípios = 31 350 CANTINAS.

EVENTOS ECONÓMICOS, HUMANOS E CULTURAIS:

2 Municipais X 550 Municípios = 1 100 EVENTOS.

Facturação de produtos – 20 Contos/Dia.

32 450 E X 1 A X 12 M = 389 400 Autorizações.

20 F X 32 450 E X 365 D = 236 885 000 Contos Facturação.

236 885 000 F X 10% A = 23 688 500 Contos Autorizações.

AUTORIZAÇÕES de início de actividade e de reposição de existências correspondentes a 10% do total da Facturação.

REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS

RECEITAS

PRODUÇÃO – 12 650 000 Contos.

FABRICO – 12 650 000 Contos.

PRESTADORES DE SERVIÇOS de actividades das solanáceas e do tabaco:

PREPARAÇÃO, SECAGEM, CONSERVAÇÃO, EMBALAMENTO E
OUTRAS ACTIVIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DAS SOLANÁCEAS E
DO TABACO – 7 227 000 Contos.

AUTORIZAÇÕES:

AUTORIZAÇÃO A OUTRAS INDUSTRIAS – 1 000 000 Contos.

TABACARIAS – 10 037 500 Contos.

HIPER-MERCADOS, SUPERMERCADOS E MERCADOS – 39 347 000
Contos.

HOTELARIA, RESTAURAÇÃO E PANIFICAÇÃO – 61 028 000 Contos.

DEMAIS SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICOS – 23 688 500 Contos.

TOTAL DE RECEITAS ANUAIS – 167 628 000 Contos.

CUSTOS

REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS – 1 475 760 Contos.

RESERVAS REAIS – 9 961 380 Contos.

CRÉDITOS DA FROTA DE TRANSPORTES – 3 190 860 Contos.

MUSEU NACIONAL DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 2 000 000 Contos.

CENTROS DE TRATAMENTO E REABILITAÇÃO DE TABAGISTAS:

43 CENTROS CONCELHIOS X 1 000 000 Contos Custos = 43 000 000 Contos.

REFLORESTAÇÃO DE ESPÉCIES VEGETAIS – 108 000 000 Contos.

TOTAL DE CUSTOS ANUAIS – 167 628 000 Contos.

SALDO ANUAL
DO EXERCÍCIO DA ACTIVIDADE INSTITUCIONAL DO
REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS

RECEITAS ANUAIS – 167 628 000 Contos.

CUSTOS ANUAIS – 167 628 000 Contos.

SALDO ANUAL INSTITUCIONAL – 0 Contos.

ÍNDICE

DIPLOMA DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO:

DIPLOMA DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 1:

TÍTULO PRIMEIRO – SOLANÁCEAS E TABACO – 2.

CAPÍTULO PRIMEIRO – DISPOSIÇÕES GERAIS – 2.

ARTIGO PRIMEIRO – OBJECTO E DEFINIÇÕES – 2.

ARTIGO SEGUNDO – TABELAS – 4.

ARTIGO TERCEIRO – ÂMBITO DA APLICAÇÃO E DO CONTROLO – 6.

ARTIGO QUARTO – LEIS E CONCEITOS TÉCNICOS – 6.

ARTIGO QUINTO – DEVER GERAL DE INFORMAÇÃO – 6.

ARTIGO SEXTO – LIBERALIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO E DOS PRODUTOS E SERVIÇOS PRESTADOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS MESMAS ACTIVIDADES – 7.

ARTIGO SÉTIMO – MINISTROS DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 7.

CAPÍTULO SEGUNDO – AUTORIZAÇÃO, LICENCIAMENTO E FISCALIZAÇÃO – 7.

ARTIGO PRIMEIRO – LICENCIAMENTOS, CONDICIONAMENTOS E AUTORIZAÇÕES – 7.

ARTIGO SEGUNDO – PROCESSAMENTO DE AUTORIZAÇÃO – 9.

ARTIGO TERCEIRO – FISCALIZAÇÃO – 10.

ARTIGO QUARTO – NATUREZA DAS AUTORIZAÇÕES – 11.

ARTIGO QUINTO – REQUISITOS SUBJECTIVOS – 12.

ARTIGO SEXTO – MANUTENÇÃO E CADUCIDADE DA AUTORIZAÇÃO – 12.

ARTIGO SÉTIMO – REVOGAÇÃO OU SUSPENSÃO DA AUTORIZAÇÃO – 12.

ARTIGO OITAVO – EFEITOS DA REVOGAÇÃO DA AUTORIZAÇÃO – 13.

ARTIGO NONO – REGISTO DE ACTIVIDADE – 13.

ARTIGO DÉCIMO – IMPORTAÇÃO, INTRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO E EXPEDIÇÃO – 13.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – COMPETÊNCIA FISCALIZADORA DOS ÓRGÃOS DE SOBERANIA FISCAIS E DAS ENTIDADES ALFANDEGÁRIAS – 15.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – DEVER DE COMUNICAÇÃO – 16.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – SEGURANÇA, RESERVAS REAIS E TRANSPORTE – 16.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADÃOS – 16.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – PROVISÕES PARA MEIO DE TRANSPORTE INTERNACIONAL – 17.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – TAXAS – 17.

CAPÍTULO TERCEIRO – COORDENAÇÃO, COOPERAÇÃO E CONTROLO – 17.

ARTIGO PRIMEIRO – DIRECÇÃO GERAL DAS ALFÂNDEGAS – 18.

ARTIGO SEGUNDO – INFRACÇÕES ALFANDEGÁRIAS – 18.

ARTIGO TERCEIRO – COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL – 18.

ARTIGO QUARTO – DEVER DE DENÚNCIA – 18.

ARTIGO QUINTO – CONTROLO – 19.

CAPÍTULO QUARTO – SOLANÁCEOS – 19.

ARTIGO PRIMEIRO – CONCESSÃO DE ALVARÁS – 19.

ARTIGO SEGUNDO – TIPOS DE ALVARÁS – 20.

ARTIGO TERCEIRO – PROIBIÇÃO DE CEDÊNCIA DE ALVARÁ – 22.

ARTIGO QUARTO – CASSAÇÃO DO ALVARÁ – 22.

ARTIGO QUINTO – COMÉRCIO ELECTRÓNICO ENTRE SOLANÁCEOS NACIONAIS – 22.

ARTIGO SEXTO – OBRIGAÇÕES ESPECIAIS DOS SOLANÁCEOS NO EXERCÍCIO DA ACTIVIDADE – 23.

ARTIGO SÉTIMO – OBRIGAÇÕES ESPECIAIS DOS SOLANÁCEOS NA VENDA AO PÚBLICO – 23.

ARTIGO OITAVO – PROIBIÇÃO DE FORNECIMENTO DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 24.

ARTIGO NONO – ENTIDADES DAS SOLANÁCEAS – 24.

ARTIGO DÉCIMO – ENTIDADES DO TABACO – 25.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – ENTIDADES DOS ACESSÓRIOS E DOS UTENSÍLIOS DO TABACO – 25.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – TABACARIAS – 25.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – HIPER-MERCADOS, SUPERMERCADOS E MERCADOS – 26.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – HOTELARIA, RESTAURAÇÃO E PANIFICAÇÃO – 26.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – OUTROS ESTABELECIMENTOS – 26.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – OBRIGAÇÕES ESPECIAIS DOS SOLANÁCEOS NA PREPARAÇÃO, SECAGEM, CONSERVAÇÃO, EMBALAMENTO E OUTRAS ACTIVIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 27.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO – ENTIDADES DE PREPARAÇÃO, SECAGEM, CONSERVAÇÃO, EMBALAMENTO E OUTRAS ACTIVIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 27.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO – CONTROLO DE CONSUMO – 28.

ARTIGO DÉCIMO NONO – SUBTRACÇÃO, EXTRAVIO E DETERIORAÇÃO – 28.

ARTIGO VIGÉSIMO – TABAQUEIRAS – 28.

CAPÍTULO QUINTO – TRÁFICO, BRANQUEAMENTO E OUTRAS INFRACÇÕES – 29.

ARTIGO PRIMEIRO – TRÁFICO E OUTRAS ACTIVIDADES ILÍCITAS – 29.

ARTIGO SEGUNDO – MATÉRIAS-PRIMAS E MATÉRIAS SUBSIDIÁRIAS – 31.

ARTIGO TERCEIRO – PERCURSORES – 32.

ARTIGO QUARTO – TRÁFICO DE MENOR GRAVIDADE – 33.

ARTIGO QUINTO – ABUSO DE EXERCÍCIO DE PROFISSÃO – 34.

ARTIGO SEXTO – ASSOCIAÇÃO CRIMINOSA – 36.

ARTIGO SÉTIMO – INCITAMENTO AO USO, UTILIZAÇÃO E CONSUMO – 38.

ARTIGO OITAVO – TRÁFICO E CONSUMO ILÍCITO EM LUGARES PÚBLICOS OU DE REUNIÃO – 39.

ARTIGO NONO – DESOBEDIÊNCIA QUALIFICADA – 41.

ARTIGO DÉCIMO – RESPONSABILIDADE PENAL DAS PESSOAS COLECTIVAS OU EQUIPARADAS – 42.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – REPATRIAMENTO DE ESTRANGEIROS E ENCERRAMENTO DE ESTABELECIMENTO – 42.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – PERDA DE OBJECTOS – 43.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – BENS MATERIAIS OU DIREITOS RELACIONADOS COM O FACTO – 43.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – DEFESA DE DIREITOS DE BOA-FÉ DE TERCEIROS – 43.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – BENS TRANSFORMADOS, CONVERTIDOS OU MISTURADOS – 44.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – LUCROS E OUTROS BENEFÍCIOS – 44.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO – DESTINO DOS BENS DECLARADOS PERDIDOS A FAVOR DO ESTADO – 44.

CAPÍTULO SEXTO – CONSUMO E TRATAMENTO – 45.

ARTIGO PRIMEIRO – CONSUMO – 45.

ARTIGO SEGUNDO – OBRIGAÇÕES E COMPROMISSO DE TODO O CONSUMIDOR DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 46.

ARTIGO TERCEIRO – PROIBIÇÃO DE COMPRA E CONSUMO DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 47.

ARTIGO QUARTO – ATENDIMENTO E TRATAMENTO DE CONSUMIDORES – 47.

ARTIGO QUINTO – ÓRGÃOS DE SOBERANIA JURÍDICOS – 48.

ARTIGO SEXTO – EXAME MÉDICO DE CONSUMIDOR HABITUAL – 48.

ARTIGO SÉTIMO – DECLARAÇÃO EDUCATIVA, LABORAL E FAMILIAR – 49.

ARTIGO OITAVO – AVALIAÇÃO GERAL DO CONSUMIDOR – 49.

ARTIGO NONO – PROCESSO DE TRATAMENTO VOLUNTÁRIO – 50.

ARTIGO DÉCIMO – SUSPENSÃO DE PENA E OBRIGAÇÃO DE TRATAMENTO – 51.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – SUSPENSÃO COM REGIME DE PROVA – 51.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – CONSUMIDOR EM PRISÃO PREVENTIVA OU EM CUMPRIMENTO DE PENA – 52.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – TRATAMENTO NO ÂMBITO DE PROCESSO PENDENTE – 52.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – OBRIGAÇÕES E COMPROMISSOS DE TODO O PROFISSIONAL DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 52.

TÍTULO SEGUNDO – CICLO ECONÓMICO – 54.

CAPÍTULO PRIMEIRO – PRODUÇÃO E FABRICO – 54.

ARTIGO PRIMEIRO – PRODUÇÃO E FABRICO – 54.

ARTIGO SEGUNDO – ENTIDADES DAS SOLANÁCEAS – 56.

ARTIGO TERCEIRO – ENTIDADES DO TABACO – 56.

ARTIGO QUARTO – ENTIDADES DOS ACESSÓRIOS E DOS UTENSÍLIOS DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 57.

ARTIGO QUINTO – PRODUTO FINAL – 57.

ARTIGO SEXTO – QUOTAS DE PRODUÇÃO E FABRICO – 58.

ARTIGO SÉTIMO – PROIBIÇÃO DE AMOSTRAS – 58.

ARTIGO OITAVO – AVALIAÇÃO DO PROCESSO – 59.

ARTIGO NONO – ANÁLISE DO PRODUTO FINAL – 59.

ARTIGO DÉCIMO – EXPERIÊNCIAS CIENTÍFICAS – 59.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – PROCESSAMENTO DO CICLO ECONÓMICO PRODUTIVO – 59.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – FORNECIMENTOS ESPECÍFICOS – 61.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – CONTRIBUIÇÃO PARA O REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS – 61.

CAPÍTULO SEGUNDO – COMÉRCIO E SERVIÇOS – 62.

ARTIGO PRIMEIRO – TABACARIAS – 62.

ARTIGO SEGUNDO – HIPER-MERCADOS, SUPERMERCADOS E MERCADOS – 62.

ARTIGO TERCEIRO – HOTELARIA, RESTAURAÇÃO E PANIFICAÇÃO – 63.

ARTIGO QUARTO – DEMAIS SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICOS – 64.

ARTIGO QUINTO – SERVIÇOS PRESTADOS – 65.

ARTIGO SEXTO – PRODUTORES E FABRICANTES – 66.

ARTIGO SÉTIMO – PROCESSAMENTO DO CICLO ECONÓMICO COMERCIAL – 66.

CAPÍTULO TERCEIRO – IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO, INTRODUÇÃO, EXPEDIÇÃO E TRÂNSITO – 67.

ARTIGO PRIMEIRO – IMPORTAÇÃO E INTRODUÇÃO – 68.

ARTIGO SEGUNDO – EXPORTAÇÃO E EXPEDIÇÃO – 68.

ARTIGO TERCEIRO – DECLARAÇÃO DE IMPORTAÇÃO E DECLARAÇÃO DE EXPORTAÇÃO – 69.

ARTIGO QUARTO – ACORDO COMERCIAL – 69.

ARTIGO QUINTO – ANÁLISE DOS PRODUTOS IMPORTADOS E INTRODUZIDOS – 70.

ARTIGO SEXTO – EXPORTAÇÃO OU EXPEDIÇÃO PROIBIDA – 70.

ARTIGO SÉTIMO – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO DE TRÂNSITO E TRANSBORDO – 70.

ARTIGO OITAVO – OUTROS CONDICIONALISMOS – 71.

CAPÍTULO QUARTO – REGISTOS INFORMÁTICOS DE CONTROLO – 71.

ARTIGO PRIMEIRO – DISPOSIÇÕES COMUNS – 71.

ARTIGO SEGUNDO – REGISTO DE ENTRADAS E SAÍDAS – 71.

ARTIGO TERCEIRO – REGISTO DE ENTRADA E DE SAÍDA DO CICLO DE PRODUÇÃO E FABRICO – 72.

ARTIGO QUARTO – SUBTRACÇÃO, EXTRAVIO E INUTILIZAÇÃO DE REGISTOS – 72.

ARTIGO QUINTO – REGISTO DAS EXISTÊNCIAS – 72.

CAPÍTULO QUINTO – PUBLICIDADE, TRATAMENTO, SEGURANÇA, ESTOJOS, EMBALAMENTO, CONSERVAÇÃO, RÓTULOS E FOLHETO INFORMATIVO – 74.

ARTIGO PRIMEIRO – PROIBIÇÃO DE PUBLICIDADE – 74.

ARTIGO SEGUNDO – TRATAMENTO, SEGURANÇA, ESTOJOS, EMBALAMENTO, CONSERVAÇÃO E RÓTULOS – 74.

ARTIGO TERCEIRO – FOLHETO INFORMATIVO – 74.

CAPÍTULO SEXTO – RESPONSABILIDADE CRIMINAL – 75.

ARTIGO PRIMEIRO – ACTO PROCESSUAL JURÍDICO – 75.

ARTIGO SEGUNDO – PROCEDIMENTO JURÍDICO – 75.

ARTIGO TERCEIRO – IMPORTAÇÃO, INTRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO E EXPEDIÇÃO ILÍCITAS – 75.

ARTIGO QUARTO – TRATAMENTO, SEGURANÇA, ESTOJOS, EMBALAMENTO, CONSERVAÇÃO, ROTULAGEM E FOLHETOS INFORMATIVOS – 77.

ARTIGO QUINTO – ELEMENTOS ERRADOS – 77.

ARTIGO SEXTO – LICENÇA E AUTORIZAÇÃO – 79.

ARTIGO SÉTIMO – QUEBRA DE COOPERAÇÃO – 80.

ARTIGO OITAVO – INICIO DE ACTIVIDADE – 81.

ARTIGO NONO – DESALFANDEGAMENTO – 82.

ARTIGO DÉCIMO – APREENSÕES – 83.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – CICLO ECONÓMICO – 83.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – SUBTRACÇÃO, EXTRAVIO E DETERIORAÇÃO – 84.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – DEVERES DE SEGURANÇA – 85.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – CONTRIBUIÇÃO – 86.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – PUBLICIDADE – 87.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – DIRECÇÃO DAS SOLANÁCEAS, OUTRAS DIRECÇÕES E RESPONSÁVEIS PELA AUTORIZAÇÃO – 87.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO – DENÚNCIA – 87.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO – FRONTEIRAS – 89.

ARTIGO DÉCIMO NONO – REVISTA – 90.

ARTIGO VIGÉSIMO – RESERVAS REAIS – 91.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO – REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS – 93.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO – AMOSTRAS – 93.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO – REGISTOS INFORMÁTICOS – 94.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO – DOCUMENTOS, LICENÇAS E AUTORIZAÇÕES – 95.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO – BEATAS – 96.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO – TABACO AO ALCANCE DE CRIANÇAS – 96.

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO – ACTOS PREPARATÓRIOS NOS CRIMES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 98.

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO – PENAS ACESSÓRIAS – 98.

TÍTULO TERCEIRO – DISPOSIÇÕES NORMATIVAS – 98.

CAPÍTULO PRIMEIRO – LEGISLAÇÃO SUBSIDIÁRIA – 98.

ARTIGO PRIMEIRO – LEGISLAÇÃO PENAL – 98.

ARTIGO SEGUNDO – APLICAÇÃO DA LEI PENAL PORTUGUESA – 98.

ARTIGO TERCEIRO – MEDIDAS RESPEITANTES A MENORES – 99.

ARTIGO QUARTO – LEGISLAÇÃO PROCESSUAL PENAL – 99.

ARTIGO QUINTO – PERÍCIA MÉDICO-LEGAL – 99.

ARTIGO SEXTO – REVISTA – 99.

ARTIGO SÉTIMO – FISCALIZAÇÃO E CONTROLO DOS CONSUMIDORES – 100.

ARTIGO OITAVO – EXERCÍCIO DA ACTIVIDADE DE SOLANÁCEO POR PESSOAS COLECTIVAS – 100.

ARTIGO NONO – SECTORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICOS E RECINTOS DE REALIZAÇÃO DE EVENTOS – 100.

ARTIGO DÉCIMO – INDUSTRIAIS E OUTROS FINS – 101.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – PROIBIÇÃO DE MÁQUINAS DE TABACO – 101.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – EVENTOS PROMOCIONAIS – 102.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – SERVIÇOS COMPLEMENTARES – 102.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – RESPONSABILIDADE CIVIL – 102.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – REGISTO INFORMÁTICO DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO APREENDIDOS – 102.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – APREENSÃO DE PRODUTO PROVENIENTE OU ORIUNDO DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 103.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO – PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO DECLARADOS PERDIDOS A FAVOR DO ESTADO – 103.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO – LEILÕES DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 104.

ARTIGO DÉCIMO NONO – PUBLICIDADE DA VENDA EM LEILÃO – 105.

ARTIGO VIGÉSIMO – ENTREGA OBRIGATÓRIA DE PRODUTO PROVENIENTE OU ORIUNDO DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO ACHADO – 106.

CAPÍTULO SEGUNDO – NORMAS ESPECIAIS – 106.

ARTIGO PRIMEIRO – INVESTIGAÇÃO CRIMINAL – 106.

ARTIGO SEGUNDO – COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL – 106.

ARTIGO TERCEIRO – REGISTO CENTRAL – 107.

ARTIGO QUARTO – COOPERAÇÃO INTERNACIONAL – 107.

ARTIGO QUINTO – PRESTAÇÃO DE INFORMAÇÕES E APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTOS – 108.

ARTIGO SEXTO – EXAME E DESTRUIÇÃO DE PRODUTOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO APREENDIDOS – 108.

ARTIGO SÉTIMO – AMOSTRAS PEDIDAS POR ENTIDADES ESTRANGEIRAS – 109.

ARTIGO OITAVO – COMUNICAÇÃO DAS DECISÕES – 109.

ARTIGO NONO – MISSÃO – 110.

ARTIGO DÉCIMO – FROTA DO REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS – 110.

CAPÍTULO TERCEIRO – DISPOSIÇÕES FINAIS – 110.

ARTIGO PRIMEIRO – REPRESENTAÇÃO INTERNACIONAL – 110.

ARTIGO SEGUNDO – OPERAÇÕES ESPECIAIS DE PREVENÇÃO CRIMINAL – 111.

ARTIGO TERCEIRO – ACTIVIDADES DE PREVENÇÃO – 113.

ARTIGO QUARTO – RELATÓRIO ANUAL – 114.

ARTIGO QUINTO – DIAGNÓSTICO, QUALIFICAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DE ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO E DE PRODUTOS E SERVIÇOS PRESTADOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS MESMAS ACTIVIDADES – 114.

ARTIGO SEXTO – ESPÉCIES MARINHAS EM VIAS DE EXTINÇÃO – 115.

ARTIGO SÉTIMO – ESPÉCIES ANIMAIS EM VIAS DE EXTINÇÃO – 116.

ARTIGO OITAVO – ESPÉCIES VEGETAIS EM VIAS DE EXTINÇÃO – 116.

ARTIGO NONO – MATURIDADE DAS ÁRVORES PARA ABATE – 116.

ARTIGO DÉCIMO – ESPÉCIES VEGETAIS NOCIVAS AO SOLO – 116.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO – MINERAIS EM VIAS DE EXTINÇÃO – 116.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO – REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS – 117.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO – PARAÍSO FISCAL – 117.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO – PRIVATIZAÇÃO DAS ENTIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO PÚBLICAS – 117.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO – ENTIDADE REGULADORA DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 118.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO – INSPECTORES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 118.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO – PROIBIÇÃO DE ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 118.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO – CONSELHO DO PROVEDOR DA AGRICULTURA E DOS VEGETAIS – 118.

ARTIGO DÉCIMO NONO – CONSELHO DO PROVEDOR DA INDÚSTRIA – 119.

ARTIGO VIGÉSIMO – LIXOS E DETRITOS DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO – 119.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO – ABUSO DE PATENTE E PIRATARIA – 119.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO – RECLASSIFICAÇÃO DAS ACTIVIDADES DAS SOLANÁCEAS E DO TABACO E DOS PRODUTOS E SERVIÇOS PRESTADOS PROVENIENTES OU ORIUNDOS DAS MESMAS ACTIVIDADES – 119.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO – TRANSIÇÃO PARA O NOVO REGIME LEGAL – 120.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO – MANIFESTO VOLUNTÁRIO – 120.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO – INFORMAÇÃO AOS SOLANÁCEOS – 121.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO – ENTRADA EM VIGOR – 121.

REAL INSTITUTO DO TABACO PORTUGUÊS – ECONOMIA – 123.

ÍNDICE – 128.

